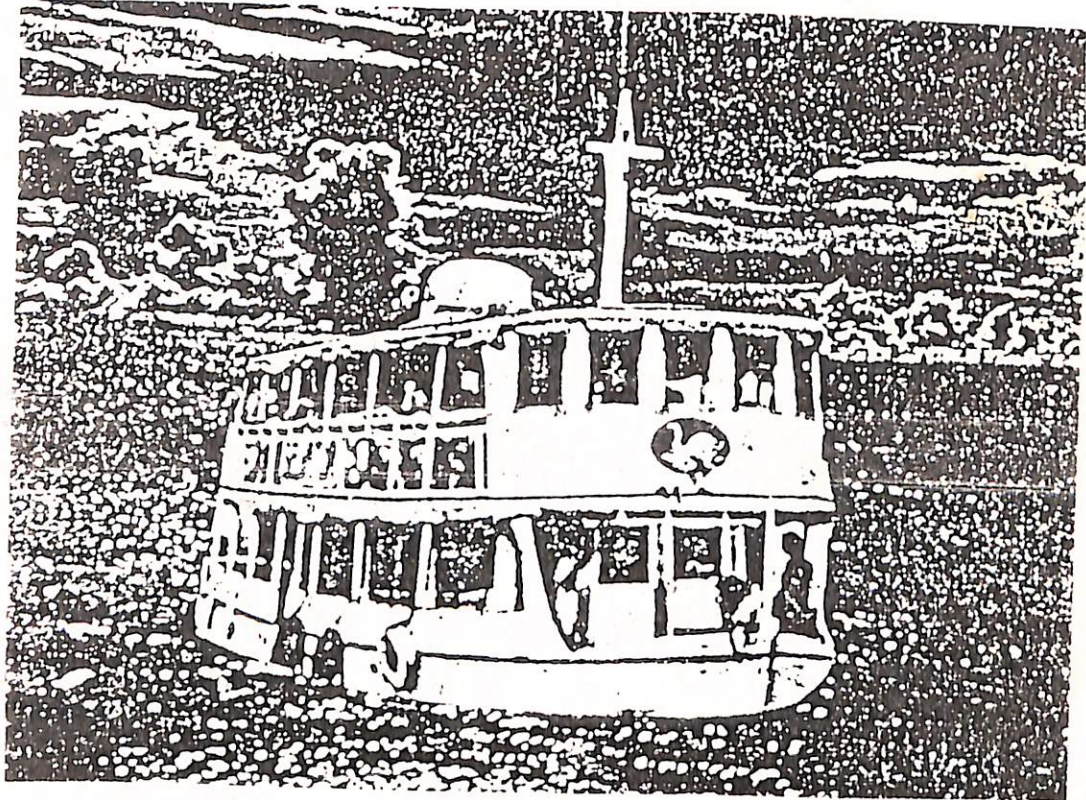


GERALDO SANTOS PEREIRA



# AMAZONAS, AMAZÔNIA

R o m a n c e

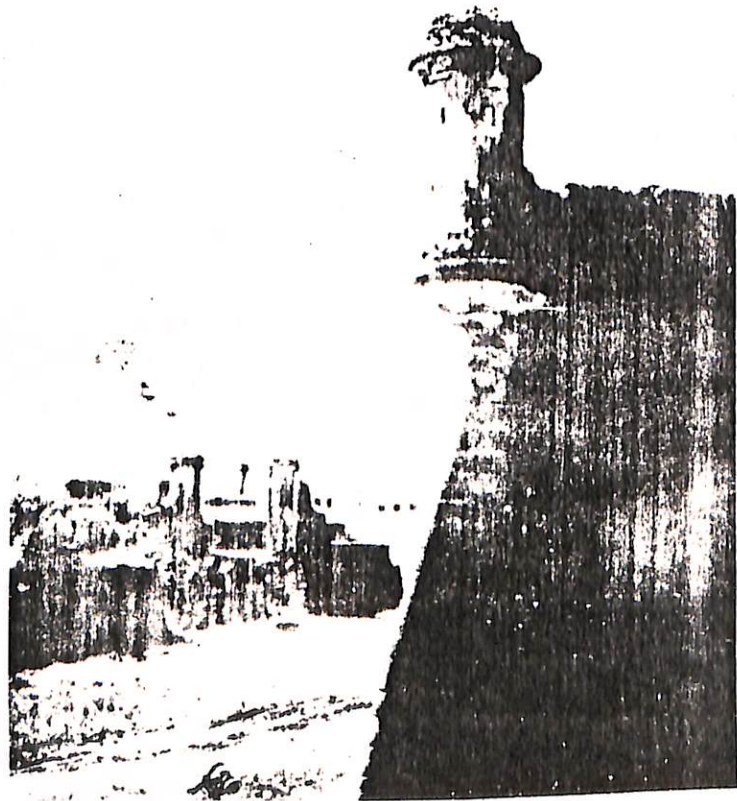
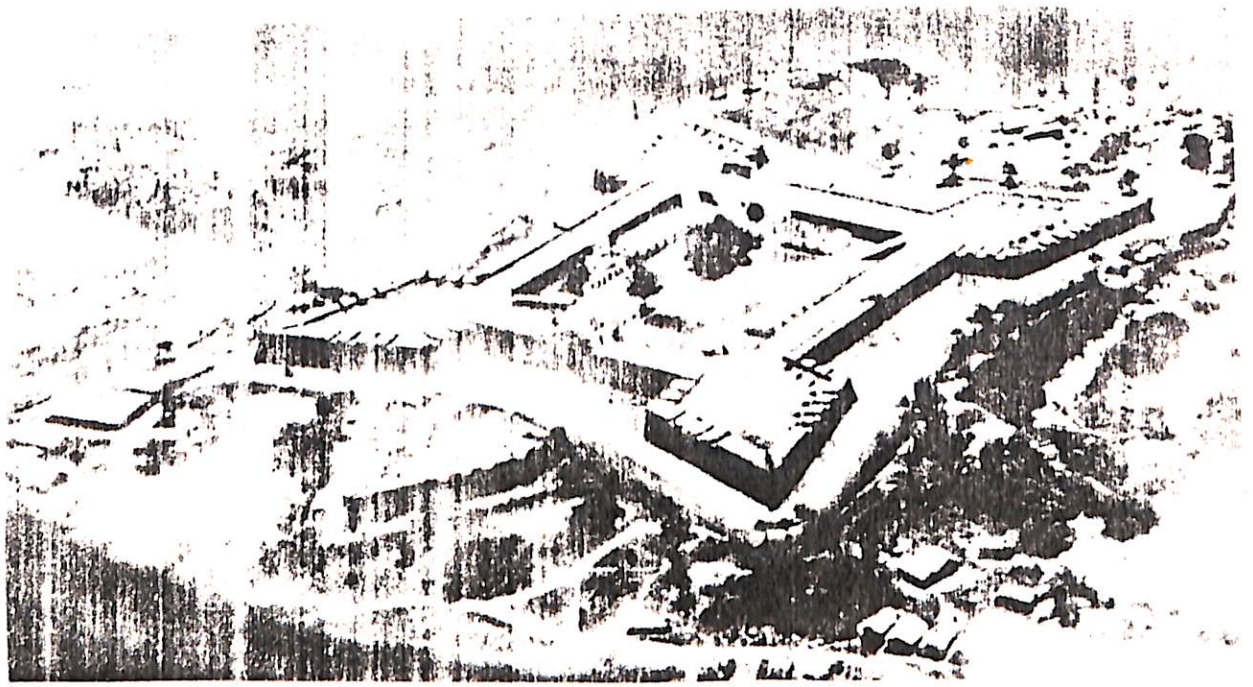
Rio de Janeiro

1990

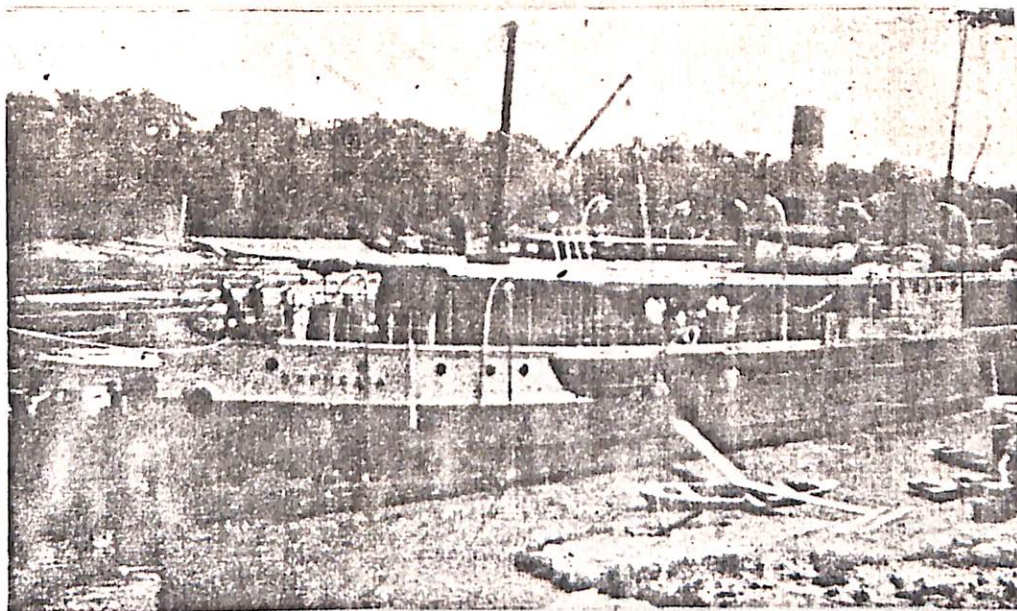


AMAZONAS,

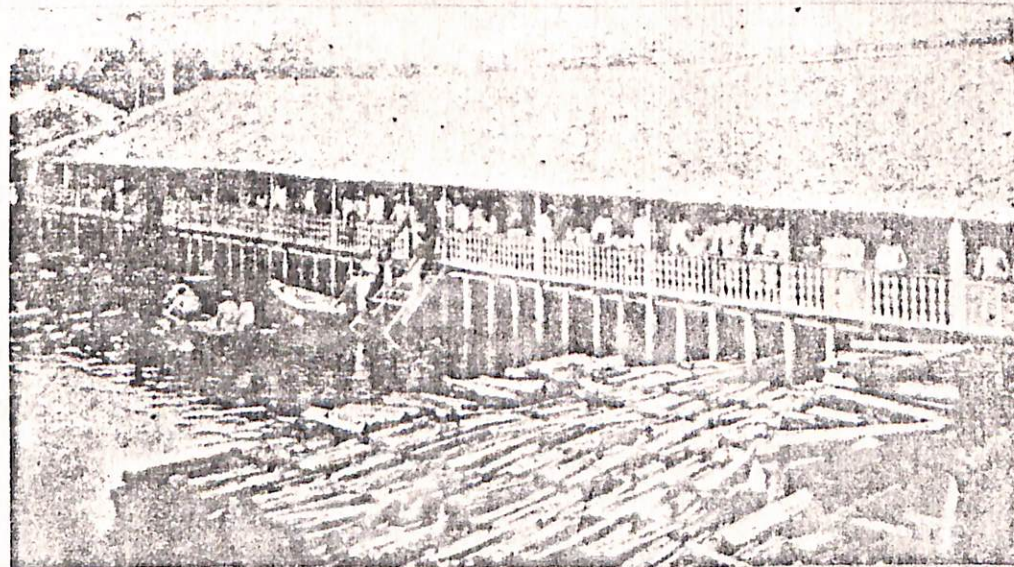
AMAZÔNIA



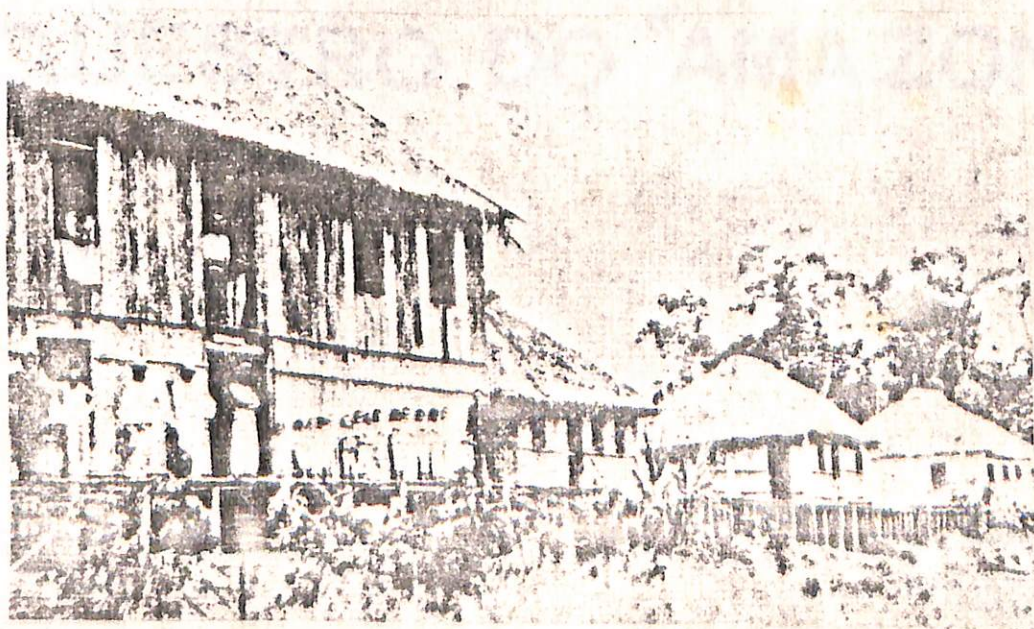
A "PENITENCIÁRIA DE LA  
CONCEPCIÓN", EM IQUITOS



O "gaiola"



O trapiche



O povoado



## O SEQÜESTRO DO «AMAZONAS»

"Esta é a floresta de hálito podre,  
parindo cobras".

Raul Bopp  
("Cobra Norato")



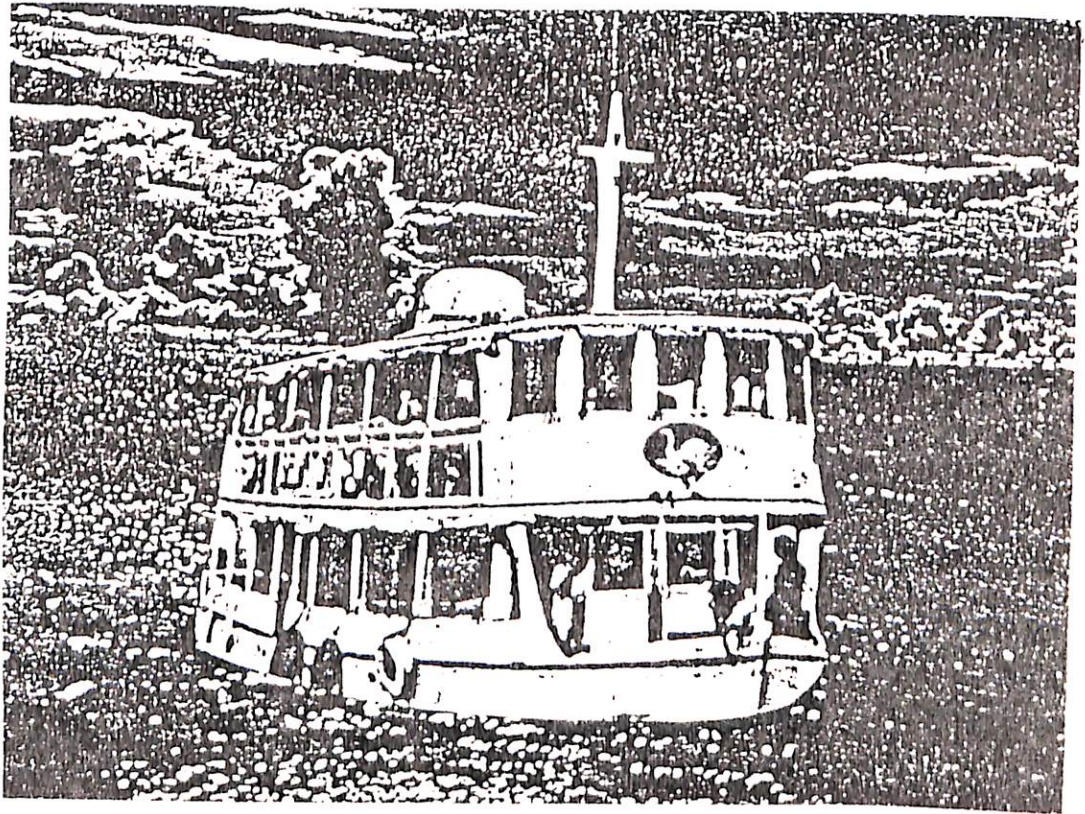
## O SEQÜESTRO DO «AMAZONAS»

"Esta é a floresta de hálito podre,  
parindo cobras".

Raul Bopp

("Cobra Norato")

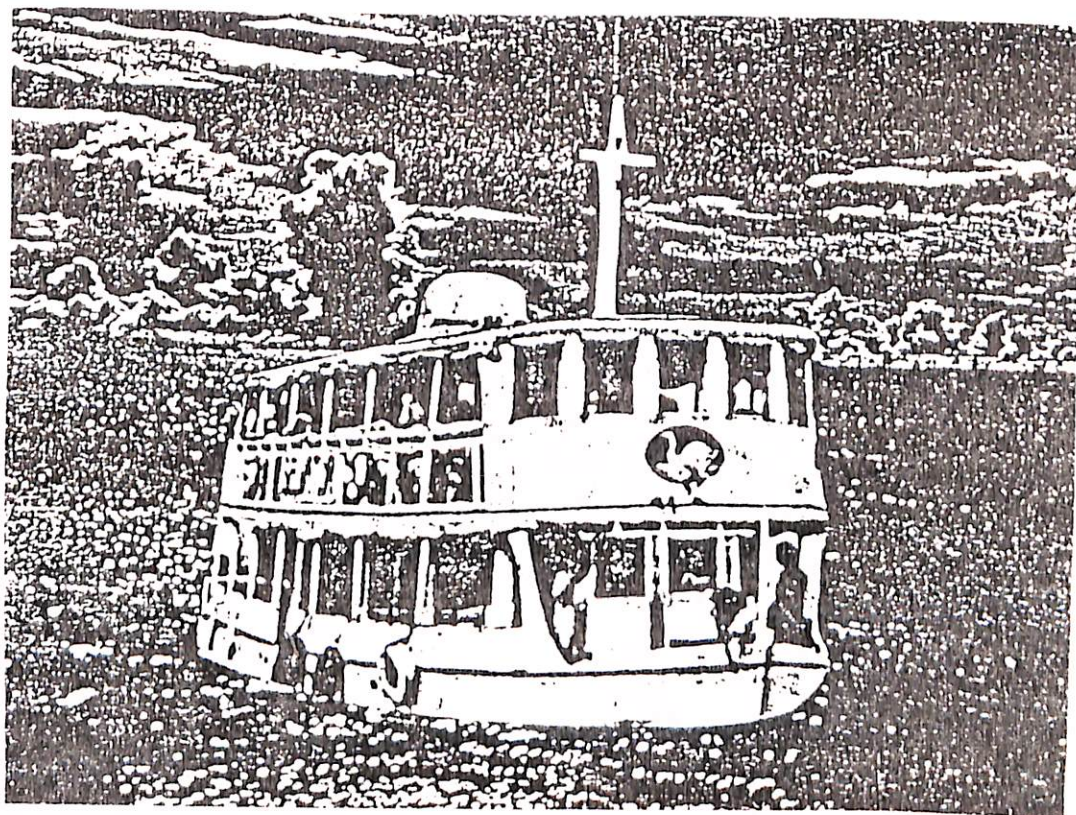
PROCOLO D. O. N.º \_\_\_\_\_  
RECEBIDO EM 10. 02. 88  
POR *Smario*



# O SEQÜESTRO DO «AMAZONAS»

Argumento, Diálogos e  
Roteiro Técnico de  
Geraldo Santos Pereira

PROTOCOLO D. O. N.º \_\_\_\_\_  
RECEBIDO EM 10.02.88 \_\_\_\_\_  
POR Rmario \_\_\_\_\_



# O SEQÜESTRO DO «AMAZONAS»

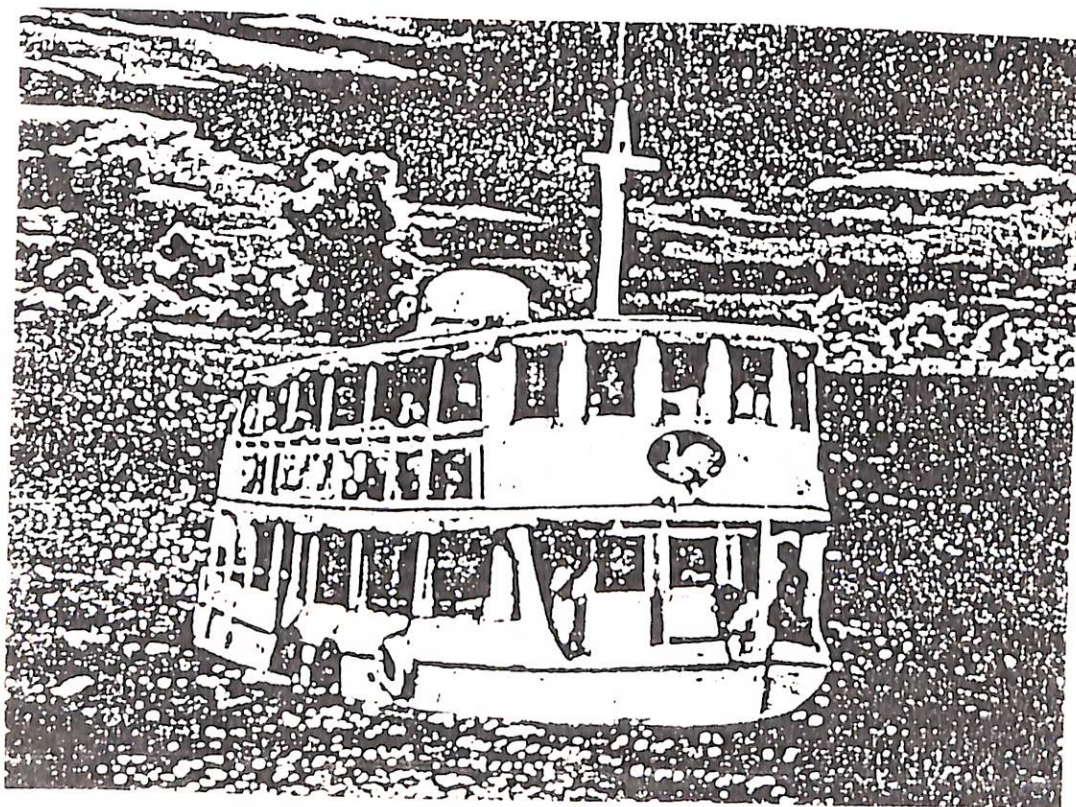
Argumento, Diálogos e  
Roteiro Técnico de  
Geraldo Santos Pereira



AMAZONAS,

AMAZÔNIA

GERALDO SANTOS PEREIRA



# AMAZONAS, AMAZÔNIA

R o m a n c e

Rio de Janeiro

1990



AMAZONAS,

AMAZÔNIA

SEQUÊNCIA ESPECIAL

(Antes dos Créditos)

INTERIOR - APARTAMENTO DE AGUIRRE - NOITE

1. No quarto de dormir do apartamento de Carlos Lopo de Aguirre, situado em elegante bairro residencial da Cidade do México (ou Madri, Nova York, Roma, Paris, Buenos Aires, etc.), câmera aproxima-se do leito onde Aguirre, homem de 35 a 40 anos de idade, a expressão dura e viril, tem nos braços uma linda mulher, sua amante.

Câmera conclui o movimento quando estiver enquadrando o casal em "close-up", detalhando corpos nus e entrelaçados; rostos ofegantes, dominados pelo desejo e a excitação; mãos que acariciam; bocas que se juntam, entrecortadas por expressões eróticas e ansiosas.

2. Em novo enquadramento, e angulação diversa, câmera focaliza o casal com seus corpos nus delineados na obscuridade do quarto.

SOM - De um rádio de cabeceira ouve-se melodia atual. Repentinamente, dominando a trilha sonora, soa a campainha do telefone.

Surpreendidos pela campainha, Aguirre e a moça exprimem aborrecimento e frustração:

MOÇA: Essa não!... Logo agora?!...

Aguirre afasta-se da amante e, antes de apanhar o fone, comenta:

AGUIRRE: Se for o Hernandez, juro que mato aquele cretino!...

Depois coloca o fone no ouvido e responde, irritado:

AGUIRRE: Alô! Estou escutando! Quem fala?!...

Câmera avança, em leito "travelling" até primeiro-plano de Aguirre que, após alguns segundos em silêncio, exclama, interessado:

AGUIRRE: Ligação de Lima?... Sim, é claro, telefonista! Pode completar!

3. Deixando no quadro o rosto da moça, também interessada na conversa telefônica, câmera favorece Aguirre que, ao ouvir a voz do interlocutor, intensifica seu interesse:

AGUIRRE: Como vai, Carvajal?... Sim, tudo bem...  
Como vão as coisas por aí?...

Fica escutando, em silêncio, e seu rosto, pouco a pouco, passa da preocupação ao espanto.

Depois, com expressão ansiosa, responde, secamente:

AGUIRRE: Está bem, Carvajal! Embarco amanhã! Vamos resolver logo este assunto! Me espere no Aeroporto! Adios!

EXTERIOR - RUAS DA CAPITAL - DIA

4. A objetiva focaliza agora Aguirre no interior de um carro que irrompe, veloz, por artérias da Capital (Cidade do México, Madri, Buenos Aires, etc.).

Ao volante está a moça, vista anteriormente no apartamento.

AGUIRRE: Avise ao Júlio, ao Menendez, ao Pierre. Acho bom desaparecer por algum tempo...

MCCA: E a mercadoria?...

AGUIRRE: Está bem guardada, não se preocupe.

Em seguida, consultando o relógio, completa:

AGUIRRE: Apresse um pouco, Clarita!

5. De um ponto elevado, câmera acompanha o carro de Aguirre que avança velozmente por uma ampla avenida da cidade.

Depois a lente "Zoom" abre o quadro até grande-plano-geral da metrópole, enfatizando um avião a jato que sobe no espaço, em direção contrária ao automóvel de Aguirre, desaparecendo, pouco depois, em grossas nuvens brancas.

SOM - O som da buzina de automóvel cresce e, em seguida, arrefece, substituído pelo ruído forte das turbinas do jato.

EXTERIOR - AEROPORTO DE LIMA - MANHÃ

6. Em corte direto, câmera focaliza um jato de passageiros da empresa \*\*\*, no instante em que aterrissa na pista do Aeroporto da Capital do Peru.

SOM - Ruídos típicos de aeroporto.

7. Deixando Carvajal, homem de meia-idade, baixo e atarracado, de cabelos grisalhos, à esquerda do quadro, recostado na varanda do edifício principal do Aeroporto de Lima, câmara revela, em plano-geral, a manobra de "parking" do avião onde se encontra Aguirre.

8. Em nova angulação, câmara detalha agora o rosto de Carvajal, os olhos frios, aguardando a aparição de Aguirre na escada do jato.

SOM - Ouve-se, na trilha sonora, ruído inconfundível de turbinas que são desligadas.

9. Instalada agora no pátio de estacionamento, câmara favorece a escada do jato, pela qual descem passageiros.

Lopo de Aguirre surge à porta e deixa passar outro passageiro, procurando com os olhos a pessoa que o espera.

Quando avista Carvajal, na varanda, faz-lhe discreto sinal com a mão.

INTERIOR - AUTOMÓVEL - LIMA - MANHÃ

10. Aguirre e Carvajal agora são vistos, de frente, no interior de um carro que dispara pela avenida do Aeroporto.

O peruano está ao volante e ouve Aguirre, ao lado, que pergunta:

AGUIRRE: Tem certeza, Carvajal?! Foi o Miguel?!

CARVAJAL: Certeza absoluta! Deu o "serviço" todo à Polícia! Nomes, endereços, datas, destinatários, tudo! Foi "comprado" pelo Garcia!

11. Modificando a angulação, a objetiva fixa os dois homens de perfil, com Aguirre ligeiramente atrás, deixando ver Carvajal ao volante, os olhos sombrios, atentos à estrada.

Depois de algum tempo em silêncio, Aguirre volta a indagar:

AGUIRRE: O grupo de Paris foi envolvido?

CARVAJAL: Foi. Alertaram a Interpol!

AGUIRRE: E o Miguel?! Onde se encontra este filho-da-puta?!

CARVAJAL: Estamos indo para lá!

SOM - Sobre a imagem de Aguirre e Carvajal, sentados no interior do veículo, antecipa-se o som de um filme policial projetado na tela de um aparelho de televisão.

INTERIOR - CASA DE SUBÚRBIO - DIA

12. Sentado diante do receptor de televisão, Miguel de Castillos, homem de meia-idade, quase sem cabelos, bebe uísque e fuma um cigarro, entretido com o filme projetado no vídeo.

SOM - Música e ruídos do filme transmitido pela emissora de televisão.

Aos pés do homem, imóvel, um cão "basset" parece dormir.

De repente, farejando algo, o cão ergue a cabeça e prescruta a porta de entrada, rosnando.

Câmera panoramiza e vai enquadrar, em plano-médio, a porta que liga a sala à varanda. Segundos depois ela é arrombada violentamente por Aguirre e Carvajal, que irrompem pelo aposento.

Miguel ergue-se em pânico da poltrona e tenta apanhar um revólver.

Aguirre e o peruano, armas engatilhadas, começam a atirar, quase à queima-roupa.

13. Em nova angulação, câmera favorece o corpo de Miguel que, crivado de balas, cambaleia e tomba sobre o tapete, empapando-o de sangue.

À esquerda do quadro, atirando sempre, Aguirre e Carvajal vociferam palavrões que mal se ouvem, abafados pelos ruídos da televisão e pelos latidos ferozes do cachorro.

Irritado com os latidos, Carvajal baixa a arma e, com tiro certo, mata também o animal.

Câmera avança em "travelling" até fixar o rosto dos dois contrabandistas, disparando as armas e berrando palavras inaudíveis.

SOM - O ruído forte dos estampidos mistura-se, confusamente, com a trilha sonora do aparelho de televisão.

EXTERIOR - CAIS DO PORTO - NOITE

14. Num canto mal-iluminado do cais do porto de Lima, câmera documenta uma briga feroz entre dois homens solitários.

SOM - Ruídos fortes do porto: apitos de navios, sirenes, guindastes, sons metálicos, ondas ferindo cascos, etc.

Um dos contendores, Zimaco, mestiço de forte complexão, com idade que beira os quarenta, ostenta um resto repulsivo de orelha, decepada numa

briga de navalha. Traja roupa de trabalho <sup>como</sup> portuário.

O outro, revelando melhor origem social, veste terno completo de funcionário da administração do porto.

Zimaco, mais forte, leva vantagem e castiga impiedosamente o adversário, cujo rosto sangra com os golpes desferidos pelo mestiço.

Aproximando-se, em "travelling", câmara detalha melhor a briga violenta.

À certa altura, incapaz de manter-se de pé, o homem de terno cambaleia e, sob o impacto de outro murro, vai para o chão.

Nesse instante, num gesto rápido, Zimaco retira do bolso uma navalha e vibra um primeiro golpe no pescoço do adversário.

O infeliz, aterrorizado, tenta estancar o sangue com a mão e suplica, lívido:

FUNCIONÁRIO: Pelo amor de Deus, Zimaco!... Não me mate!... Consigo o aumento para você! Pelo amor de Deus!...

15. De outro ângulo, retirando do quadro o funcionário estendido no chão, câmara focaliza Zimaco em primeiro-plano.

O mestiço tem as feições transtornadas <sup>pelo</sup> ódio e vibra um segundo, um terceiro, um quarto golpe de navalha, dilacerando o corpo do infeliz, enquanto exclama, possesso:

ZIMACO: Índio miserável, não é?!... Índio miserável, não é?!...

Câmera avança um pouco mais, até detalhar a máscara impressionante do mestiço, recoberta de ódio e crueldade:

ZIMACO: Índio miserável, não é?!...

SOM - Sobe, na trilha sonora, o silvo forte e grave de um navio cargueiro que desatraca.

#### EXTERIOR - SERINGAL NA SELVA - DIA

16. No interior da selva amazônica, ainda em território peruano, não muito distante de Iquitos, focaliza-se um trabalhador de seringal.

É homem de traços também indígenas, os olhos negros e pequenos, cabelos ralos, o corpo musculoso.

O seringueiro, Juan Diaz, boliviano contratado por uma empresa que explora vasto seringal na selva peruana, coloca o cuité no tronco e recolhe o látex da árvore.

Câmera recua, abrindo o quadro, até mostrar a seringueira, diante

da qual trabalha o boliviano.

Mais distante, acocorado diante de um fogo, outro seringueiro prepara a pela, enquanto, espalhados na clareira, trabalhadores recolhem o caucho das árvores.

SOM - Dominando os ruídos da selva (gritos de pássaros e animais, pios, passos sobre folhas secas, golpes no tronco das seringueiras) ouve-se, forte, o som de uma sirena, anunciando o fim da jornada de trabalho.

17. De outro ângulo, câmera enquadra a clareira aberta na selva, favorecendo os trabalhadores que se afastam com os sacos de caucho e as pelas de borracha.

Juan Diaz, centrado no enquadramento, observa um companheiro de trabalho, homem alto e magro, que recolhe a pequena cuia com o látex, metros adiante.

Em seguida, observando que estão <sup>à</sup> sós, no lugar, o boliviano apanha um porrete e o esconde no saco.

Depois, cautelosamente, aproxima-se do companheiro, entretido em recolher seus pertences.

Quando ouve os passos de Juan Diaz, o homem volta-se, assustado, em sua direção, mas nada pode fazer, pois o seringueiro, que retirara o porrete do saco, abate-o com violento golpe na cabeça.

Depois Juan Diaz ergue o corpo desfalecido do trabalhador e, com um pedaço de corda, amarra-o no tronco da árvore.

18. Juan Diaz, lentamente, retira do saco de lona uma banana de dinamite, acende um fósforo e, com ele, o pavio do explosivo, que deposita calmamente sob a árvore.

Apenha seus pertences e, seguido pela câmera em "travelling", começa a afastar-se do local, embrenhando-se na mata.

SOM - Ruídos da selva e, em primeiro-plano, dos passos de Juan Diaz em folhas secas.

19. Em angulação frontal, enquadrando Juan Diaz em primeiro-plano, câmera recua, em "travelling", mostrando também a mata espessa e, ao fundo, a trilha que leva à clareira.

Percebe-se nos olhos do boliviano um brilho maligno, de ódio concentrado, de frieza e crueldade.

Repentinamente, com fortíssimo estrebando, a dinamite explode.

SCM - Dominando os ruídos da selva, ouve-se o estampido fortíssimo da dinamite.

O "travelling" se interrompe e Juan Diaz, dando mais alguns passos, sai de quadro, pela esquerda.

Corrigindo o foco sobre a clareira, a objetiva registra o incêndio que se segue à explosão e atinge diversas seringueiras.

Grossas nuvens de fumaça elevam-se na floresta e, aos poucos, perdem-se no espaço.

SCM - Ruídos do incêndio e gritos assustados de pássaros e animais.

INTERIOR - "CABARET" DE LIMA - NOITE

20. Depois de detalhar uma posta de carne que se assa sobre as brasas de uma churrasqueira, câmera retrocede e, através de panorâmica, abre o quadro até plano-geral do espaçoso recinto de um restaurante-"cabaret" no centro da capital peruana.

SCM - Ao ruído inicial de carne ao fogo, sucede-se o som ambiental da casa-noturna: música, risos, vozerio, tinir de pratos e copos.

Na pista de dança alguns casais evoluem ao ritmo da moda.

Um dos casais aproxima-se da objetiva. É constituído por uma mulher jovem, morena, maquiada talvez excessivamente, com expressão de fadiga, enlaçada por um homem corpulento e mal-encarado.

A moça, uma "taxi-girl", em certo instante pousa os olhos num dos integrantes do conjunto musical, instalado sobre o tablado, no fundo do salão.

21. Modificando a angulação, câmera focaliza agora, em primeiro-plano, o rosto da "taxi-girl" e, ao fundo, o conjunto musical, no qual se destaca um rapaz alourado, de traços finos e expressão melancólica.

Avançando, em lento "travelling", câmera vai detalhar melhor o músico, executando violão-elétrico. É León Gimenez, um venezuelano (ou de outra nacionalidade latino-americana), de, aproximadamente, 25 anos de idade, seguindo com atenção os movimentos da "taxi-girl", sua amante.

22. Como ponto-de-vista de León, câmera agora focaliza, em nível ligeiramente mais alto, a pista de dança, favorecendo a morena e seu par.

Quando se sente observada pelo violonista, a moça, para provocá-lo,

recosta-se voluptuosamente no cliente, exprimindo malícia e sensualidade.

SOM - Sobrepujando os ruídos ambientais, ouvem-se na trilha sonora os acordes do violão-elétrico.

23. Detalhe do violão-elétrico de León Gimenez e dos dedos nervosos do venezuelano, ferindo com força as cordas do instrumento.

Em certo momento, tangida com excesso de força, uma das cordas se parte e pende na caixa do violão.

SOM - Solo e acordes do violão-elétrico. Corda que se rompe, com ruído característico.

EXTERIOR - RUA SUBURBANA - NOITE

24. Depois de fixar, em primeiro-plano, as mãos nervosas de León Gimenez, amparadas na parede de um prédio, em rua suburbana de Lima, câmera recua e mostra o venezuelano na obscuridade de uma viela.

SOM - Na trilha sonora, além da música de um rádio, ouvem-se passos na calçada, aproximando-se.

Recuando sempre, câmera atinge a esquina da viela com uma rua precariamente iluminada, em subúrbio da capital peruana.

Por ela vem chegando a "taxi-girl" focalizada anteriormente na "boite".

Inesperadamente, surgindo da viela, León Gimenez intercepta os passos da moça. Reconhecendo-o, assustada, a "taxi-girl" pergunta, com displicência:

"TAXI-GIRL": León?... O que você faz por aqui?...

O violonista nada responde e, com gesto inesperado, veda com a mão a boca da mulher e a arrasta ao beco.

25. Na viela deserta o venezuelano, sufocando os gritos da "taxi-girl", retira de um bolso a corda de aço do violão-elétrico e, rapidamente, envolve-o no pescoço da infeliz.

Depois, friamente, sem nada dizer, começa a estrangulá-la.

A moça, contorcendo-se e gemendo, tenta inutilmente libertar-se do assassino.

Pouco a pouco, no entanto, vai perdendo as forças e seu rosto cobre-se de uma coloração arroxeada.

Câmera, em "travelling" para a frente, fixa, em primeiríssimo-plano, o rosto pungente da infeliz, dominado pelo horror e o sofrimento.

SCM - Na trilha sonora, como detalhe de forte efeito dramático, sobe o som distorcido de violão-elétrico.

#### INTERIOR - OFICINA MECÂNICA - NOITE

26. Depois de enquadrar, em detalhe, um talismã que pende do espelho retrovisor de um carro parado, câmera abre o quadro e revela um mecânico que abre a porta do veículo e liga o rádio em volume excessivamente alto.

SCM - Substituindo a música do violão-elétrico, sobe na trilha sonora um tango de Astor Piazzolla.

Prosseguindo o "travelling" para trás, câmera amplia o quadro e revela o interior inconfundível de uma oficina-mecânica, com diversos automóveis em reforma, máquinas e apetrechos de trabalho, macacos, pneus, manivelas, material elétrico, etc.

O mecânico que ligou o rádio, Aldo Ridruejo, é um peruano de 30 anos presumíveis, estatura média e um rosto precocemente envelhecido. Caminha lenta e cansadamente, claudicando numa das pernas, e tem os cabelos bastos e grisalhos.

Concluindo o movimento de recuo, câmera acompanha Ridruejo que se afasta do carro e desce, no fundo, a porta de aço que separa a oficina da rua.

Em seguida, acompanhado pela objetiva em panorâmica, passa diante de um homem amarrado numa cadeira, o dono da oficina.

27. Enquadrando o homem amarrado em primeiro-plano e 3/4 de perfil, câmera focaliza o mecânico que se encaminha para uma mesa de trabalho, em cima da qual se vêem alicates, chaves de fenda, apetrechos diversos e um maçarico de solda.

28. Modificando a angulação, câmera revela o instante em que Aldo Ridruejo acende o maçarico e espera que a chama alcance sua intensidade máxima.

Depois, lentamente, caminha na direção do dono da oficina, amarrado num canto.

O infeliz, compreendendo, afinal, a intenção do operário, começa a suplicar, com voz trêmula:

DONO DA OFICINA: O que vai fazer, homem?!... Ficou doido?!

29. Ridruejo aproxima-se mais ainda com o maçarico aceso, enquanto o patrão, desesperado, faz inúteis apelos:

DONO DA OFICINA: Não faça isto, Ridruejo! Isto é um crime, uma crueldade! Pelo amor de Deus, Ridruejo!

30. Focalizado agora em primeiro-plano, com o rosto exprimindo pavor, lívido e molhado de suor, o dono da oficina começa a gritar, com a voz misturando-se ao som alto do rádio do automóvel.

SOM - Tango de Piazzolla em volume elevado, misturando-se aos gritos do dono da oficina e o ruído do maçarico.

DONO DA OFICINA: Pelo amor de Deus, Ridruejo! Não faça isto comigo!... Você sabe que tenho mulher e quatro filhos!... Não me mate, homem!...

31. Depois de enquadrar, em primeiro-plano, o rosto impassível do mecânico, câmera recua em "travelling", entrando no quadro a ponta do maçarico com a chama que quase toca a objetiva.

Em off, enquanto isto, continua a ouvir-se a voz do dono da oficina, desesperada, misturando-se com a música do rádio:

DONO DA OFICINA (voz off): Te dou aumento, Ridruejo! Não te mando embora e te faço sócio da oficina! Pelo amor de Deus, não faça esta crueldade comigo!

32. Em nova angulação, câmera enquadra vítima e assassino, na cena insólita.

Ridruejo está muito perto do patrão, que transpira por todos os poros, desfigurado pelo terror.

O mecânico, parando, finalmente, diante dele, aproxima o maçarico de seu rosto, enquanto o infeliz, repentinamente tomado pela fúria, vociferava:

DONO DA OFICINA: Seu filho de uma puta!!! Cachorro, cão leproso!!! Você me paga por isto, filho de uma...

Queimado brutalmente pela chama quentíssima, o desgraçado não consegue articular o resto da frase e berra de dor.

33. Com recursos de trucagem e efeitos especiais, câmera detalha, em primeiro-plano, o rosto desfigurado do dono da oficina, queimado brutalmente pela chama do maçarico. Ele ainda geme e grita palavras desconexas.

SOM - Gritos, gemidos, ruído do maçarico e, menos forte, música de Astor Piazzolla, estranha e expressiva.

34. O último "take" da sequência mostra, em plano-geral, o interior mal-iluminado da oficina mecânica.

Sobre esta imagem, de dramática violência, inicia-se lento FADE-IN e FADE-CUT.

SOM - Gritos do homem torturado e, sobrepujando-os, música expressiva de Piazzolla.

---

#### SEQUÊNCIA I

##### EXTERIOR - RIO MARAÑON E IQUITOS - DIA

35. A nova sequência do filme abre-se sobre a impressionante paisagem da selva peruana, cortada pelo rio Marañon.

O grande-plano-geral da planície abrange, no fundo, reverberando ao sol escaldante, a cidade de Iquitos, erguida à margem do rio e da floresta amazônica.

Favorecido no enquadramento, o navio brasileiro "Amazonas", que faz a viagem Belém-Iquitos-Belém, está chegando ao porto da cidade peruana.

Fazendo lento movimento panorâmico, a objetiva revela Iquitos e, no alto de uma colina, a Penitenciária de La Concepción, famosa no continente por sua violência repressiva, e que abriga exclusivamente condenados à prisão perpétua.

Sobre a imagem da velha e sinistra prisão, surge, em sobre-impressão, o primeiro cartão dos créditos.

SOM - Sucedendo ao silvo grave do "Amazonas", sobe na trilha sonora música incidental, dramática e sugestiva, crescendo com a visão pressagiosa da Penitenciária.

36. Modificando a angulação, câmera enquadra agora de mais perto o

velho edifício da Penitenciária.

Depois, através da lente "Zoom", detalha melhor o presídio, cercado por altas muralhas de pedra e tendo ao fundo, como impressionante moldura, a massa compacta da floresta.

Sobre esta imagem surge, em nova sobre-impressão, o segundo cartão dos créditos.

EXTERIOR E INTERIOR - PENITENCIÁRIA - DIA

37.38.39.40.41.

42.43.44.45.46. - Uma série de "flashes", fixados em diversos locais da Penitenciária de La Concepción, documenta aspectos, instalações e a vida dos detentos.

A série de planos identificará, gradativamente, cada um dos personagens da sequência introdutória: Lopo de Aguirre, Carvajal, Zimaco, Juan Diaz, León Gimenez e Aldo Ridruejo.

Os planos fornecerão, inclusive, as imagens para os restantes cartões de crédito, sendo que o último fixará o grupo dos personagens centrais do filme, presenciando, num dos pátios internos da prisão, uma partida de futebol.

47. Depois de focalizar, em plano-geral, o pátio cercado de altos muros, câmara faz panorâmica, documentando os dois times que jogam futebol e, no final, Lopo de Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Ridruejo, Zimaco e León Gimenez num canto, "torcendo" por um dos times.

SOM - Gritos dos jogadores e, principalmente, da torcida. Em segundo-plano sonoro, ouve-se o silvo grave do "Amazonas", chegando ao porto de Iquitos.

O som do apito do navio será ouvido quando a objetiva estiver enquadrando o grupo de detentos em plano próximo.

Ouvindo-o, em meio aos companheiros de prisão, atentos ao futebol, nossos personagens adquirem uma expressão grave, entreolhando-se expressivamente.

É quando, marcando o fim do lazer, soa, forte, a sirena do presídio.

SOM - Sirena sobre para primeiro-plano sonoro.

Alguns detentos ensaiam ligeiro protesto contra a interrupção, mas se calam quando ressoa a voz possante do Chefe da Guarda, Tenente Ramirez, em off:

TENENTE RAMIREZ (voz off): Vamos, meninos! Acabou o recreio!

48. Primeiro-plano do Chefe da Guarda, parado diante da porta que conduz ao pavilhão das celas, e que completa, irônico:

TENENTE RAMIREZ: Os garotos querem jogar mais futebol?... Não gostam de voltar pra suas casinhas?... Muito bem... Muito bem...

49. Os detentos, fixados agora em plano-geral no pátio de recreação, encaminham-se, a contragosto, para o pavilhão. Ao fundo, mudando repentinamente o tom de voz, o Tenente berra, colérico:

TENENTE RAMIREZ: E vamos andar mais depressa, corja de vagabundos!!! Mais depressa, senão corto o futebol de amanhã!!!

EXTERIOR - PORTO DE IQUITOS - DIA

50. Incluindo no enquadramento, ao fundo, o edifício da Penitenciária, câmara focaliza o cais do porto de Iquitos, o rio e, em manobras finais de atracação, o navio "Amazonas".

Na plataforma, movimentando-se ou observando a chegada do navio brasileiro, portuários, passageiros, fiscais, militares, vendedores e mendigos, compondo uma ruidosa multidão de gente de várias raças, predominando, como em todo o Peru, a de origem indígena.

SON - Silvo prolongado do navio. Ruídos ambientais do porto.

EXTERIOR - PAVILHÃO DE CENAS - PENITENCIÁRIA - DIA

51. Em angulação que favorece o pavilhão das celas, focaliza-se a Penitenciária de La Concepción.

Depois, pelo movimento de aproximação da "Zoom", detalha-se a janela de uma das celas, na qual um dos detentos, Lopo de Aguirre, observa a chegada do navio brasileiro.

INTERIOR - CELA DE AGUIRRE - DIA

52. Instalada no interior da cela, câmara documenta o recinto e seus ocupantes.

No reduzido espaço seis homens, os criminosos que abriram a sequência especial do filme, estão confinados entre beliches, banquetas, pia, vaso sanitário, pequenos armários, roupas e objetos diversos, em pitoresca desarrumação.

Estendidos em camas, sentados em bancos e cadeiras, e até no chão, Zimaco, Carvajal, Ridruejo, Juan Diaz e León Gimenez, companheiros de cela, observam Lopo de Aguirre, ainda à janela.

SOM - Do exterior ouvem-se, na trilha sonora, ruídos da Penitenciária e, em segundo-plano, o silvo grave do "Amazonas".

Movimentando-se, minudente, pelo interior da cela, câmara capta expressivos primeiros-planos de nossos personagens: Zimaco, recostado à parede, limpa os dentes com um palito de fósforos; Carvajal, estendido na parte inferior de um beliche, faz bolinhas com miolo de pão; Juan Diaz, no leito superior, coça os pés imundos; Ridruejo, sentado no chão, diverte-se com tampinhas de cerveja; León Gimenez, finalmente, recostado num armário com a porta arreventada, dedilha um resto de violão, sujo e com duas cordas de menos.

Depois de percorrer, vagorosamente, o recinto, câmara vai enquadrar Lopo de Aguirre, 3/4 de perfil, diante da janela.

O presidiário, voltando-se para os companheiros, adverte, secamente:

AGUIRRE: Chegou. O plano começa hoje!

53. Aguirre afasta-se da janela e vai para junto de Zimaco, a quem diz:

AGUIRRE: Fique atento, Zimaco! Daqui a pouco chega a comida.

Zimaco, por sua vez, pergunta a Carvajal, que atira longe as bolinhas de pão:

ZIMACO: Onde está a espuma?

Carvajal levanta o colchão da cama, apanha um pequeno frasco e responde:

CARVAJAL: Está aqui. Preparei hoje cedo na Farmácia.

#### INTERIOR - CORREDOR DA PENITENCIÁRIA - DIA

54. Deslocando-se para fora da cela, câmara focaliza agora, em plano-geral, o corredor do pavilhão de celas, separado da outra ala do edifício por uma porta de ferro e a sala da guarda.

A porta se abre e deixa passar três guardas trazendo o almoço em dois panelões dispostos num carrinho.

Sentindo o cheiro da comida, um presidiário grita, de sua cela:

PRESIDIÁRIO (voz off): Chegou o grude, pessoal!

55. De outro ângulo, fixando de mais perto a perspectiva das celas, a

objetiva detalha os guardas que param diante de um cubículo.

Depois um deles, com uma concha, bate na porta da cela e abre a portinhola.

Do interior do cubículo, um detento estende a marmita, que o guarda apanha, comentando, sarcástico:

1º GUARDA: Hoje tem carne de porco, Paquito... Você vai gostar!...

Paquito aproxima o rosto da abertura e, dando uma sonora gargalhada, responde, no mesmo tom:

PAQUITO: Carne de porco?!... Então mataram o Tenente?!...

Os outros detentos, ouvindo a piada ferina, explodem também em ruidosas gargalhadas.

Outro guarda, que enchia a marmita, enfurece-se com o insulto e, aproximando-se da cela, arremessa a comida na cara do preso, berrando:

2º GUARDA: Porco é você, cachorrão! Toma, coma a comida no chiqueiro!

56. Deixando em primeiro-plano o guarda que atirou a comida no detento, a objetiva volta a enquadrar o corredor e as celas.

De uma delas outro preso vocifera, colérico:

DETENTO: Isto é contra o regulamento, Ruiz! Vou dar queixa!

O guarda, voltando-se na direção da cela, retruca, possesso:

2º GUARDA: Vai dar queixa à puta que te pariu!!! E se não calar a boca, meto a comida no teu cu!!!

Nesse instante, solidários com o detento, dezenas de prisioneiros, batendo colheres, garfos e marmitas nas grades, começam tremenda balbúrdia, que só termina quando chegam ao local outros guardas, o Tenente Ramirez e o Diretor da Penitenciária, Camilo Ibarra.

O Chefe da Guarda sopra furiosamente um apito e berra, tonitroante:

TENENTE RAMIREZ: Vamos parar com esta bagunça?! Aqui está o Diretor, que não admite gritaria, vocês sabem! Não estão <sup>querendo</sup> ~~querendo~~ comer?!...

A balbúrdia se interrompe e, no silêncio que se faz, voltam a ouvir-se os passos do grupo que traz a comida.

INTERIOR - CELA DE AGUIRRE - DIA

57. Instalada, novamente, na cela de Aguirre, câmara desvenda os preparativos para a fuga tramada pelo grupo.

Zimaco vai para perto da porta, enquanto Carvajal apanha o frasco e o agita com força.

Aguirre, com os ouvidos colados à porta, acompanha o trabalho dos guardas.

SCM - Ruídos de passos, de marmitas, garfos e colheres, vindos do corredor.

58. Depois que se assegura da aproximação dos guardas, Aguirre faz um sinal a Zimaco que, imediatamente, se estende no chão.

Carvajal debruça-se sobre ele e lhe aplica na boca o preparado químico guardado no frasco.

Em contato com a saliva de Zimaco, o preparado provoca a formação de uma espuma pegajosa que escorre da boca, como a baba de um epilético.

Ouvindo a batida da colher na porta da cela, Aguirre, nervosamente, começa a dizer ao guarda, que abra de fora a portinhola:

AGUIRRE: "Seu" guarda, deu um ataque esquisito no Zimaco!

INTERIOR - CORREDOR DE CELAS - DIA

59. Deslocando-se para o corredor de celas, câmara enquadra os guardas e a porta, através da qual Aguirre completa:

AGUIRRE: O coitado está estrebuchando como doido!...

Um dos guardas, Rubio, espia o interior da cela.

60. Como ponto-de-vista do guarda, a objetiva focaliza, ligeiramente do alto, o interior da cela, favorecendo, no chão, a figura de Zimaco que, com perfeição, imita as convulsões de um epilético.

Da boca do prisioneiro escorre a espuma química preparada por Carvajal.

Os outros presos, em volta dele, fingem convincentemente grande espanto.

Juan Diaz, por exemplo, exclama, muito assustado:

JUAN DIAZ: Acho que é a tal de epilepsia! Meu irmão já teve esta doença! Tá soltando baba pela boca!

61. Depois de examinar o interior da cela, o guarda se volta na direção

do Tenente e do Diretor da prisão e, indo ao seu encontro, informa, assustado:

GUANDA: "Seu" Diretor! Tenente Ramirez! Tem um preso ali que parece muito doente!

O militar e o Diretor dirigem-se à cela de Aguirre.

INTERIOR - CELA DE AGUIRRE - DIA

62. Depois de fixar Zimaco com suas impressionantes convulsões, câmara faz panorâmica e vai enquadrar a porta de entrada.

O rosto do Diretor, Camilo Ibarra, surge à janelinha, observa o detento no chão e, em seguida, voltando-se para o Tenente, ordena:

DIRETOR: Tenente, abra a porta!

INTERIOR - CORREDOR DE CELAS - DIA

63. Aproximando-se da porta de entrada da cela, o Chefe da Guarda apanha uma chave e, com ela, abre a fechadura.

Depois empurra a porta e deixa passar o Diretor.

INTERIOR - CELA DE AGUIRRE - DIA

64. De novo no interior da cela, câmara focaliza a porta de entrada, pela qual entram o Diretor, o Tenente e mais dois guardas.

A imitação de Zimaco é tão convincente que nenhum deles se preocupa com a segurança.

O Diretor, impressionado com as convulsões e a baba que escorre da boca de Zimaco, abaixa-se um pouco para examinar melhor.

Nesse exato instante, aproveitando-se da distração do grupo, Aguirre e seus companheiros de cela deflagram o plano de fuga.

Aguirre, de um salto, aplica poderosa "gravata" no Diretor da Penitenciária e, com incrível rapidez, retira do coldre o "Parabellum" que ele porta.

Juan Diaz faz o mesmo com o Tenente, enquanto León Gimenez e Rídruejo imobilizam os dois guardas, de quem igualmente arrebatam as armas.

Colocando o cano da arma na têmpora do Diretor, Aguirre exclama, com voz categórica:

AGUIRRE: Se fizer qualquer besteira, estouro seus miolos!

Juan Diaz, diante da pequena resistência que o Tenente ensaia, mete o cano do revólver no ouvido do militar e adverte:

JUAN DIAZ: Quietinho, Tenente!

Aguirre, arrastando o refém para a porta, ordena, firme:

AGUIRRE: Diz ao pessoal para ficar quietinho, senão você é homem morto!

O Diretor, quando sente afrouxar a "gravata" de Aguirre, tenta persuadir:

DIRETOR: Olha a besteira que está fazendo, Aguirre! Não vão conseguir fugir da prisão!

AGUIRRE: Com sua ajuda, e do Tenente Ramirez, não tenha dúvida de que vamos conseguir, "seu" Ibarra!

65. Modificando o campo visual, câmera detalha o início dramático da fuga.

Armados, e subjugando o Diretor, o Chefe da Guarda e dois policiais, os detentos se encaminham para a porta.

Carvajal e Zimaco, que limpa na camisa a baba artificial, seguem, desarmados, por último.

INTERIOR - CORREDOR DE CELAS - DIA

66. Alcançando o corredor de celas, os fúgitivos enlaçam com mais força os reféns. Aguirre, apertando o cano do revólver na têmpora do Diretor, ordena, com voz insofismável:

AGUIRRE: Dê ordens para ninguém atirar, senão arrebento sua cabeça!

O Diretor, fazendo-se ouvir pelos guardas que se acercaram, ameaçadamente, obedece e exclama:

DIRETOR: Não atirem! Deixem caminho livre!

Carvajal e Zimaco, por sua vez, arrebatam as armas de outros dois policiais, que também tomam como reféns.

O grupo, em seguida, atravessa o pavilhão em meio a completo silêncio.

INTERIOR - SALA DA GUARDA - DIA

67. De um ângulo da sala da guarda, no fim do corredor, câmera registra, através das grades, o grupo de fúgitivos e reféns, aproximando-se.

Um dos guardas, o Sargento Otero, atônito, apanha assustado uma metralhadora, mas nada faz, ao avistar o Tenente e o Diretor do presídio, em perigo de vida.

Quando o Tenente, com um gesto, manda-o abrir a porta, o Sargento hesita, metralhadora em riste. Mas Ramirez ordena, ríspido:

TENENTE RAMIREZ: Abra a porta, Sargento!

A porta é aberta, enquanto Aguirre instrui os companheiros:

AGUIRRE: Apanhe a metralhadora, León! Zimaco, pega aquela ali! Você, Ridruejo, pegue a munição naquele armário!

Agindo com presteza, apesar do nervosismo generalizado, os fugitivos se apoderam de armas e munição. Depois Aguirre, voltando-se para os policiais, acrescenta:

AGUIRRE: Vocês ficam aqui dentro! Vamos levar com a gente o Tenente e o Diretor! E fiquem sabendo: se houver reação, os dois morrem! Agora abram a porta!

EXTERIOR - ÁREA INTERNA - DIA

68. Da área externa do presídio, câmera enquadra a porta que conduz à sala da guarda, pela qual saem os rebeldes e seus reféns.

Seguindo a direção do olhar do Tenente Ramirez, câmera faz movimento panorâmico e vai fixar, em "contre-plongée", a guarita numa extremidade do paredão de pedra, e na qual um policial, com o fuzil-metralhadora, observa, muito assustado, a chegada do grupo e dos reféns.

EXTERIOR - GUARITA - DIA

69. Deixando o guarda e a guarita à esquerda do quadro, câmera focaliza, do alto, a área interna e o grupo que se movimento em sentido perpendicular.

O Tenente, olhando para cima, grita ao soldado:

TENENTE RAMIREZ: Baixa a arma, Gabriel! Não atire!

O policial obedece e baixa o fuzil.

EXTERIOR - ÁREA INTERNA - DIA

70. De outro ângulo, agora em nível normal, câmera focaliza o grupo que se encaminha para outra porta, esta ligando o pátio interno a outra dependência do presídio.

A fuga espalhou-se como rastilho pela Penitenciária, criando tensão, expectativa e, entre os presos, grande balbúrdia.

Dezenas deles, observando o movimento dos fugitivos, gritam no interior das celas, muitos pedindo que também os libertem.

Alcançando a porta, o Diretor ordena que seja aberta. E o grupo se mete por ela.

EXTERIOR - PÁTIO DA PORTARIA - DIA

71. Aguirre, o Tenente, o Diretor e o grupo de fugitivos alcançam uma área próxima à portaria de entrada do presídio.

Uma camioneta está estacionada num canto.

Um funcionário baixo e gordo, de cabelos grisalhos, chega muito assustado à porta da sala da Diretoria e, avistando o Diretor com o revólver que o ameaça, saca sua arma, sem saber o que fazer. O Diretor adverte:

DIRETOR: Fique quieto, Genaro! Não faça besteira!  
Guarde esta arma!

Aguirre, aproximando-se do veículo, pergunta:

AGUIRRE: Quem tem a chave do carro?!

DIRETOR: Aquele ali, o Genaro, chefe de compras!

AGUIRRE: Mandê ele trazer a chave, e rápido!

Voltando-se para o auxiliar, o Diretor ordena:

DIRETOR: Traga a chave do carro, Genaro!

O funcionário corre à sala da Diretoria e, pouco depois, retorna com a chave, que entrega ao chefe dos revoltosos.

72. Fixado em plano-médio, o grupo aproxima-se da camioneta.

Antes de entrar, sob a mira das armas, Camilo Ibarra ainda tenta demover os fugitivos:

DIRETOR: Desista desta loucura, Aguirre! Vocês não vão conseguir! Toda a Polícia irá atrás de vocês! É besteira! Deponham as armas, que prometo não punir vocês!

Aguirre, impaciente, empurra violentamente Ibarra para o interior do veículo, dizendo:

AGUIRRE: Para com este papo fodido, homem! Pra quem foi condenado à prisão perpétua, besteira ou não, vamos fugir, de qualquer maneira!

Todo o grupo se acomoda rapidamente no veículo. Juan Diaz vai para o volante e liga o motor.

Câmera avança e detalha o interior da camioneta, mostrando detentos e reféns, tensos, expectantes.

Antes que o carro se afaste, Aguirre ordena ao Diretor:

AGUIRRE: Mande a guarda abrir o portão, "seu" Ibarra!  
É muito cuidado, senão aperte o gatilho!

O Diretor volta-se para os guardas da Portaria, perplexos, e ordena:

DIRETOR: Abram o portão!

Os soldados obedecem, e deixam livre a saída.

73. De outro ângulo, câmera revela, em plano-geral, o pátio interno e o veículo que se movimenta na direção da saída.

Mais adiante, bem próxima do portal principal, a camioneta arranca e, velozmente, ganha o exterior.

EXTERIOR - RUA DA PENITENCIÁRIA - DIA

74. Incluindo no quadro parte do presídio, câmera focaliza o veículo que vem do fundo, a toda velocidade, passa rente à objetiva e se afasta na rua de Iquitos.

EXTERIOR - LOCAIS DE IQUITOS - DIA

75.76.77.78.79.80. - A nova série de "intercuts" de montagem documenta a passagem da camioneta por locais característicos de Iquitos, de cuja parte central vai pouco a pouco se afastando.

O último plano da série mostra o veículo já distante da cidade, aproximando-se da selva numa estrada de terra.

---

SEQUÊNCIA II

EXTERIOR - SELVA EQUATORIAL - DIA

81. Instalada à margem de estreito caminho de terra, no interior da mata, câmera focaliza a camioneta dos fugitivos.

O veículo vem do fundo, surgindo numa curva, e passa rente à objetiva, que depois o segue em panorâmica.

SOM - Ruídos da mata e do veículo em movimento.

INTERIOR - CAMIONETA - DIA

82. Enquadra-se, no interior do veículo, o grupo de foragidos com os dois reféns.

Excitados pelo êxito da fuga, os detentos fazem tremenda algazarra. Aguirre, mais prudente, pede calma:

AGUIRRE: Calma, minha gente! É melhor deixar a

comemoração para depois!

Os fugitivos se aquietam um pouco e, à certa altura, Zimaco pergunta:

ZIMACO: Por aqui não está bom para deixar estes calhordas?!...

AGUIRRE: Deixe com o Juan, que conhece a mata melhor do que nós, pois já foi seringueiro.

Juan Diaz, examinando a selva, explica então aos companheiros:

JUAN DIAZ: Daqui a pouco a gente encontra um bom lugar!...

EXTERIOR - IGAPÓ NA SELVA - DIA

83. De um recanto da selva, com vegetação mais espessa, câmera focaliza uma clareira e, disfarçado na folhagem, musgos, cipó e arbustos, um igapó próximo à trilha pela qual vem vindo a camioneta.

SOM - Ruídos da floresta e, em segundo-plano sonoro, do veículo que se aproxima.

INTERIOR - CAMIONETA - DIA

84. De novo no interior do carro, câmera enquadra, no banco da frente, Juan Diaz e, a seu lado, Lopo de Aguirre e o Diretor do presídio.

Quando avista o igapó, mais à frente, Juan Diaz reduz a marcha do carro e começa a freá-lo, dizendo aos companheiros:

JUAN DIAZ: Vamos parar por aqui!

Depois, voltando-se para os reféns, completa:

JUAN DIAZ: "Seu" Ibarra e o Tenente ficam no carro. Nós vamos sair um pouco.

Os fugitivos, armas à mão, deixam o veículo e caminham alguns metros na selva, enquanto o Diretor e Ramirez, sem entender nada, ficam nos mesmos lugares.

Fixados através do para-brisa do carro, os detentos caminham alguns metros e, próximos de uma samaumeira, conferenciam em voz baixa, enquanto vigiam os reféns.

O Tenente, intrigado, volta-se para o Diretor e comenta:

TENENTE: O que será que estes bandidos estão

tramando, "seu" Ibarra?!...

DIRETOR: E como vou saber?! Coisa boa não deve ser!...

Pouco depois, terminada a conferência, os fugitivos regressam.

Em vez de voltar ao interior do carro, Aguirre, de fora, ordena aos reféns:

AGUIRRE: Podem descer!

EXTERIOR - IGAPÓ NA SELVA - DIA

85. Plano-médio da mata e, no caminho de terra, da camioneta dos fugitivos.

Desconfiados, temendo uma cilada, o Tenente e o Diretor deixam vagorosamente o veículo e caminham alguns passos.

Aguirre aproxima-se deles e, com falsa cordialidade, afirma:

AGUIRRE: O senhor está livre, "seu" Ibarra! Pode ir embora, está livre!

Depois, voltando-se para o militar, completa:

AGUIRRE: O senhor não, "seu" Tenente! Ainda fica com a gente!

O Diretor, desconfiando das boas intenções dos fugitivos, hesita e fica parado no mesmo lugar.

É quando Juan Diaz, apontando o revólver para o chão, atira duas vezes perto dos pés de Camilo Ibarra, gritando:

JUAN DIAZ: Não ouviu?!... O senhor está livre! Pode ir andando!

O Diretor, muito assustado, começa então a caminhar pela trilha de terra.

Mas é interceptado, mais adiante, por Ridruejo, que lhe diz, mostrando-lhe o igapó:

RIDRUEJO: Pela estrada não! O senhor pode seguir nesta direção!

86. De outro ângulo, câmara enquadra parte do bando, o Diretor e, ao fundo, o igapó no meio da mata.

O charco, visto de longe, parece terra firme, coberta de vegetação.

O Diretor, que não conhece os segredos da selva, caminha na direção

do pantanal, sem pressa, presentindo a cilada.

Juan Diaz atira outra vez para o chão e volta a gritar:

JUAN DIAZ: Mais depressa, hombre! Não está querendo ir embora?!...

O Diretor, sem saída, apressa o passo e se aproxima cada vez mais do igapó.

87. Instalada à margem do igapó, câmera enquadra o Diretor que vem chegando ao pantanal.

Quando o alcança, caminha alguns metros sobre o paúl, já com passos vacilantes. Até que não encontra mais apoio e começa a afundar.

Iniciando lenta aproximação, a "Zoom" detalha o terror que se apodera do infeliz quando compreende, finalmente, o desfecho da cilada.

Desequilibrado, afundando sempre, o Diretor tenta amparar-se em galhos, cipós e na folhagem que recobrem o igapó. Nada, contudo, o impede de afundar inexoravelmente no charco.

Tomado pelo terror, com gestos desesperados e ridículos, Camilo Ibarra começa a gritar, pedindo socorro, tentando equilibrar-se na vegetação traiçoeira.

88. Voltando para junto dos fugitivos, câmera focaliza o grupo e o Tenente Ramirez, que faz menção de socorrer o Diretor.

Juan Diaz, no entanto, barra-lhe o caminho, encostando a arma no peito do policial, e dizendo:

JUAN DIAZ: Quietinho, Tenente! Ou será que o senhor também está querendo tomar um banho naquela "piscina"?!...

Zimaco, dando alguns passos na direção do igapó, grita para o Diretor que ainda se debate no charco:

ZIMACC: Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! Peça perdão ao Montenegro, que o senhor matou de pancadas, na solitária!

Carvajal, por sua vez, também grita:

CARVAJAL: E o coitado do Pablito, que vocês "suicidaram" *com* tanta violência?!

89. Através de enquadramento especial, deixando o tronco e a cabeça do Diretor em primeiro-plano, fora do charco, câmera mostra, no fundo, os fugitivos que continuam a acusação:

RIDRUEJO: E o Mário, que morreu de fome na soli-

LEÓN GIMENEZ: Já se esqueceu do Videla, que enlouqueceu de tanto choque elétrico, "seu" Ibarra?!

AGUIRRE: E o Juanito, que vocês jogaram da torre?! Lembra do crânio arreventado do infeliz?!...

As últimas partes do corpo de Ibarra vão desaparecendo no charco, e agora só a cabeça fica de fora, quase à superfície, com os olhos estatelados e uma palidez mortal cobrindo-lhe o rosto.

Antes de desaparecer totalmente no pântano, o Diretor ainda ouve a voz de Aguirre, que completa:

AGUIRRE: Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! É a única coisa que ainda pode fazer, antes de descer para o inferno!

90. Em novo enquadramento, câmera focaliza, em primeiríssimo-plano, o rosto de Camilo Ibarra, transfigurado pelo horror.

Lentamente, de forma trágica e inexorável, o queixo, a boca, o nariz, os olhos, a testa e, afinal, o restante da cabeça do infeliz mergulham no charco.

O peso do corpo, afundando no igapó, provoca uma sucção na terra viscosa, puxando para baixo a folhagem, musgos e arbustos.

Depois tudo silencia, e o charco volta à sua feição natural, como se nada tivesse acontecido.

91. De volta ao grupo de fugitivos, câmera, em movimento de "travelling", aproxima-se do Tenente Ramirez, atônito, traumatizado, esperando também sua morte.

Juan Diaz então lhe diz:

JUAN DIAZ: Daqui a pouco chega sua vez, Tenente Ramirez!

Voltando-se para os companheiros, completa:

JUAN DIAZ: Fiquem de olho no homem! Volto já!

Afasta-se do grupo e se embrenha na selva.

EXTERIOR - SELVA PERTO DO IGAPÓ - DIA

92. Seguindo em "travelling" para trás, Juan Diaz caminha no meio da selva espessa, afastando galhos, observando a vegetação.

SCM - Ruídos fortes da selva e dos passos de Juan Diaz.

À certa altura, o boliviano se detém, observando atentamente uma pequena árvore, quase um arbusto. É a "árvore-da-cera", pertencente à família das oleáceas.

De seus galhos pendem frutos de coloração amarelada, um pouco menores do que pêssegos.

Juan Diaz colhe alguns deles, metendo-os num saquinho.

Depois retorna à clareira onde os fugitivos o aguardam.

EXTERIOR - IGAPÓ NA SELVA - DIA

93. Quando o avista de volta, León Gimenez, brincalhão, pergunta:

LEÓN GIMENEZ: Foi procurar passarinho, Juan?!...

Juan Diaz aproxima-se do grupo e, apontando para o Tenente, retruca:

JUAN DIAZ: Para o Tenente, só se for urubu!

Aproxima-se do militar, carregando sempre o saquinho com os frutos da selva, e lhe fala:

JUAN DIAZ: Agora chegou sua vez, Tenente!

Depois de alguns segundos em silêncio, o boliviano ordena, com voz firme:

JUAN DIAZ: Tira a roupa!

O militar, atônito, não obedece, e permanece imóvel, sombrio.

94. Primeiro-plano de Juan Diaz que, dando mais um passo para perto do policial, aplica-lhe inesperadamente tremenda bofetada, gritando:

JUAN DIAZ: Vamos, tira a roupa, já disse!!!

O militar continua impassível, e responde, firme:

TENENTE RAMIREZ: Soy hombre! Isto não faço, cachorro!

Zimaco, chegando em auxílio do companheiro, aplica, por sua vez, outra bofetada no Chefe da Guarda, dizendo a Juan Diaz:

ZIMACO: A gente mesmo tira a roupa, Juan!

95. Ampliando o quadro, câmera focaliza o grupo em plano-médio, favorecendo o militar.

Aguirre, León Gimenez, Carvajal e Ridruejo imobilizam o Chefe da Guarda, enquanto Juan Diaz e Zimaco começam a despí-lo.

Retiram, primeiramente, o boné, com um tapa. Em seguida, praticamente rasgando-a de alto a baixo, a jaqueta, o culote, as botas, a camiseta.

Movimentando-se, em "travelling"-circular, em torno do grupo e sua vítima, câmara capta os gestos e reações dos fugitivos, enquanto o Tenente, mantendo uma dignidade mesclada de rancor e ironia, nada pode fazer.

Quando Juan Diaz avista uma medalhinha pendendo do pescoço do militar, comenta sarcasticamente:

JUAN DIAZ: Olhem só: o Tenente é muito religioso!  
Tem uma medalhinha no peito!...

Zimaco toca na medalhinha e completa, no mesmo tom de ironia:

ZIMACO: É um homem muito piedoso!... E a medalha é de Nossa Senhora de Guadalupe...

Voltando-se para Ramirez, com um sorriso de deboche, pergunta:

ZIMACO: O senhor gosta muito de rezar, não é, Tenente?!...

O militar limita-se a olhá-lo com desprezo, e nada responde. Ridruejo, por sua vez, intervém na brincadeira:

RIDRUEJO: Deve ter o céu garantido! Quem sabe não rezou pela alma do Pablito, do Montenegro, do Juanito?... Não rezou, Tenente?!...

O militar, impassível, nada responde, conservando <sup>uma</sup> atitude <sup>de</sup> firmeza e menosprezo.

Depois de despojado do culote, sapatos e meias, o Chefe da Guarda só conserva a cueca.

Zimaco, em dúvida, pergunta a Juan Diaz, que chefia a operação:

ZIMACO: É pra tirar também a cueca?...

JUAN DIAZ: A cueca também! O Tenente vai ficar nuzinho, exatamente como nasceu!

ZIMACO: Então tira você, que eu não faço isto!...

Juan Diaz, gosativo, imitando homossexual, faz gestos obscenos e ridículos:

JUAN DIAZ: Não quer ver o homem pelado, benzinho?... Não quer ver a pica, a bundinha do Tenente?!... Então tape os olhinhos, melindrosa!...

Dizendo isto, o boliviano avança para arrancar a última veste que recobre a nudez do militar.

96. Em enquadramento de plano-americano, câmera enquadra o Tenente, Juan Diaz, Zimaco e outros fugitivos.

Juan Diaz, com um gesto brusco, arranca com violência a cueca do Chefe da Guarda.

O Tenente fica, então, inteiramente nu, da cabeça aos pés, mas continua firme, sem fraquejar.

Depois o militar é arrastado a um canto da clareira e, com cordas trazidas do automóvel, amarrado no tronco de uma castanheira.

Câmera inicia lento "travelling"-lateral, até enquadrar o Tenente à esquerda do quadro, em primeiro-plano, quase de costas.

No centro, e à direita, seus raptos terminam de prendê-lo na árvore.

Aguirre aproxima-se de Juan Diaz e indaga:

AGUIRRE: E agora, Juan?... A gente deixa o homem amarrado, e vai embora?...

Juan Diaz então responde:

JUAN DIAZ: Calma, Aguirre! Falta uma coisinha, um detalhe muito importante!...

Dizendo isto, se afasta e, mais adiante, apanha o saquinho com os frutos da "árvore-de-cera" e volta para perto do grupo e do militar que, curiosos, não sabem o que o boliviano vai fazer.

97. Fixado em primeiro-plano, Juan Diaz retira um punhal da bainha e parte ao meio os frutos que recolhera.

Deles começa a escorrer uma substância cinzo-amarelada que tem uma graxa esverdeada, com a consistência de sebo.

Depois retira do bolso o lenço sujo e o embebe com a substância oleosa, aproxima-se do prisioneiro e começa a besuntar-lhe o corpo, de alto a baixo.

Aproximando-se, em "travelling", de Juan Diaz e o Tenente Ramirez, câmera detalha a estranha atividade do boliviano.

O militar, sem entender nada, limita-se a olhar o boliviano com ar estupidificado, enquanto a resina, aplicada em seu corpo, deixa exalar um odor forte e ácido.

98. De outro ângulo, favorecendo os outros fugitivos, câmera capta a reação dos companheiros de Juan Diaz, também sem nada entender. Até que o Carvajal, mordido pela curiosidade, pergunta:

CARVAJAL: Negócio esquisito, Juan!...

Depois completa, gozativo:

CARVAJAL: Está bronzeando o corpo do Tenente?!...

JUAN DIAZ: É isto mesmo... Você acertou, advinhão!...

99. Detalhe das mãos de Juan Diaz besuntando as pernas do Chefe da Guarda com a resina do fruto.

Em voz off, o boliviano explica aos companheiros:

JUAN DIAZ (voz off): Está quase acabando!...

100. Terminada a aplicação, Juan Diaz volta-se para os companheiros e anuncia, limpando as mãos:

JUAN DIAZ: Pronto, pessoal. Agora vamos para perto do carro. É só esperar um pouco!...

O bando se afasta, aproximando-se da camioneta, estacionada à margem da estradinha.

O boliviano então recomenda:

JUAN DIAZ: É preciso fazer silêncio, senão não dá certo!

101. Fixando os fugitivos diante do veículo, câmera enquadra a clareira em plano-geral.

No fundo do quadro, com o corpo besuntado de resina, o Tenente fica esperando, perplexo.

É quando, silenciosamente, atraídas pelo cheiro forte da graxa vegetal, diversas serpentes surgem da mata, descem de galhos, avançam vagarosamente na direção do prisioneiro.

102. Primeiro-plano do Tenente no instante em que, estremeando de horror, avista os répteis que se aproximam, compreendendo tudo.

103. Câmera, através de panorâmica da esquerda para direita, focaliza em primeiro-plano Aguirre, Carvajal, Ridruejo, León Gimenez, Zimaco e Juan Diaz.

Também compreenderam o terrível destino do militar. Alguns deles, afetados pela tortura atterradora, ficam sombrios e comentam, em voz baixa:

CARVAJAL: Que coisa horrível!...

RIDRUEJO: Deus do céu!...

ZIMACO: O homem está fodido!...

104. Colocada quase ao nível do chão, câmera registra, em enquadramento especial, a aproximação de algumas cobras de sua vítima, de quem, no campo

visual, só se avistam pés e pernas.

Seguindo, em panorâmica, o deslizar sorrateiro das serpentes, câmara enquadra, por inteiro, a trágica figura do Chefe da Guarda amarrado ao tronco da árvore.

O infeliz, consciente do próximo e medonho fim, passa da perplexidade ao terror, e deste à fúria desatinada.

Começa a berrar, como alucinado:

TENENTE RAMIREZ: Seus filhos da puta!!! Filhos de, uma cadela, ainda vão pagar por esta barbaridade!!!

105. Primeiro-plano de Juan Diaz, que replica, enfurecido:

JUAN DIAZ: Ainda tem coragem de falar em barbaridade, Tenente?!... E o que fez com o desgraçado do Martinez?!...

106. Primeiro-plano de Ridruejo, que também acusa:

RIDRUEJO: E o Martin, que você envenenou na prisão?! E o Miguelito, fuzilado pelas costas?! Já se esqueceu do Hernandez, atirado no fosso?!...

107. Primeiro-plano de Zimaco, possesso:

ZIMACO: E o Juanito, torturado na solitária, com os colhões esmagados, um cabo de vassoura enfiado no cu?!... E você ainda fala em barbaridade, filho de uma puta?!...

108. Em enquadramento que deixa o Tenente em 3/4 de perfil, ligeiramente à esquerda, câmara enfatiza as serpentes que se aproximam e, ao fundo, o grupo de fugitivos, espectadores do suplício.

O militar, apesar de ter as pernas amarradas, consegue movimentar os pés e tenta, desesperadamente, afugentar os répteis que, no entanto, avançam sempre, atraídos pela resina.

As acusações ainda prosseguem, aos berros:

CARVAJAL: Quantos presos você matou de fome, Tenente?! Quantos matou de pancada, de choque-elétrico, de traição, de maldade?!...

AGUIRRE: Eles gritaram de dor, pediram piedade, suplicaram misericórdia! Mas você, com um sorriso cínico, divertia-se com o sofrimento dos pobres coitados!...

ERÓN GIMENEZ: Nada ficava provado, e seus crimes, canalha, ficaram impunes!

109. Primeiro-plano do Tenente Ramirez, estremecendo de horror e repugnância quando sente subir pelo corpo a primeira serpente.

Repentinamente, como derradeira reação de revolta, o militar torna a gritar, com mais ódio ainda:

TENENTE RAMIREZ: Filhos de uma puta!!! Vocês vão pagar por isto, cães leprosos, miseráveis!!!

Câmera recua, em "travelling", abrindo o quadro e deixando ver diversas cobras que enlaçam o corpo do Chefe da Guarda, lambendo a resina oleosa da "árvore-de-cera".

Ao contato asqueroso dos répteis, o infeliz faz gestos desesperados e tem convulsões como de um epilético, tentando inutilmente afugentá-los.

Isto só os enfurece mais e os leva a picar-lhe todo o corpo.

Ramirez começa a gritar e a gemer, transido de horror e desespero.

110. Observando a cena dantesca, até os fugitivos parecem tocados pelo terror.

A um gesto de Aguirre, os presidiários vão tomar seus lugares na camioneta.

Antes de entrar, Juan Diaz ainda se volta para o Tenente e exclama:

JUAN DIAZ: Agora que vai descer às profundas do inferno, Tenente, peça perdão a Deus por seus pecados! E fique aí com suas cobras, que é a companhia que você merece!

Depois entra, bate a porta do carro, liga o motor e põe a camioneta em movimento, voltando ao caminho de terra.

O veículo se afasta na mata, seguido pela câmera que faz panorâmica, até o plano-geral da floresta e do carro, desaparecendo entre as árvores.

SON - Misturados aos gritos e gemidos do Tenente, ouvem-se ruídos da selva e do veículo que se afasta.

## F U S ã O

---

### SEQUÊNCIA III

EXTERIOR - RIO MARAÑON - TARDE

111. Com a paisagem imponente da floresta, cortada pelo Rio Marañon, abre-se a nova sequência.

Entra no quadro, pela esquerda, o navio "Amazonas", descendo lentamente o rio, já próximo a Remate de Males, sua primeira escala na longa viagem de volta.

A embarcação brasileira, para alertar as pequenas canoas de pesca que circulam pelo rio, solta silvos graves e prolongados.

SCM - Silvos prolongados do barco, gritos de pássaros e ruídos característicos da selva.

INTERIOR - CAMIONETA - TARDE

112. Focaliza-se, no interior da camioneta, o grupo de fugitivos e, em sua frente e  $\hat{\imath}$  pelos lados, pode-se ver a mata menos espessa, nas vizinhanças do rio.

SCM - Novo silvo do navio, em segundo-plano sonoro.

Ouvindo-o, os presidiários se calam, tensos, seguindo a viagem. Aguirre, sentado ao lado de Juan Diaz, o motorista, pergunta:

AGUIRRE: Não estamos chegando, Juan?...

JUAN DIAZ: Falta pouco. Uns 10 quilômetros, no máximo.

AGUIRRE: Não seria melhor deixar o carro por aqui?

JUAN DIAZ: Daqui a pouco a gente salta!

EXTERIOR - CANTA DA MATA - TARDE

113. Deixando no quadro um pequeno curso d'água e algumas "aguajes", como os peruanos chamam os buritis do Brasil, câmera focaliza a camioneta que vai chegando pela trilha tortuosa.

Depois de passar próximo da objetiva, o veículo se afasta na planície.

EXTERIOR - ESTRADA NA SELVA - TARDE

114. Instalada no capô da camioneta, câmera focaliza a paisagem tropical: a mata, um rio, afluente do Marañon, as palmeiras e o caminho de terra que vai sendo engolido pelo carro.

SCM - Ruído, em primeiro-plano, do motor do automóvel e, menos forte, da mata tropical.

EXTERIOR - PROA DO "AMAZONAS" - TARDE

115. Da proa do navio "Amazonas", câmara focaliza o talhamar que funde as águas barrentas do Marañon.

Depois, em panorâmica baixo-alto, mostra, em grande-plano-geral, o rio, abrindo-se em vários braços, os igarapés, furando a selva, formando ilhotas, córregos, lagos e frisos líquidos abertos para o céu.

SOM - Ruídos do navio e do talhamar rompendo as águas.

EXTERIOR - MATA PRÓXIMA AO RIO - TARDE

116. Na mata de vegetação rarefeita, próxima do rio, o carro dos fugitivos vem pelo caminho de terra. Logo depois estaciona ao lado de um buriti.

Todo o bando deixa o interior do veículo e espalha-se pelo local, colhendo frutos, bebendo água fresca num córrego.

Juan Diaz abre o capô e, com uma borracha, retira parte da gasolina do tanque, enchendo uma lata.

Depois espalha o combustível pela carroceria, volta-se para os companheiros e adverte:

JUAN DIAZ: Todo mundo escondido atrás das árvores!  
Vou botar fogo nesta choça! Vai voar pedaço pra todo lado!

117. De outro ângulo, câmara revela os preparativos para a explosão. Os detentos vão esconder-se na mata.

Juan Diaz retira do bolso uma caixa de fósforos, acende um deles e o atira sobre o rastilho de gasolina, correndo a se proteger.

O fogo se alastra com rapidez e, em poucos segundos, envolve a carroceria.

Depois, com grande estampido, a camioneta se transforma numa grande fogueira que clareia a mata.

Passado o perigo, os presidiários vão surgindo dos esconderijos, apreciando o incêndio.

Depois Aguirre pergunta a Juan Diaz:

AGUIRRE: E agora, Juan, qual o caminho?...

Juan examina o lugar e, com segurança, indica uma direção:

JUAN DIAZ: Por ali. A gente atravessa o resto de mata e encontra o rio. Depois é só seguir pela margem e chegar a Remate de Males.

AGUIRRE: E dá tempo de chegar antes do navio?

JUAN DIAZ: Se a gente for depressa, dá!

118. Mudando a angulação, câmera enquadra, em plano-médio, todo o bando, favorecendo Aguirre e Juan Diaz.

O líder do bando apanha uma metralhadora e, voltando-se para os companheiros, exclama:

AGUIRRE: Pé na estrada, companheiros! Vamos embora!  
Daqui a pouco a onça vai beber água!

O bando se afasta, penetrando na mata, na direção indicada por Juan Diaz.

EXTERIOR - PROXIMIDADES DE REMATE DE MALES - TARDE

119.120.121.122.

123.124.125.126. - Nova série de "flashes" registra, em diferentes locais e angulações, a caminhada dos seis fugitivos pela selva e a margem do Marañon.

A marcha é dificultada por obstáculos de toda espécie: charcos, igapós, cursos d'água, galhos e cipoeis, vencidos a golpes de facão.

Tomando a margem do rio o bando, quilômetros adiante, alcança ao anoitecer, a localidade ribeirinha de Remate de Males.

Aproximando-se do lugarejo, aglomerado miserável de casebres, com um ancoradouro rústico e o trapiche, os fugitivos se ocultam.

Como ainda vestem o uniforme de presidiários, discutem o que fazer:

AGUIRRE: Temos duas opções: ou a gente invade a povoação para apanhar roupa nova, ou faz a troca no próprio navio. Precisamos decidir!

ZIMACO: E há tempo para a troca no lugarejo?...

AGUIRRE: O Juan é que pode responder...

Através de "travelling", câmera se acerca do grupo, favorecendo Aguirre e Juan Diaz, que responde:

JUAN DIAZ: Antes que o navio atraque, a gente alcança o porto e invade o trapiche, onde tem roupa à vontade.

CARVAJAL: Tem soldado por lá?

JUAN DIAZ: Dois ou três gatos pingados...

RIDRUEJO: Esses a gente espanta com um só tiro!

AGUIRRE: Pois então vamos embora!

Juan Diaz faz rápida vistoria no local e depois adverte:

JUAN DIAZ: A gente contorna aquele morro. Mais adiante há um caminho que leva ao trapiche.

O bando, engatilhando as armas, deixa o esconderijo e se afasta na direção indicada pelo boliviano.

EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - ANCIITECER

127. Focalizando no canto esquerdo do quadro o trapiche e o ancoradouro, câmara enfatiza parte do rio e, ao fundo, a colina indicada por Juan Diaz.

A luz cambiante do crepúsculo, de coloração vermelho-amarelada, deixa ver o trapiche, o porto rústico e diversas embarcações de pescadores.

O trapiche, construção tosca de madeira, avança sobre o rio sua varanda comprida, sustentada por estacas fincadas no lodo.

Circulando pelo alpendre, vendedores e compradores fazem pequenos negócios, bebem café e cachaça, negociam borracha, madeira, castanhas, etc.

No embarcadouro, uma multidão de passageiros, fiscais do Governo, funcionários, alguns soldados, portuários e vendedores aguardam, ruidosamente, a atração do navio brasileiro.

128. Modificando a angulação, câmara focaliza o caminho que vem da colina, margem o rio e desemboca no trapiche.

Nesse instante surgem, por trás de árvores e um muro de pedra, os seis presidiários, armas à mão.

Perto do ancoradouro, param alguns segundos, enquanto Aguirre, que segue à frente, examina o local.

Aguirre avança alguns metros, espia o trapiche e faz um sinal aos companheiros.

O bando atravessa correndo um pequeno espaço e sobe a escada que leva à varanda da construção.

INTERIOR - TRAPICHE - NOITE

129. Provocando enorme espanto nos que circulam pela vinda, os fugitivos transpõem a varanda e invadem o galpão.

Alcançando o interior do trapiche, sem encontrar resistência, o bando aponta as armas para as pessoas que negociam e fazem compras, imobilizando-os de susto. Aguirre, com forte determinação, adverte:

AGUIRRE: Todo mundo quieto, senão leva bala!

Depois, dirigindo-se a um homem gordo, com cara de índio, sentado atrás da máquina registradora, pergunta:

AGUIRRE: Só queremos mudar de roupa! Onde está?!

O comerciante, assustadíssimo, nada responde, lívido.

Aguirre insiste, com voz ameaçadora:

AGUIRRE: Vamos, homem! Depressa! Quer levar um tiro na cara?!...

O peruano, um pouco reffeito do espanto, aponta para um armário envidraçado e balbucia:

COMERCIANTE: A roupa?!... Sim, senhor... Está ali, naquele armário!...

Os fugitivos pulam o balcão, atravessam a sala e chegam ao armário, que abrem com violência.

Depois retiram das prateleiras pilhas de calças, camisas, meias e sapatos, colocando-os sobre o balcão.

Em seguida, apontando sempre as armas para os que observam, perplexos, a invasão inesperada, começam a se despir.

Nesse instante, estremecendo os invasores, ouve-se o silvo forte do "Amazonas", aproximando-se do porto.

SOM - Silvo grave e prolongado da embarcação.

#### EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - NOITE

130. Transferindo-se para o porto, câmera focaliza o navio brasileiro que se aproxima, silvando.

A pequena multidão que o aguarda, alheia ao que se passa no interior do trapiche, movimenta-se ruidosamente no embarcadouro, observando as manobras de atracação.

SOM - Silvos do navio e ruídos do porto.

#### INTERIOR - TRAPICHE - NOITE

131. Alternando a chegada do barco com a nervosa ação dos fugitivos, câmera volta a enquadrá-los em plena e apressada troca de roupas.

Experimentando calças, camisas, meias e sapatos, os presidiários provocam grande confusão na casa comercial.

Quando um de seus frequentadores faz menção de sair, Zimaco, num salto ágil e inesperado, barra-lhe o caminho, o cano do revólver espetado em seu corpo:

ZIMACO: Alto lá, homem! Vai ficar quietinho aqui dentro!

Aguirre, que já está pronto, fala aos companheiros, nervosamente:

AGUIRRE: Depressa, cambada! O barco está chegando!

EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - NOITE

132. Voltando ao cais, câmara documenta as manobras finais de atracação do "Amazonas".

Virando a proa para o ponto de partida, o piloto, com perícia, pouco a pouco encosta o navio no atracadouro. Depois um tripulante atira a corda fina que leva amarrado o cabo grosso, que a turma de terra prende nas amarras.

Presas a popa e a proa, a grandes trancos, a prancha de descida é arriada.

SOM - Ruídos ambientais de porto e atracação.

INTERIOR - TRAPICHE - NOITE

133. No interior do trapiche os fugitivos terminam de vestir roupa nova. Ridruejo ainda amarra os cordões dos sapatos quando Aguirre, pulando o balcão, adverte aos que se encontram no recinto:

AGUIRRE: Vocês continuam aqui dentro, como se nada tivesse acontecido! Não vão bancar os espertinhos, que é pior! Todo cuidado é pouco!

Depois o bando atravessa o galpão e vai para fora.

EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - NOITE

134. Escondendo as armas sob camisas, túnicas e sacos, os seis fugitivos descem rapidamente a escadaria do trapiche.

Aguirre aproxima-se de Juan Diaz e lhe fala:

AGUIRRE: Destrua o posto de rádio do porto, Juan! Esperamos você perto da prancha!

Juan Diaz faz um gesto afirmativo e se afasta no cais, enquanto Aguirre, Carvajal, Zimaco, Ridruejo e León Gimenez se misturam à multidão.

INTERIOR - POSTO DE RÁDIO - NOITE

135. Alcançando o posto de rádio, num canto do prédio de administração, Juan Diaz, com a metralhadora camuflada sob a túnica, aproxima-se do rádio-operador, um moreno de grandes bigodes, baixo e atarracado.

Antes que possa reagir, Juan Diaz prostra-o por terra com violenta pancada.

Depois, com uma barra de ferro, destrói o rádio-emissor, corta fios e inutiliza válvulas.

EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - NOITE

136. Aguirre e seus companheiros estão próximos da prancha de acesso ao "Amazonas".

Passageiros, tripulantes, carregadores com bagagens, fiscais, vendedores de bugigangas transitam ruidosamente pelo local.

Quando Juan Diaz chega do posto de rádio, o bando, mãos no gatilho, começa a subir a bordo.

INTERIOR - CONVÉS DO "AMAZONAS" - NOITE

137. Deixando à esquerda do quadro o comandante do navio, Capitão Caruana, homem corpulento, de tipo nordestino, câmera enquadra o portaló, a prancha e, em baixo, o cais de madeira, precariamente iluminado.

Observando o acesso a bordo, o Capitão dá com os seis fugitivos e não oculta a surpresa diante do aspecto tenso e estranho daqueles homens.

Antes que o comandante possa manifestar qualquer reação, Aguirre se volta para os companheiros e ordena:

AGUIRRE: Agora!

Imediatamente, diante da voz de comando, os presidiários sacam as armas e chegam correndo ao topo da escada.

138. Modificando a angulação, câmera amplia o campo visual e documenta a ação fulminante dos invasores, que chegam ao convés, armas em riste.

Antes que o Capitão, atônito, saque o revólver, Aguirre encostrasse o cano da metralhadora no peito e exclama, firme:

AGUIRRE: Quietinho, comandante! Já quer ir pro cemitério?!...

Ninguém se mexe, pego de surpresa, imobilizado pelo susto. O bando se espalha pelo convés, armas engatilhadas, disposto a tudo.

Voltando-se para tripulantes e passageiros, Aguirre adverte:

AGUIRRE: Se alguém tentar reagir, é morte certa!

O Capitão aproxima-se do chefe do bando e lhe fala, com energia:

CAPITÃO CARUANA: Este é navio brasileiro! O que os senhores estão fazendo é crime, violação de território soberano! E isto é punido com a maior severidade!

Aguirre, sem se abalar com a advertência, responde:

AGUIRRE: Não queremos ferir a soberania de país

nenhum, comandante! Queremos é embarcar no navio, fazer uma viagem, só isto!

139. Primeiro-plano do Capitão e de Lopo de Aguirre, defrontando-se perigosamente.

O brasileiro, recuperando o controle, replica, enérgico:

CAPITÃO CARUANA: Pois se desejam viajar, deponham as armas, comprem passagens e exibam os passaportes! Com estas armas engatilhadas, o que os senhores fazem é violar a lei, invadir território brasileiro! E isto eu não admito!

AGUIRRE: Admita, ou não, estamos aqui! E aqui vamos ficar! Passagem a gente compra depois!

Em seguida, exibindo a metralhadora, Aguirre continua:

AGUIRRE: Este é nosso passaporte, comandante! E chega de conversa, ~~homem~~ <sup>homem</sup>! Mande subir a prancha e vamos embora, que já estamos perdendo tempo!

140. Plano-médio do bando, do Capitão e de alguns passageiros e tripulantes, atentos ao diálogo.

O comandante do navio ainda pergunta:

CAPITÃO CARUANA: Para onde os senhores querem ir?!

AGUIRRE: Este é assunto nosso! Depois o senhor fica sabendo! Por enquanto o que queremos é descer o rio, o mais depressa possível!

O comandante fica alguns instantes em silêncio, como se hesitasse. Mas quando Aguirre pressiona com mais força o cano da arma em seu peito, o brasileiro faz um gesto para um oficial que, da ponte de comando, aguardava os acontecimentos.

O oficial anuncia a partida do barco.

SOM - O navio silva três vezes.  
Ruído de sineta.

141. Da popa do navio, em enquadramento estratégico, câmara detalha o apressado embarque de tripulantes e passageiros. Fardos de carga são levados rapidamente aos porões, ou colocados no próprio convés.

O cabo de amarra é solto, enquanto, no cais, temendo violência dos invasores, trabalhadores, portuários e dois ou três soldados permanecem calados.

EXTERIOR - PORTO DE REMATE DE MALES - NOITE

142. Do cais de madeira, a poucos metros do trapiche, câmara registra os preparativos para a partida do "Amazonas".

Dois velhos, assustados com a presença a bordo dos fugitivos, desistem da viagem e descem apressadamente a escada de acesso.

Depois a prancha é retirada e o navio se movimenta, afastando-se vagorosamente do embarcadouro.

O barco se distancia, imponente, enquanto no cais, recuperando-se do espanto, a pequena multidão comenta excitadamente o episódio inesperado e, pouco a pouco, se dispersa.

SOM - Silvo prolongado do barco.  
Ruídos ambientais do embarcadouro.

INTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - NOITE

143. Sempre com as armas apontadas para o comandante e seus oficiais, Aguirre e companheiros assumem, efetivamente, o domínio da embarcação.

A primeira providência de Aguirre é mandar Carvajal vigiar a sala de rádio e desarmar o pessoal de bordo.

Dirige-se, nesse sentido, ao Capitão Ceruana e ordena:

AGUIRRE: Quero todas as armas reunidas num camarote!

Voltando-se para Zimaco e Juan Diaz, completa:

AGUIRRE: Vocês vão à sala de armas e apanhem o que puder: revólver, munição, explosivo!

144. Enquadrado em plano-americano e seguido pela câmara em "travelling para trás, Aguirre caminha pelo convés e examina as instalações: cozinha, rancho, camarotes de oficiais, casa de máquinas, salão de terceira-classe, proa e popa.

Verifica-se que, por toda parte, aboletam-se carga e animais, fardos de sal, latas de querosene, gasolina, pilhas de tijolos e telhas, cabras, carneiros, bois e vacas.

No salão, trazendo baús, trouxas e sacos, os passageiros mais pobres instalam-se pelos cantos, amarrando redes nas paredes e colunas, fazendo denso trançado.

145. Aproximando-se dos companheiros, que o seguem, vigilantes, Aguirre comenta, em voz baixa:

AGUIRRE: É pouco melhor do que na prisão!...

Depois vai perguntar ao Capitão, no portaló:

AGUIRRE: E os camarotes?...

O comandante aponta para cima e responde:

CAPITÃO CARUANA: No convés superior.

Aguirre, Ridruejo e León Gimenez dirigem-se para lá.

146. Instalada no convés superior, câmara enquadra Aguirre e seus companheiros que sobem os últimos degraus da escada e examinam o local.

Além das cabinas de primeira-classe e os camarotes da oficialidade, o salão de refeições, o bar, o tombadilho e os corredores, dotados de espreguiçadeiras, oferecem relativo conforto e um aspecto mais atraente.

Algumas cabinas estão ocupadas, uma delas por um casal de turistas norte-americanos, altos e velhos, muito assustados com a presença dos invasores, temendo pelas joias e o dinheiro que trazem; outra por um missionário italiano, Frei Massotti, e um geólogo francês, Michel Leroy, ambos queimados de sol, trazendo volumosa bagagem; uma terceira por dois funcionários peruanos que viajam a Manaus em missão oficial.

Apontando para o fim do corredor, o comandante, que subira ao convés com os fugitivos, informa a Aguirre:

CAPITÃO CARUANA: Aquelas cabinas estão vagas.

147. Aguirre, Ridruejo e León Gimenez encaminham-se para as cabinas indicadas, que examinam rapidamente.

Voltando-se para o comandante, Aguirre informa:

AGUIRRE: Ficamos com elas!

Depois, avistando Zimaco e Juan Diaz que chegam com armas e munição, completa:

AGUIRRE: Põe ali dentro!

Avançando, em "travelling", câmara vai fixar o chefe do bando em primeiro-plano, quando, dirigindo-se ao comandante do barco, ordena:

AGUIRRE: Quero todo mundo, tripulantes e passageiros, no refeitório dentro de meia-hora!

INTERIOR - REFETÓRIO DO NAVIO - NOITE

148. Enquadra-se Frei Massotti em primeiro-plano, no instante em que fala ao companheiro de viagem e de cabina, o francês Leroy:

FREI MASSOTTI: Viajei dezenas de vezes neste "gaiola", mas acho que esta vai ser a viagem mais movimentada de todas!...

Câmera inicia lento "travelling" para trás, abrindo o quadro e deixando ver Michel Leroy que, com forte sotaque, retruca, sem o mesmo entusiasmo do italiano:

MICHEL LEROY: Esta gente é perigosa, Frei Massotti! Parece que fugiram da Penitenciária de Iquitos!

O religioso fica subitamente sério, preocupado, com a informação. Depois comenta:

FREI MASSOTTI: Tem certeza?!... Fugiram do presídio?!

MICHEL LEROY: Só podem ser eles! Quando saímos de Iquitos falava-se muito na fuga de seis criminosos!

Frei Massotti se persigna e exclama, assustado:

FREI MASSOTTI: Dio mio!... Que Santa Engrácia nos proteja!...

Recuando sempre, câmera documenta o interior do salão de refeições do "Amazonas", no qual se concentra multidão de passageiros e tripulantes, garçons uniformizados, rádio-telegrafista, viajantes de terceira-classe.

Muitos não disfarçam a apreensão, esperando o pior; outros parecem divertir-se com a inesperada aventura em que se envolveram.

Em sua movimentação minudente pelo local, câmera vai registrar, num canto do salão, o diálogo do Capitão Caruana e o Imediato, um oficial de cara beixiguenta, baixo e atarracado:

CAPITÃO CARUANA: São criminosos da pior espécie, Aparício! Veja você que falta de sorte: invadirem logo o "Amazonas"!...

APARÍCIO: O que o senhor acha que vão fazer?...

CAPITÃO CARUANA: Não sei... Talvez queiram chegar a Manaus e fugir...

APARÍCIO: Isto é uma loucura! Não vão conseguir nunca! E o Exército, a Marinha?!...

CAPITÃO CARUANA: Talvez fujam pela selva...

APARÍCIO: Pior ainda! Para chegar à fronteira do Norte, terão que atravessar a floresta!... É morte certa!...

Nesse instante todas as atenções se voltam para a porta de entrada. Após panoramizar, câmera inicia novo "travelling" e se aproxima dos seis presidiários que dão entrada no refeitório.

Aguirre sobe num pequeno tablado, no fundo da sala e, cercado pelos companheiros, começa a falar:

AGUIRRE: Quero deixar claro que ninguém vai sofrer nada, se colaborar conosco! Não queremos fazer mal a ninguém, mas é preciso que saibam que não vamos tolerar atos de sabotagem, traição, brincadeira de mau-gosto!

149.150.151.

152.153.154. - Durante a fala de Aguirre, câmera capta, em nova série de "intercuts", a reação de passageiros e tripulantes, uns assustados, outros indiferentes e até divertidos, mas ouvindo atentamente o líder dos invasores que, enquanto isto, prossegue:

AGUIRRE (voz off): Vamos fazer juntos uma longa viagem! Não esperamos que fiquem nossos amigos, mas esperamos, pelo menos, que não queiram bancar os heróis, mocinhos de cinema! Como vêem, estamos armados, e bem armados! Se ninguém fizer besteira, vai ser uma viagem normal, talvez até mais divertida!...

155. Plano-americano de Aguirre e companheiros. À certa altura, alçando a metralhadora, o chefe dos rebeldes adverte:

AGUIRRE: Cuidado com esta "muchachita", meu povo! Ela se zanga com a maior facilidade!...

Após recuar, em "travelling", abrindo o quadro, câmera focaliza o bando em plano-médio.

Alguns dos fugitivos dão gargalhadas, outros afagam o cano das armas, reforçando a ameaça de Aguirre, que, nesse meio tempo, conclui o discurso:

AGUIRRE: Não tenham ilusões, amigos: vamos estar por toda a parte, prontos para o que der e vier! Não banquem os engraçadinhos, repito! É melhor para todo o mundo!

156. Em nova angulação, câmera deixa Aguirre, Zimaco e Juan Diaz à esquerda do quadro. No centro, e à direita, o salão, os passageiros e tripulantes, em completo silêncio.

Num dos cantos, ao lado do Imediato e outros oficiais, o comandante

do navio, muito sério, ouve o líder dos invasores.

À certa altura, voltando-se em sua direção, Aguirre pergunta:

AGUIRRE: O comandante... Como é mesmo seu nome?...

De seu canto, com voz forte, o comandante responde:

CAPITÃO CARUANA: Capitão Fernando Caruana!

AGUIRRE: Pois muito bem, Capitão Fernando Caruana: fique sabendo que o senhor responsável pelo que ocorrer neste barco! E toca o navio para a frente, como se nada de anormal estivesse acontecendo!

157. Primeiro-plano de Aguirre, que completa, chocoso:

AGUIRRE: Aliás, nada de anormal está acontecendo! Só há seis passageiros a mais, todos de boa paz, bem intencionados!

158. Plano-geral do refeitório, favorecendo-se, no fundo, o bando de Aguirre, que conclui:

AGUIRRE: Está terminada a reunião! Cada um pode voltar para seu posto, que isto aqui não é a Câmara dos Deputados!

A multidão se movimenta, deixando o local, observada pelos detentos, que permanecem no mesmo lugar.

Ao passar diante deles, o casal de turistas americanos chama a atenção de Juan Diaz, interessado nas jóias que a velha exhibe.

Quando o casal se afasta, câmera avança em rápido "travelling" e vai enquadrar Juan Diaz, tendo Zimaco ao lado, a quem diz em voz baixa:

JUAN DIAZ: Você viu, Zimaco, as jóias da velha?...

ZIMACO: Manjei tudo: colar, brinco, bracelete... Será que não é falso?...

JUAN DIAZ: Se não for, deve valer uma fortuna!...

ZIMACO: E até que a velha não <sup>é</sup> de se jogar fora!...

159. Em nova angulação, agora incluindo Aguirre, Carvajal, Ridruejo e León Gimenez, câmera favorece Juan Diaz e Zimaco.

O boliviano, voltando-se para Aguirre, propõe:

JUAN DIAZ: Por que a gente não confisca o tesouro desses ricos?!...

AGUIRRE: Calma, Juan! Tudo a seu tempo! Por enquanto não vamos provocar pânico!

JUAN DIAZ: Tem razão. Mas aquela velha fica pra mim!

Zimaco protesta, brincalhão:

ZIMACO: A velha fica pra você, mas as jóias eu carreggo!...

Juan Diaz, fazendo o gesto tradicional de "banana", exclama:

JUAN DIAZ: Aqui, ó!...

Antes que o comandante se afaste, Aguirre desce rapidamente do tablado e vai ao seu encontro.

160. Plano-americano de Aguirre e, ligeiramente atrás, Zimaco e Ridruejo, aproximando-se do Capitão:

AGUIRRE: Comandante, faz o favor!

O comandante se volta para o fugitivo e espera. Aguirre pára diante dele e pergunta:

AGUIRRE: Não tem no navio duas cabinas com comunicação interna?...

CAPITÃO CARUANA: Temos uma "suite", mas está reservada para uma família que embarca em Benjamin Constant.

AGUIRRE: Pois ela fica para nós!

INTERIOR - CABINA DOS FUGITIVOS - NOITE

161. Em corte direto, transferindo-se para o interior da "suite", câmara revela o aposento e os fugitivos que se instalam, comentando:

CARVAJAL: A cama é um pouco dura, mas serve!...

RIDRUEJO: Será que tem pulga?...

ZIMACO: Fico na cama superior. Estou acostumado!

Aguirre aproxima-se de uma beliche e anuncia:

AGUIRRE: Fico com esta. Quem mais fica aqui?

JUAN DIAZ: Você escolhe, Aguirre!

AGUIRRE: Não tenho preferência. Com a porta de comunicação aberta, todo mundo fica junto. Vocês se

instalem que vou fumar ali fora...

Carvajal, que já ia acendendo um cigarro, caminha alguns passos para juntar-se a Aguirre, dizendo:

CARVAJAL: Vou com você, Carlos.

Aguirre, antes de transpor a porta, volta-se para o companheiro e adverte:

AGUIRRE: Nunca saia sem arma, Carvajal! Você confia tanto nesta gente?!...

Carvajal, meio encabulado, vai apanhar o revólver e deixa a cabina com Aguirre.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

162. Chegando ao convés, Aguirre e Carvajal vão recostar-se à amurada e se põem a olhar o rio, a selva, o céu pontilhado de estrelas, a grande lua que se reflete no Marañon.

É uma paisagem majestosa, envolvente, cheia de mistérios.

Depois de fixar os dois fugitivos em plano-médio, câmera avança lentamente em "travelling", até primeiro-plano, registrando o diálogo:

AGUIRRE: Veja você a ironia, Carvajal: certa noite, na Cidade do México (ou Nova York, Madri, Buenos Aires, etc.) prometi à Clarita uma viagem de navio pelo Amazonas. Agora estou indo para lá...

CARVAJAL: Está ficando sentimental, Carlos?...

AGUIRRE: Nem sei o que é isto, Carvajal! O que sinto mesmo é ódio, revolta, uma vontade enorme de fugir, ir para longe!...

CARVAJAL: Acha que vai dar certo?...

Aguirre passeia os olhos pelo navio e depois responde, enigmático:

AGUIRRE: E como posso saber?!... Não depende da gente...

CARVAJAL: De Deus?...

AGUIRRE: Ou do diabo, quem sabe?...

Ficam pensativos, calados. Câmera faz panorâmica, retirando-os do quadro, e vai enquadrar o rio e a floresta em grande-plano-geral. Depois, lentamente, a imagem escurece em "Fade-in".

SEQUÊNCIA IV

EXTERIOR - PROXIMIDADES DE BENJAMIN CONSTANT - MANHÃ

163. Com um grande-plano-geral do rio, da selva e, muito ao fundo, da cidade brasileira de Benjamin Constant, à margem do Solimões, abre <sup>se</sup> a nova sequência em "Fade-out".

Depois, em panorâmica, câmera volta a focalizar o interior do navio e documenta a grande movimentação que a aproximação da fronteira provoca nos sequestradores.

SOM - Silvo prolongado do navio.

INTERIOR - LOCAIS DO NAVIO - MANHÃ

164.165.166.

167.168.169. - A nova série de "flashes" de montagem registra os preparativos preliminares para a travessia da fronteira peruano-brasileira e a atracação em Benjamin Constant.

Aguirre, com notável poder de liderança, conferencia, num canto, com os companheiros. Depois manda reunir no tombadilho passageiros e tripulantes.

Isto é feito, nervosamente, e gera um princípio de pânico.

Mulheres e crianças, viajando no convés inferior, começam a chorar, temendo violência dos assaltantes.

Câmera, circulando pelo navio, capta flagrantes de passageiros e tripulantes, convocados com nervosismo pelos invasores.

Aguirre, subindo num caixote de carga, pede silêncio e começa a falar, com voz forte:

AGUIRRE: Vamos acabar com esta confusão! Não vamos maltratar ninguém! Como estamos chegando ao Brasil, queremos simplesmente nos proteger! Vamos separar alguns de vocês e descer ao porão do navio. Se alguém nos denunciar, mataremos os reféns, um a um! Se todo mundo cooperar, ninguém sofrerá nada!

170. Iniciando "travelling" para frente, e fixando a escolha dos reféns, câmera detalha o grande nervosismo que se apodera de todos. Em vez de cessar, a confusão aumenta com a decisão dos sequestradores.

Quando começam a separar os reféns, de preferência mulheres e crianças, Frei Massotti se aproxima de Aguirre e lhe pede:

FREI MASSOTTI: Quero ir também como refém! Não precisam levar mulheres e crianças! Isto é uma crueldade!...

Aguirre, impaciente, irritado, responde asperamente ao sacerdote:

AGUIRRE: O senhor fica aqui mesmo, pois é conhecido dos brasileiros! Levamos quem nós quisermos, e faça o favor de não se intrometer!

Em seguida, voltando-se para a multidão tomada de pânico, o chefe do bando explode:

AGUIRRE: E vamos parar com esta gritaria!!! Se continuar a bagunça, meto bala em todo o mundo! Não estamos brincando, seus calhordas!!!

A advertência e, principalmente, o cano das armas, voltadas contra os passageiros, fazem imediatamente cessar a confusão.

Afastando, com gestos bruscos, homens, mulheres e crianças, além de um oficial e dois marinheiros, Aguirre e seus companheiros separam uns 15 reféns.

Antes de descer ao porão, o líder se volta para o comandante e avverte:

AGUIRRE: O senhor já sabe, comandante! Se formos traídos, esta gente toda morre!

Depois desce ao porão.

SOM - Novos silvos do "Amazonas", mais próximo de Benjamin Constant.

171. Instalada no passadiço, câmera focaliza a cidade de Benjamin Constant, agora mais próxima.

Depois faz panorâmica e enquadra a proa do navio, documentando as manobras iniciais de atracação.

#### EXTERIOR - PORTO DE BENJAMIN CONSTANT - MANHÃ

172. Instalada no porto de Benjamin Constant, primeira escala do "Amazonas" em território brasileiro, câmera focaliza a multidão que se aglomera no cais e mostra, no fundo, o Solimões e a embarcação que se aproxima.

Num mastro, fixado no ancoradouro, tremula a bandeira brasileira, enquanto no cais de madeira são vistos, no meio da massa humana de variada origem racial, soldados da Polícia e do Exército.

SOM - Ruídos ambientais do porto. Silvo do navio, em segundo-plano.

INTERIOR - PORÃO DO NAVIO - MANHÃ

173. No porão do navio, reunidos num canto entre volumes de carga, fugitivos e reféns não disfarçam intensa expectativa.

Mantendo completo silêncio, suportam a altíssima temperatura, transpirando por todos os poros.

Mãos no gatilho, os presidiários aguardam, dispostos a tudo.

Num dos cantos, uma mulher reprime o choro, enquanto um velho, sentindo mal-estar, vai estender-se num fardo de algodão.

SOM - Silvos e ruídos do navio em segundo-plano.

EXTERIOR - PORTO DE BENJAMIN CONSTANT - MANHÃ

174.175.176.177.

178.179.180.181. - A nova série de planos de montagem documenta a aproximação e atracação do "Amazonas" no porto fronteiriço.

Depois que a prancha é arriada, autoridades policiais e portuárias sobem a bordo, para a inspeção de rotina e conferência de documentação.

Um dos planos focalizará, no cais, uma família de brasileiros: um fazendeiro, meio gordo, a pele curtida de sol, com cerca de 60 anos de idade, vestindo linho branco, chapéu panamá, de origem sertaneja; uma mulher, pouco mais jovem do que o fazendeiro, com acentuados traços indígenas, discreta e calada; uma moça, filha do casal, bela e atraente e, afinal, um jovem de, aproximadamente, 28 anos de idade.

Os dois homens, vestidos com certo apuro, revelam abastança, enquanto as mulheres ostentam trajés simples, sem luxo, mas elegantes.

Outro plano, no cais, mostra duas religiosas, uma jovem, de traços finos, bonita, e a outra idosa, pertencentes a uma missão sediada em Benjamin Constant.

Todos se movimentam despreocupadamente, alheios ao drama que se desenvolve a bordo. Ali, ao contrário, se percebe uma grande expectativa, crescente à medida que as autoridades brasileiras ganham a embarcação.

Ninguém, contudo, denuncia a presença dos sequestradores no navio, nem mesmo quando um oficial brasileiro, seguido por autoridades fiscais, examina a documentação e caminha alguns metros no convés, aproximando-se da escada que leva ao porão.

O militar, no entanto, não desce a escada e retorna ao portaló, liberando o navio para embarque e desembarque.

182. No cais, a família brasileira, fixada antes pela objetiva, prepara-se para embarcar.

Câmera, em lento "travelling", vai fixá-la em plano-americano.

O fazendeiro, Coronel Possidônio, volta-se para dois carregadores e pergunta, enxugando o suor do rosto:

CORONEL POSSIDÔNIO: Não esqueceram nada na Rural?...

Um dos carregadores, índio aculturado, confere a bagagem e responde:

CARREGADOR: Tá tudo aqui, Coronel! Doze volumes. Não esquecemos nada, sim senhor!...

Dona Hortênsia, mulher do fazendeiro, comenta, só para dizer alguma coisa:

DONA HORTÊNSIA: Será que vai demorar muito, Possidônio?...

O fazendeiro, um pouco irritado, no calor tórrido, exclama, enxugando o rosto e pescoço:

CORONEL POSSIDÔNIO: E eu é que vou saber?!...

Caminha alguns metros pelo cais, impaciente, volta para junto da família e completa:

CORONEL POSSIDÔNIO: É uma burocracia que não acaba mais!... É funcionário demais, mamando nas tetas do Governo, protegido de políticos!...

Volta-se para o jovem, ao lado da filha, e pergunta:

CORONEL POSSIDÔNIO: Não seria melhor dar uma palavrinha ao Major Fery, para apressar o embarque, Odorico?...

Odorico, meio distraído, entretido com a moça, volta-se assustado para o fazendeiro:

ODORICO: Falar com o Major?!... Se o senhor quiser, fale, Coronel! Mas não vai adiantar nada, pois ele vai dizer que é o Regulamento, a lei!...

183. Não muito distante da família do fazendeiro, as duas religiosas, com longos chapéus e veste brancos, esperam pacientemente o instante de embarque.

A mais jovem, de expressão tristonha e pensativa, ouve a companheira, que lhe fala em tom de voz baixo:

IRMÃ CLOTILDE: Em Manaus, no retiro, você vai ter oportunidade de meditar, de aconselhar-se com a Superiora... Talvez mude a idéia de deixar a Ordem...

A outra religiosa, Irmã Berenice, de olhos baixos, fica algum tempo em silêncio, pensativa.

Depois ergue a vista, encara bondosamente a companheira e responde, em tom de voz que revela firmeza e decisão:

IRMÃ BERENICE: Meditei e rezei muito, Irmã Clotilde... Acho que em Manaus não vou mudar minha decisão!

IRMÃ CLOTILDE: Nada é definitivo, Berenice. Só Deus toma as decisões de nossa vida!...

Irmã Berenice vai retrucar, mas desiste quando soa, forte, a sineta do porto, liberando o navio para embarque e desembarque.

SOM - Sineta do navio. Ruídos ambientais do porto.

184. Com a liberação do navio, o cais ganha maior movimentação. Passageiros e carregadores começam a subir a prancha, em grande confusão, gritando uns para os outros, despedindo-se, fazendo recomendações.

Pela prancha da popa sobem os viajantes de terceira-classe, numerosos e pitorescos, levando embrulhos, trouxas, engradados e até animais.

Vendedores de toda espécie, oferecendo doces, aves, papagaios, araras, micos, em curiosa mistura racial, de visível predomínio indígena, atropelam-se na plataforma.

Movimentando-se em "travelling" no embarcadouro, câmera documenta o embarque e, à certa altura, favorece a subida a bordo da família do Coronel Possidônio.

Quando sobe a ponte que leva ao portaló, Jussara, filha do fazendeiro, atrai, com sua beleza, a atenção geral. Caminhando a seu lado, o engenheiro agrônomo Odorico Munhoz, quase noivo da moça, observa contrariado a admiração que ela desperta naquela heterogênea fauna humana.

#### INTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - MANHÃ

185. Alcançando o topo da escada, o Coronel cumprimenta o comandante do navio, conhecido dele:

CORONEL POSSIDÔNIO: Ora, salve, Capitão Caruana! Sempre firme por aí, não é?...

CAPITÃO CARUANA: Como está, Coronel Possidônio?... E a senhora, dona Hortênsia? Dona Jussara cada vez mais bonita, hein?...

CORONEL POSSIDÔNIO: Conhece aqui o doutor Odorico Munhoz, engenheiro-agrônomo de Fortaleza?

CAPITÃO CARUANA: Muito prazer. Então, Coronel, mais

uma viagem à Capital?... E com toda a família, não é? A borracha está rendendo, hein?...

CORONEL POSSIDÔNIO: Desta vez é viagem social, Capitão: o noivado da menina com o doutor Odorico!

CAPITÃO CARUANA: Pois então fiquem à vontade. Os três camarotes estão reservados: o 12, o 13 e o 14...

O Coronel confere os bilhetes e estranha a troca das cabinas:

CORONEL POSSIDÔNIO: Mas... nas passagens consta a "suite", o 1 e o 2!...

CAPITÃO CARUANA: Houve uma ligeira confusão, Coronel... A "suite" está ocupada!...

186. Primeiro-plano do fazendeiro. Inconformado, o resto avermelhado, o Coronel volta a conferir as passagens e depois reclama:

CORONEL POSSIDÔNIO: Não está direito, Capitão!... Reservei a "suite" com um mês de antecedência!...

O comandante se aproxima do fazendeiro e, pressionando-lhe o braço, responde em tom de voz esquisito:

CAPITÃO CARUANA: Depois eu explico, Coronel!...

187. Em enquadramento menos fechado, câmara enquadra o fazendeiro, o comandante e, um pouco afastados, Odorico, Jussara e Dona Hortênsia.

Avistando um marinheiro, que vai passando, o Capitão lhe diz:

CAPITÃO CARUANA: Ô Valdemiro, conduza aqui o Coronel ao 12, ao 13 e ao 14!...

E se afasta, para cumprimentar outros passageiros, entre os quais se destaca um homem magro, meio solene, com chapéu Ramenzoni.

O Coronel, muito zangado, vai para o convés superior, resmungando para a família, que o segue, calada:

CORONEL POSSIDÔNIO: Isto é um absurdo! Vou dar queixa ao Governador! Isto não fica assim!... Falta de consideração!...

E vai seguindo pelo corredor, enquanto a câmara inicia panorâmica para enquadrar a chaminé do navio, apagada.

SEQUÊNCIA V

INTERIOR - NAVIO - DIA

188. De outro ângulo, enquadra-se a chaminé do "Amazonas", agora soltando fumaça de "diesel" queimado.

SOM - Ruído do motor em funcionamento.

Depois de recuar, em "travelling", e panoramizar do alto para baixo, câmera focaliza o convés superior com diversos passageiros, favorecendo Coronel Possidônio e família, apreciando, da amurada, a paisagem da planície.

Repentinamente, surgindo pela escada que liga o convés superior ao inferior, os seis peruanos, com suas armas, causam grande estupefação aos novos passageiros.

Atônito, o fazendeiro, com a família ao lado, nada entende e comenta:

CORONEL POSSIDÔNIO: Mas... Que gente é esta, meu Deus?!...

ODORICO: Estão armados!... O que estão fazendo neste navio?!...

Pouco adiante, também no tombadilho, as duas religiosas são também tomadas pelo espanto, limitando-se a olhá-los, assustadas.

189. Movimentando-se em "travelling"-lateral, câmera enquadra os seis presidiários em plano-médio, caminhando pelo corredor de cabinas.

Ao passar diante das missionárias, recostadas na amurada, León Gimenez reduz o passo e, fixando os olhos na Irmã Berenice, cuja beleza melancólica atraira sua atenção, faz-lhe ligeiro cumprimento.

Mais adiante, Lopo de Aguirre tem sua atenção voltada para o Coronel Possidônio e familiares.

190. Deixando no quadro, à direita, o fazendeiro e sua família, câmera focaliza o bando de invasores que se aproxima.

Particularmente atraído pela beleza de Jussara, Aguirre, abaixando o cano da metralhadora, dirige-se ao fazendeiro, cordial e apaziguador:

AGUIRRE: Buenos dias, señor! Não se assuste com nossa presença neste barco...

191. Em contra-campo, deixando Aguirre e companheiros à esquerda do quadro, câmera focaliza o Coronel e família à direita.

O fazendeiro, dominado sempre pelo espanto, escuta visivelmente contrariado a fala de Aguirre, que prossegue:

AGUIRRE: Vamos viajar juntos por algum tempo, e espero que se comportem bem, como os outros!...

Coronel Possidônio, passando da surpresa para um sentimento indifereçável de antipatia e hostilidade, retruca, rispidamente:

CORONEL POSSIDÔNIO: O senhor não é brasileiro, e nem parece passageiro deste navio! O que está fazendo aqui?!

192. Em enquadramento semelhante ao do plano 191, mais fechado, focaliza-se o grupo e, mais ao fundo, um oficial do navio, que vai passando. O Coronel faz-lhe um sinal para se aproximar e pergunta:

CORONEL POSSIDÔNIO: Senhor oficial, pode me dizer que gente é esta?!...

O tripulante, assustado e confuso, aproxima-se do grupo e responde:

OFICIAL: São do Peru... Viajam no navio...

CORONEL POSSIDÔNIO: Que viajam isto eu sei, ora essa! Compraram passagem?!...

193. Fechando o quadro, câmara deixa Aguirre à esquerda e o fazendeiro à direita, em primeiro-plano.

Irritado com a insolência do Coronel, Aguirre avança um passo e, mais próximo dele, replica com aspereza:

AGUIRRE: O senhor está perguntando demais, amigo!

CORONEL POSSIDÔNIO: Quem pergunta, quer resposta! Sou cidadão brasileiro, viajando em navio brasileiro! Conheço meus direitos, e faça o favor de não me chamar de amigo!...

AGUIRRE: Pois fique o senhor sabendo, amigo ou inimigo: quem manda nesta choça somos nós, eu e meus companheiros! E também estas armas! Não compramos passagens, nem temos passaporte!

Depois, apontando o cano da metralhadora para o peito do fazendeiro, Aguirre completa, colérico:

AGUIRRE: Este é um salvo-conduto que ninguém contesta!... O senhor não acha?!...

Câmera recua, em "travelling" e deixa entrar no enquadramento a mulher do fazendeiro, Dona Hortênsia, que empalidece e deixa escapar uma exclamação de susto:

DONA HORTÊNSIA: Virgem Maria!...

Jussara, também muito assustada, procura controlar-se e, diante do grande perigo que ameaça o pai, aproxima-se dele e suplica:

JUSSARA: Papai, é melhor não conversar mais! Vamos para a cabina!

194. Primeiro-plano de Jussara, ao lado do pai.

Aguirre entra no quadro, pela esquerda, aproximando-se da moça, a quem diz, polidamente:

AGUIRRE: A senhora parece mais calma, mais sensata. Não precisa temer nada, dona... dona... Como é seu nome?

Jussara hesita um pouco, mas acaba dizendo, perturbada:

JUSSARA: Jussara...

AGUIRRE: Pois não precisa temer nada, dona Jussara! Não estamos aqui para fazer mal a ninguém! Somos de boa paz, fique certa disto...

JUSSARA: Deus permita...

Aguirre completa, divertido:

AGUIRRE: E o diabo consinta!...

195. Em quadro ampliado, câmera enquadra todo o grupo em plano-médio. Vem chegando da torre de comando o Capitão Caruana.

Virando as costas aos invasores, Coronel Possidônio, seguido pela família, vai ao encontro do comandante do navio, enquanto Aguirre, por sua vez, vai juntar-se aos companheiros.

Câmera inicia, então, "travelling" para a frente, até enquadrar o comandante e passageiros em plano-americano, captando-lhes o diálogo:

CORONEL POSSIDÔNIO: O senhor não disse nada do que ocorria neste navio, Capitão!

CAPITÃO CARUANA: E podia dizer, com estes bandidos

apontando metralhadoras para 15 pessoas tomadas como reféns?!

CORONEL POSSIDÔNIO: E não <sup>há</sup> um jeito de avisar as autoridades? Mandar um rádio?!

CAPITÃO CARUANA: O senhor acha que não pensei nisso tudo?! Há sempre um deles, armado, na sala de rádio! É uma situação muito delicada!

CDORICO: De onde veio esse bando de celerados?!

CAPITÃO CARUANA: Invadiram o navio em Remate de Males. Acho que fugiram da Penitenciária de Iquitos! Gente perigosa, condenada à prisão perpétua!

196. Primeiro-plano de Dona Hortênsia, que exclama, muito assustada:

DONA HORTÊNSIA: Misericórdia! E não há jeito de prender esta gente?!...

Panoramizando da direita-para-esquerda, câmera vai enquadrar o comandante também em primeiro-plano. O Capitão responde à mulher do fazendeiro:

CAPITÃO CARUANA: Prender com o que, dona Hortênsia?! Apanharam todas as armas!

Abrindo o quadro, em "travelling", até plano-americano, câmera focaliza o Coronel que intervém:

CORONEL POSSIDÔNIO: Trouxe uma garrucha na mala...

CAPITÃO CARUANA: O melhor é não provocá-los, Coronel! Vamos ver se aparece uma solução! É preciso muita cautela!

Em seguida, batendo continência, o comandante se despede:

CAPITÃO CARUANA: Com licença! Até já.

CORONEL POSSIDÔNIO: Até já, Capitão!

Voltando-se para a mulher, enquanto o comandante se afasta, Coronel Possidônio propõe:

CORONEL POSSIDÔNIO: Vocês duas vão descansar um pouco na cabina... Quero conversar com o Cdorico!

Dona Hortênsia e Jussara se afastam, enquanto o fazendeiro e futuro genro vão para junto da amurada, dialogando em voz baixa.

197. Primeiro-plano de Odorico e do fazendeiro.

O Coronel está dizendo, preocupado:

CORONEL POSSIDÔNIO: Veja você, Odorico, que falta de sorte! Viajar em navio invadido por essa canalha!

ODORICO: O que me preocupa mais, Coronel, são as mulheres, no meio desta gente!

CORONEL POSSIDÔNIO: De fato, de fato! Uma situação de merda!

Ficam alguns instantes em silêncio. Depois o fazendeiro indaga:

CORONEL POSSIDÔNIO: Você trouxe o revólver?!

ODORICO: Trouxe não, Coronel!

CORONEL POSSIDÔNIO: Pois devia ter trazido! Não se viaja sem arma, homem!

ODORICO: O senhor acha que se pode enfrentar este bando com um revólver?!... Eles trazem metralhadoras, não se esqueça disto, Coronel! Precisamos é achar uma maneira de avisar as autoridades!

CORONEL POSSIDÔNIO: E se a gente saltasse em São Paulo de Olivença?!...

ODORICO: E o senhor acha que eles vão deixar?!...

Nesse instante, circulando pelo convés, Aguirre, Zimaco e Juan Diaz, armas em punho, fazem o Coronel e Odorico se calar.

198. Plano-médio do tombadilho, favorecendo os fugitivos e, recostados na amurada, o fazendeiro e Odorico.

Aguirre faz um sinal para os outros e o bando, com exceção de Carvajal, de plantão na sala de rádio, dirige-se para os camarotes, no fim do corredor.

INTERIOR - CAMAROTE DOS FUGITIVOS - DIA

199. No interior da "suite", câmara detalha a reunião dos presidiários. Alguns estão sentados nas camas, outros conservam-se de pé.

Aguirre é o primeiro a falar:

AGUIRRE: Entrou gente demais na fronteira! É preciso ficar de olho, principalmente naquele fazendeiro atrevido e no outro, parece que namorado da moça, com jeito de esperto, metido a besta!

Juan Diaz, favorecido no enquadramento, interrompe Aguirre e apina:

JUAN DIAZ: Acho que não vai dar certo, Aguirre!...

O chefe do bando volta-se, admirado, para o boliviano, e exclama:

AGUIRRE: Não vai dar certo, por que?!...

JUAN DIAZ: Há gente demais no barco, como você mesmo reconheceu!

Zimaco, de seu canto, intervém:

ZIMACO: E o que você sugere, Juan?! Voltar pra Penitenciária?!...

JUAN DIAZ: Não seja cretino, homem!...

Zimaco não gosta do insulto e se aproxima ameaçadoramente do boliviano, dizendo:

ZIMACO: Cretino é você! Cuidado com esta língua!...

A altercação provoca um pequeno tumulto no recinto, levando Aguirre a dar um murro no armário e gritar:

AGUIRRE: Olhe aqui, minha gente! Vamos com calma, sem insultos, sem confusão! Se a gente se desentende, aí é que a coisa vai por água abaixo!

Depois, mais calmo, dá alguns passos na cabina e continua:

AGUIRRE: Por enquanto tudo está indo bem porque estamos unidos! Se não continuarmos assim, não tenham dúvidas: voltamos pra Iquitos, pros tapas de outro Tenente Ramirez!

EXTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - DIA

200. Diante da porta da "suite" ocupada pelos invasores, alguns passageiros e tripulantes escutam a discussão.

Quando o comandante do navio vai passando, um oficial vai dizer-lhe, em voz baixa:

OFICIAL: Capitão, os fugitivos estão brigando no camarote!

Caruana, cautelosamente, aproxima-se da cabina, a tempo de ouvir a

voz nervosa de Aguirre, dizendo no interior da cabina:

AGUIRRE (voz off): Querem voltar pr'aquela inferno?! É isto o que estão querendo?!...

INTERIOR - CAMAROTE DOS FUGITIVOS - DIA

201. De volta ao interior da "suite" dos presidiários, câmera enquadra em primeiro-plano o chefe do grupo, que completa, exaltado:

AGUIRRE: A gente leva o plano pra frente, custe o que custar! Quem for contra, que se manifeste!

A pausa que se segue à fala de Aguirre, permite que se ouçam, de fora, vozes e cochichos.

Aguirre pede silêncio e, pé ante pé, aproxima-se da porta, que abre, estrepitosamente.

EXTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - DIA

202. Plano-médio do convés superior e das cabinas.

Aguirre, em "raccord" de movimento, termina de abrir a porta e surpreende o Capitão, alguns oficiais e passageiros diante da cabina dos invasores.

Assustados, pegos em flagrante, alguns começam a afastar-se, enquanto Aguirre ameaça, quase aos berros:

AGUIRRE: Não quero aglomeração nesta porta! Já avisei antes, e torno a repetir: façam o que têm de fazer, tratem de sua vida, que é melhor para todos! Vamos circular!

Depois, mais irritado ainda, brada forte:

AGUIRRE: Caiam fora daqui!!!

INTERIOR - CAMAROTE DOS FUGITIVOS - DIA

203. De novo no interior da "suite", Aguirre vai sentar-se numa das camas.

Carvajal dirige-se a Juan Diaz e pergunta:

CARVAJAL: Por que você acha que o plano não vai dar certo, Juan? O navio tem gente demais?! A Penitenciária tinha até mais, e conseguimos fugir! Você sabe que gente desarmada não vale nada!

Juan Diaz, quase convencido, ainda tenta argumentar:

JUAN DIAZ: Acho difícil a gente escapar por Tefé! Talvez fosse melhor saltar no primeiro porto, fugir pela selva...

Ridruejo, que se mantinha calado, intervém, nervosamente:

RIDRUEJO: Pior do que La Concepción é a selva! É morte na certa!...

JUAN DIAZ: Conheço a floresta melhor do que você, Ridruejo!...

Deixando a cama, onde se sentara, Aguirre se aproxima de Juan Diaz e lhe fala, energicamente:

AGUIRRE: Não há mais tempo para recuar! Agora é ir em frente, de qualquer maneira, seguir o plano, custe o que custar! E quanto menos se falar nisto, melhor! Vocês viram que esta gente fica escutando por trás das portas! Alguém mais está contra o plano?!

Juan Diaz então concorda:

JUAN DIAZ: Acato a decisão da maioria, Aguirre! Vamos em frente!

Aguirre, aliviado, satisfeito, encaminha-se para Carvajal, enquanto diz:

AGUIRRE: Ótimo! Me dê aquele mapa do Amazonas, Carvajal. Quero ver uma coisa!

EXTERIOR - RIO E SELVA - DIA

204: Do alto do passadiço, câmera enquadra, em grande-plano-geral, a majestosa paisagem da Amazônia.

SCM - Ruídos do motor e, em segundo-plano, de pássaros e animais da selva.

205. De um barranco, em terra firme, câmera enquadra o "Amazonas" que desce as águas do rio Solimões.

SCM - Os ruídos da selva, agora em primeiro-plano, desta-

cam-se na trilha sonora. Ao fundo, eccando na planície, o navio solta um silvo grave e prolongado.

INTERIOR - NAVIO - DIA

206. Da ponte de comando do "Amazonas", câmara focaliza a proa do navio, o rio e, no fundo, a cidade de São Paulo de Olivença. No quadro, à direita, o timoneiro e parte do leme do navio.

207. Deixando Lopo de Aguirre à esquerda do quadro, em primeiro-plano, câmara enquadra, de outro ângulo, a cidade ribeirinha num corte da selva.

Depois de observar o povoado, Aguirre se volta na direção de León e Carvajal, a seu lado. Através de panorâmica, corrigindo o enquadramento, câmara vai para plano-americano dos fugitivos, que comentam:

AGUIRRE: Que cidade é aquela?...

CARVAJAL: São Paulo de Olivença.

AGUIRRE: O barco pára lá?

LEÓN: Parece que sim!

AGUIRRE: Vamos perguntar ao Capitão. Sabe onde ele está?

Avistando o comandante no passadiço, Carvajal responde:

CARVAJAL: Na torre de comando.

AGUIRRE: Vamos até lá!

O grupo se afasta e, mais adiante, sobe a escada que leva ao passadiço.

INTERIOR - PONTE DE COMANDO - DIA

208. Da ponte de comando da embarcação a objetiva focaliza Aguirre, León Gimenez e Carvajal que se aproximam do comandante.

Depois Aguirre pergunta:

AGUIRRE: Capitão: o barco pára naquele porto?

CAPITÃO CARUANA: É porto de escala. Há embarque de carga e passageiros.

AGUIRRE: Mais gente?! Isto aqui está lotado! É melhor não parar, comandante! Passe direto!

Depois de avançar, em "travelling", câmara vai fixar o comandante em primeiro-plano, advertindo:

CAPITÃO CARUANA: Se o navio não ancorar, as autoridades pedem explicações pelo rádio, avisam Manaus e mandam lanchas atrás da gente!

Através da panorâmica, câmera vai enquadrar Carvajal e Aguirre em primeiro-plano:

CARVAJAL: Ele tem razão, Carlos! É melhor fazer como em Benjamin Constant!

AGUIRRE: Está certo! Vamos apanhar uns 10 reféns e descer de novo ao porão! E o senhor já sabe, comandante: qualquer descuido é bala certa naquela gente!

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - DIA

209. Agindo com presteza e nervosismo, Aguirre e seus companheiros reúnem passageiros e tripulantes no convés superior, dizendo-lhes:

AGUIRRE: Vamos descer com dez de vocês pro porão do navio! Os outros ficam avisados, mais uma vez: se traírem, serão responsáveis pela vida deles!

Seguindo, em "travelling"-lateral, os fugitivos, câmera aproxima-se de um grupo onde se encontram o Coronel Possidônio e família.

Quando Aguirre aponta para Jussara, indicando-a para refém, o fazendeiro explode em violenta negativa:

CORONEL POSSIDÔNIO: Ela não! Minha filha não vai!

Aguirre acerca-se do fazendeiro e retruca:

AGUIRRE: E por que não há de ir?! É melhor do que os outros?!...

Dona Hortênsia começa a chorar e pede ao chefe dos revoltosos:

DONA HORTÊNSIA: Pelo amor de Deus, moço! Não leve minha filha para baixo!...

Nesse ponto, Juan Diaz se aproxima do grupo e agarra Jussara pelo braço, forçando-a a caminhar.

Câmera, em "travelling", avança mais e enquadra Aguirre, Juan Diaz e a família do Coronel em plano-americano.

Quando vê a filha agarrada pelo boliviano, o Coronel avança agressivamente contra ele. Juan Diaz saca, então, o revólver, mas é impedido de atirar por Aguirre, que lhe fala:

AGUIRRE: Não, Juan! Nada de violência! Deixe a moça! A gente leva o velho!...

Jussara recusa a troca e concorda:

JUSSARA: Pode deixar, moço! Eu vou!

Depois, voltando-se para os pais, acrescenta:

JUSSARA: Podem ficar sossegados! Não vai acontecer nada comigo!

Aguirre também tranquiliza:

AGUIRRE: Isto eu garanto a vocês! Com a menina embaixo, temos a certeza de que o Coronel não <sup>vai</sup> fazer a besteira de dar com a língua nos dentes!

E se afasta, indo separar outros reféns.

210. Noutro ponto do convés, câmara focaliza Aguirre e companheiros selecionando outros reféns.

Quando avistam as duas religiosas, num canto, também as indicam como reféns.

Irmã Berenice, muito aflita, pede então ao chefe do grupo:

IRMÃ BERENICE: Pelo amor de Deus! Deixe Irmã Clotilde aqui em cima! Tem saúde delicada e pode...


Aguirre, asperamente, interrompe-a:

AGUIRRE: Outra vez?! Olhe aqui, moça, não temos tempo a perder!...

León Gimenez, desta vez, aproxima-se de Aguirre e pede:

LEÓN GIMENEZ: Deixe a outra ficar, Aguirre! Parece que está mesmo doente!

AGUIRRE: Está bem! Levem só a mocinha!

Berenice lança um olhar reconhecido a León e, separando-se da companheira,  lhe diz:

IRMÃ BERENICE: Fique tranquila, Irmã/ Clotilde!...

E acompanha o grupo.

211. Plano-geral do convés superior, enquadrando passageiros, tripulantes e, mais ao fundo, o grupo de fugitivos e reféns que descem ao porão do navio.

SCM - Silvo grave e prolongado do "Amazonas", aproximando-se de São Paulo de Olivença.

EXTERIOR - SÃO PAULO DE OLIVENÇA - DIA

212. Armada no rústico ancoradouro de São Paulo de Olivença, câmera focaliza o navio brasileiro que deixa o centro do Solimões e vem atracar.

No cais, mais pobre ainda, a mesma fauna humana miscigenada e pitoresca: passageiros, trabalhadores, portuários, autoridades, militares, carregadores, etc.

SCM - Ruídos do porto e apitos do navio.

INTERIOR - PORÃO DO "AMAZONAS" - DIA

213. No porão do "Amazonas" fugitivos e reféns estão calados, expectantes.

Circulando pelo recinto, onde reina intenso calor, câmera detalha rostos tensos, encharcados de suor; mãos nos gatilhos e, num canto, o penetrante olhar que Lopo de Aguirre dirige a Jussara, sentada num fardo de algodão.

À certa altura, pressentindo o olhar do chefe do bando, a moça se volta lentamente em sua direção.

214. Campo: Jussara, à esquerda do quadro, 3/4 de perfil, em primeiro-plano, e Lopo de Aguirre, à direita, de frente, em plano-americano.

A moça, em "raccord" de movimento, volta-se na direção de Aguirre, que fixa nela um olhar másculo e penetrante.

215. Contra-campo: Aguirre, à direita do quadro, 3/4 de perfil, em primeiro-plano, com Jussara à esquerda, em plano-americano.

Focalizando Jussara de frente, a objetiva revela o olhar de medo e, ao mesmo tempo, de atração e fascínio que a moça dirige ao fugitivo.

Depois, lentamente, em "travelling", câmera retira Aguirre do quadro e vai enquadrar Jussara em primeiríssimo-plano, captando-lhe nos olhos, no rosto e na boca um estremecimento de excitação e desejo.

A bela mestiça, no entanto, envergonhada de si mesma, desvia o olhar do presidiário e, melancólica, como se guardasse remorso e pudor, baixa lentamente a cabeça.

Não longe dela, junto à escotilha, Irmã Berenice também é o objeto do olhar penetrante de outro fugitivo, León Gimenez.

O venezuelano, atraído pela religiosa desde o instante em que a

viu, caminha lentamente ao seu encontro.

216. Deixando no quadro a religiosa, 3/4 de perfil, à esquerda, câmera focaliza León Gimenez aproximando-se.

Irmã Berenice faz ligeiro gesto de recuo, baixando a vista. Mas o venezuelano dá mais um passo e lhe fala, em tom de voz quase inaudível:

LEÓN GIMENEZ: Não tenha receio... por favor! Não vou lhe fazer mal!...

A religiosa, intimidada, ergue lentamente a vista e, meio assustada, pergunta:

IRMÃ BERENICE: Mas... o que o senhor deseja?...

LEÓN GIMENEZ: Nada... nada de especial... Saber seu nome, conhecer você um pouco mais...

217. Primeiro-plano de Berenice, que responde, ainda muito confusa:

IRMÃ BERENICE: Sou uma Carmelita, senhor...

218. Primeiro-plano de León, afetuoso, quase suplicante:

LEÓN GIMENEZ: Não me chame de senhor, por favor!...

219. Mais adiante, num canto estratégico do porão, Zimaco, Ridruejo e Carvajal observam, divertidos, a ~~conversa~~<sup>conversação</sup> do companheiro ~~com~~<sup>e</sup> a religiosa.

Depois de avançar, em "travelling", câmera enquadra os três foragidos em primeiro-plano, no instante em que Carvajal, com certa ironia, comenta:

CARVAJAL: Não pode ver rabo de saia! Fica logo erigido!...

ZIMACO: O venezuelano não respeita nem religiosas!...

RIDRUEJO: Ela também não tem saia?!...

EXTERIOR - SÃO PAULO DE OLIVENÇA - DIA

220.221.222.223.

224.225.226.227. - A nova série de planos documenta, de diferentes angulações, a chegada do "Amazonas" ao pequeno ancoradouro de São Paulo de Olivença.

De novo, como de praxe, militares, fiscais e autoridades brasileiras sobem a bordo antes dos passageiros, para vistoria e conferência.

Tudo transcorre em calma, em rotina que se repete em todas as es-

calas do navio.

Um incidente, contudo, quase denuncia a presença dos fugitivos na embarcação, trazendo grande preocupação ao comandante, tripulantes e passageiros do convés inferior.

Funcionário do porto, homem de pele curtida, alto e magro, avista o Coronel Possidônio, velho amigo, e vai cumprimentá-lo com efusão:

FUNCIONÁRIO: Mas que prazer, Coronel! E a senhora, dona Hortênsia, como vai passando?...

CORONEL POSSIDÔNIO: Ora, salve, "seu" Severino!... Como vai essa bizarria?...

FUNCIONÁRIO: Indo, Coronel, como Deus manda, e desmanda!...

Depois, olhando em volta e não avistando Jussara, o funcionário pergunta, estranhando:

FUNCIONÁRIO: E a menina, Coronel?... Onde está minha afilhada?...

O Coronel fica desconcertado e dá uma explicação meio confusa:

CORONEL POSSIDÔNIO: A menina?... Ora bola, ela estava aqui, inda agorinha!... Onde ela foi se meter, Hortênsia?!...

Dona Hortênsia, por sua vez, também muito confusa, complica mais a coisa:

DONA HORTÊNSIA: É mesmo!... Pra onde é que ela foi?... Será que ficou no camarote?...

Nesse instante, percebendo o olhar de estranheza que o funcionário lança à família do fazendeiro, o comandante intervém:

CAPITÃO CARUANA: Como estão as coisas na cidade, "seu" Severino?... Já instalaram a agência do Banco?...

FUNCIONÁRIO: Instalaram nada, Capitão! Esta é uma terra esquecida de Deus!... Vive de rio, mais triste do que velório!...

INTERIOR - PORÃO DO NAVIO - DIA

228. Depois de focalizar Jussara em primeiro-plano, câmera recua em "travelling", e abbe o quadro para plano-americano.

Aguirre caminha lentamente na direção da moça e, quando pára diante dela, fala em voz baixa:

AGUIRRE: Quanto tempo o navio fica no porto?...  
Não aguento o calor!...

Jussara hesita um pouco, antes de responder. Depois se decide, e responde, com voz sussurrada:

JUSSARA: Acho que não demora muito...

Os dois ficam muito próximos, um do outro. Jussara sente o hálito quente de Aguirre no rosto, sua respiração excitada.

Em certo momento, com um tranco do navio, os dois se encostam.

Aguirre, protegido por uma coluna de ferro, enlaça o corpo da moça, atraindo-a contra si, abrasado de desejo.

Jussara se deixa levar, fremente de excitação, trêmula, o rosto afogueado, os seios pressionando-se contra o peito musculoso do presidiário.

Em certo momento, suas bocas quase se tocam.

Nesse instante, soando com força, o apito do navio os assusta e separa.

Aguirre se afasta e vai juntar-se ao resto do bando.

SOM - Silvo prolongado do navio.

229. Câmera volta a focalizar, em primeiro-plano, León Gimenez e Irmã Berenice.

Mais à vontade, os dois dialogam, em voz baixa:

LEÓN GIMENEZ: Estudei dois anos no seminário de Caracas, que deixei quando percebi que não tinha vocação...

IRMÃ BERENICE: Isto agora está acontecendo comigo...  
Estou indo a Manaus para pedir dispensa de voto...

A notícia surpreende León que lança à religiosa um olhar intenso e admirativo.

Depois lhe diz, com emoção:

LEÓN GIMENEZ: É uma decisão de grande coragem!...  
Imagino o drama de consciência que você está vivendo!...

IRMÃ BERENICE: Só Deus sabe!...

Ficam alguns segundos em silêncio. Depois Berenice pergunta:

IRMÃ BERENICE: E você?... Por que seguiu... este caminho?...

LEÓN GIMÉNEZ: Alguém me empurrou para ele... Não sei se foi Deus, ou o diabo!...

SOM - Novos e prolongados silvos do navio.

EXTERIOR - SÃO PAULO DE OLIVENÇA E NAVIO - DIA

230.231.232.233.

234.235.236.237. - Deslocando-se pelo cais, o trapiche e o convés do "Amazonas", câmera registra as manobras de desatracação.

Os últimos passageiros de terceira classe sobem a prancha, enquanto homens e mulheres, com fortes traços indígenas, vendem coitês, vidros de cheiro, cálices de jaráaca e retornam ao cais.

O navio, soando o apito tradicional, vai partir. As pranchas são retiradas, os cabos desatados, as máquinas resfolegam e se põem em movimento.

Depois a proa se vira rio-abaiixo e o navio, lentamente, se afasta do ancoradouro.

Sobre a imagem do "Amazonas", que se distancia no Solimões, e do grande-plano-geral da planície amazônica, refulgindo à luz crepuscular, inicia-se lenta

Fusão

---

SEQUÊNCIA VI

EXTERIOR - RIO SOLIMÕES E FLORESTA - NOITE

238. Em nova angulação, enfatizando também a majestosa paisagem amazônica, câmera enquadra, em grande-plano-geral, o "Amazonas" deslizando no grande rio.

SOM - Ruídos da noite e, em segundo-plano, de música a bordo.

INTERIOR - REFEITÓRIO DO NAVIO - NOITE

239. Depois de focalizar, em plano-geral, o salão de refeições do "Amazonas", câmera inicia lento "travelling"-lateral, fixando passageiros, tripulantes e garçons, quase em silêncio.

De um alto-falante ouve-se música digestiva, um pouco desatualizada.

Concluindo o "travelling" e, através de panorâmica, câmera revela, num canto, os seis assaltantes, comendo e bebendo.

Sobre a mesa vêem-se revólveres e metralhadoras, ao lado de pratos e garrafas de bebidas.

O movimento da câmera conclui-se com o enquadramento, em primeiro-plano, de Aguirre que bebe cerveja e tem os olhos fixos em Jussara, fora de quadro.

240. Mudando a angulação, e deixando Aguirre em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro, câmera focaliza, metros adiante, a mesa da família do Coronel Possidônio, favorecendo Jussara, que janta em silêncio.

Em dado momento, sentindo sobre si o másculo olhar de Aguirre, a moça ergue a vista e também, durante alguns segundos, fita-o em silêncio.

241. Em contra-campo, conservando Jussara à direita do quadro, em 3/4 de perfil, câmera focaliza Aguirre à esquerda.

Sentindo-se observada pelo pai, Jussara desvia o olhar de Aguirre e, fingindo desinteresse, pergunta:

JUSSARA: Quando é que eles vão desembarcar?...

CORONEL POSSIDÔNIO: E como vou saber, menina?! Ninguém sabe qual é o plano maluco daqueles bandidos!

Odorico, bebendo um copo de vinho, intervém:

ODORICO: Não têm saída: ou fogem pela floresta, ou serão presos em Manaus!

JUSSARA: Por que você acha que vão até Manaus?... E se saltarem antes?...

242. Voltando a enquadrar, em plano-americano, a mesa dos presidiários, câmera registra o diálogo que, à meia-voz, Aguirre mantém com Juan Diaz e Carvajal:

AGUIRRE: Quanto tempo falta para Tefé?...

JUAN DIAZ: Uns 500 quilômetros, rio-abaixo.

CARVAJAL: E o avião, quando desce lá?

JUAN DIAZ: Há linha três vezes por semana. Acho que vai coincidir a chegada do Catalina e do navio...

243. De outro ângulo, câmera enquadra León Gimenez e, mais ao fundo e à direita, as duas religiosas comendo em silêncio.

À certa altura, olhando na direção da mesa dos fúgitivos, Irmã Berenice cruza os olhos com León, que lhe faz ligeira saudação.

Quieta, em seu canto, Irmã Clotilde percebeu a conivente troca de olhares <sup>entre</sup> sua companheira e o venezuelano.

244. Primeiro-plano das religiosas.

Irmã Clotilde, depois de tomar um gole de água, observa Berenice e o venezuelano. E pergunta, intrigada:

IRMÃ CLOTILDE: Você já falou com aquele foragido?...

Berenice parece assustar-se com a pergunta. Mas responde, com simplicidade:

IRMÃ BERENICE: No porão do navio estivemos conversando. Ele já foi seminarista...

IRMÃ CLOTILDE: O que não o impediu de se tornar assassino!...

Irmã Berenice nada mais diz, e recomeça a tomar a sopa, silenciosamente.

245. Plano-médio do refeitório, favorecendo-se um marinheiro que se aproxima da mesa do comandante e lhe fala.

Capitão Caruana, pedindo licença aos companheiros de mesa, levanta-se e segue o marinheiro, deixando o salão.

O fato chama a atenção dos fugitivos. Aguirre faz um sinal a Carvajal que, por sua vez, também se levanta e deixa o refeitório, seguindo o comandante.

Zimaco, meio embriagado, chama um garçon que vai passando:

ZIMACO: Garçon, venha aqui!

O empregado, rapazzino alto e franzino, aproxima-se, assustado:

ZIMACO: Não tem bebida melhor do que esta porcaria?!...

GARÇON: Tem vinho e cachaça...

ZIMACO: Então traz as duas coisas!

#### INTERIOR - CASA DE MÁQUINAS - NOITE

246. Na sala de máquinas, o Capitão e Carvajal aproximam-se do Chefe-maquinista, um mulato truculento, sem camisa, o busto encharcado de suor, que informa:

CHEFE-MAQUINISTA: Comandante, uma tora de madeira entortou o eixo! Precisamos encostar, senão o motor emperra!

CAPITÃO CARUANA: Pois o jeito é encostar, Sebastião! O que se há-de fazer?!...

Antes que se afaste, Carvajal pergunta, desconfiado:

CARVAJAL: Se for sabotagem, comandante, a coisa vai ficar mal para vocês!

CAPITÃO CARUANA: Que sabotagem coisa nenhuma, homem! Isto acontece em quase toda viagem! Este rio está cheio de detritos, árvores, madeira, porcaria de toda espécie! Só se for sabotagem deste mundo de água que desbarranca a mata, invade terras e aldeias, engole casas e animais!

Depois, afastando-se, completa, irritado:

CAPITÃO CARUANA: Agora, com licença, que tenho de tomar providências!

INTERIOR - REFEITÓRIO - NOITE

247. Chegando de volta ao refeitório, no qual agora os bandidos estão sós, Carvajal relata aos companheiros o sucedido:

CARVAJAL: O navio vai encostar! Um tronco de árvore danificou uma peça, parece que o eixo!

AGUIRRE: Mais esta! Esta choça já anda como uma lesma, e tem de enguiçar agora!

CARVAJAL: É bom ver se vão mesmo consertar o defeito! Depois a gente decide o que fazer!

O grupo se levanta, arrastando ruidosamente as cadeiras, e deixa o salão.

EXTERIOR - ENSEADA DO RIO - NOITE

248. O "Amazonas", manobrado com perícia, aproxima-se de pequena enseada, à beira-rio, onde ancora para reparar a avaria.

A noite clara, de lua cheia, deixa ver as imediações, o rio e a mata espessa, muito próxima.

SOM - Com a parada do motor, ouvem-se, em primeiro-plano, fortes, ruídos da selva: gritos, sapos, gritos e guinchos de pássaros e animais.

A luz forte de um holofote é lançada da popa sobre o rio, permitindo que dois maquinistas, de calção, desçam e mergulhem no rio para iniciar o reparo.

Enorme quantidade de insetos, atraídos pelo facho de luz, chega da mata, enquanto piuns e carapanãs atormentam passageiros e tripulantes.

249.250.251.252.

253.254.255.256. - A série de "flashes", colhidos no rio e sob as águas (filmagem especial com câmera submarina), além de flagrantes de espectadores, seguindo do alto o trabalho dos maquinistas, documenta a inesperada escala do "Amazonas".

As batidas de martelos e os ruídos submersos do trabalho técnico ecoam na noite estival, cadenciando a passagem das horas.

INTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

257. Aproveitando a parada do motor, e o silêncio, diversos passageiros vão para seus camarotes, como o Coronel, sua família, Odorico, Frei Massotti, os turistas americanos.

Ridruejo, Carvajal, Zimaco e Juan Diaz, armas em punho, ficam observando o concerto da peça, enquanto Aguirre e León Gimenez conversam no tombadilho.

Depois o venezuelano vai apanhar o violão e dedilha as cordas.

Câmera faz panorâmica e mostra o convés quase vazio, a proa, o rio, a mata próxima.

León começa a cantar uma melodia nostálgica que fala de amor e de tristes despedidas. Aguirre passeia, solitário, pelo tombadilho, envolvido pela noite de mistérios.

Instintivamente, pensando em Jussara, caminha até a porta do camarote onde ela está recolhida.

Câmera o acompanha, em "travelling", captando seu olhar dominado pelo desejo, envolvido pelo fascínio da noite e da música.

E vai parar diante da cabina de Jussara, recosta-se na amurada, fica ouvindo a serenata.

Câmera continua a movimentar-se, aproximando-se do camarote, até fixar em primeiro-plano a porta de entrada.

INTERIOR - CAMAROTE DE JUSSARA - NOITE

258. Transferindo-se para o interior da cabina de Jussara, câmera focaliza o leito, sobre o qual a moça está estendida, inquieta, sem sono.

Depois, lentamente, em "travelling", câmera acerca-se da cama e enquadra Jussara em plano-americano.

Sob o tecido fino da camisola, destaca-se um corpo jovem que arqueja, deixando pressentir um olego de sensualidade, uma excitação que a deixa trêmula e aflita.

SOM - Vindo do exterior, ouve-se, em segundo-plano sonoro, a serenata de León, nostálgica e envolvente.

INTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

259. De um canto do convés superior, câmara revela uma sombra que avança na obscuridade, aproximando-se da cabina de Jussara.

Depois a figura se identifica: é Aguirre, aproximando-se, até primeiro-plano. E pára diante da porta, deixando ver o rosto tomado pelo desejo e a excitação.

O líder dos invasores estende a mão e começa a torcer a maçaneta da porta.

INTERIOR - CAMAROTE DE JUSSARA - NOITE

260. Colocando Jussara em 3/4 de perfil, à esquerda do quadro, câmara focaliza a porta de entrada, no fundo.

Ouvindo ruídos diante da porta, Jussara é dominada por grande expectativa.

261. Detalhe da maçaneta da porta, movimentando-se para abrir.

262. Primeiro-plano de Jussara, olhando ansiosamente na direção da porta.

263. Com enquadramento idêntico ao nº 260, câmara dá ênfase ao estado de expectativa da moça.

Com a porta fechada à chave, a maçaneta volta à posição normal, e nada mais acontece.

INTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

264. Partindo do detalhe da mão direita de Aguirre, afastando-se da maçaneta, câmara faz panorâmica e vai enquadrar o presidiário em primeiro-plano, parado ainda diante da porta.

Depois Aguirre se afasta do lugar e vai juntar-se a León.

INTERIOR - CAMAROTE DE JUSSARA - NOITE

265. Depois de enquadrar Jussara em plano-americano, estendida na cama, câmara avança lentamente em "travelling", até fixar-lhe o rosto ansioso, no qual agora se percebe um sinal de alívio, uma expressão de melancolia e vergonha.

SOM - Passos de Aguirre, afastando-se e, em segundo-plano, música cantada por León e ruídos distantes da noite.

EXTERIOR - POPA DO NAVIO - NOITE

266. Instalada na popa do navio, câmara focaliza o local onde os maquinistas reparam a peça danificada.

Um deles volta à tona, para respirar. Depois mergulha novamente.

Câmera, em enquadramento de alto para baixo, aciona a lente "Zoom" e fecha o quadro sobre o rio, conservando a quilha do navio no canto esquerdo.

Repentinamente, surgindo à superfície, Antônio, um dos maquinistas, revela impressionante máscara de terror e sofrimento, gritando como um alucinado:

ANTÔNIO: As piranhas!!! As piranhas!!! Socorro, meu Deus do céu!!!

O outro maquinista, surgindo um pouco adiante, atravessa com grandes braçadas o espaço que o separa da escada de corda, gritando também:

AGENOR: As piranhas!!! Atacaram o Antônio!!!

INTERIOR E EXTERIOR - LOCAIS DO NAVIO - NOITE

267.268.269.270.

271.272.273.274. - Deslocando-se por diferentes lugares do navio, câmera, em nova série de planos de cobertura, registra o espanto de passageiros e tripulantes, surpreendidos pelos gritos lancinantes dos maquinistas.

Acordando, em pânico, e precipitando-se por escadas e corredores do barco, os viajantes chegam ao local da tragédia.

A série de "flashes" pode ser assim ordenada:

- 1)- Capitão Caruana deixa correndo o camarote e chega muito assustado à popa do navio;
- 2)- León, perplexo, interrompe a serenata e, por sua vez, precipita-se com Aguirre para baixo;
- 3)- Os outros presidiários, despertados com os gritos, saltam da cama, apanham armas e deixam correndo a "suite";
- 4)- Coronel Possidônio, armando-se com a velha garrucha, chega assustado à porta da cabina e sua primeira preocupação é saber como está Jussara;
- 5)- Frei Massotti e o geólogo francês abandonam o "poquer" e também deixam precipitadamente o camarote;
- 6)- No convés inferior homens, mulheres, velhos e crianças saltam apavorados das redes, indagando o que ocorre;
- 7)- Um garçon, dormindo na mesa do bar, levanta-se em pânico, derrubando copos e garrafas;
- 8)- Um grupo de oficiais deixa correndo a ponte de comando e desce as escadas correndo.

A série se alterna com "tomadas" da desesperada luta do maquinista contra o cardume voraz das piranhas.

275. Primeiro-plano do maquinista, atacado com fúria sanguinária pelas piranhas, berrando, debatendo-se nas águas que, pouco a pouco, se cobrem de sangue.

276. Enquadrando, de baixo-para-alto, a multidão que se precipita para a amurada da popa, vendo o que ocorre, câmera detalha seus rostos tomados pelo susto e o horror.

SOM - Gritos desesperados do maquinista, em off.

277. Chegando ao local da tragédia, Aguirre e seus companheiros, armas engatilhadas, ficam olhando, calados, o espetáculo insólito.

Perto deles, chorando, Agenor, o maquinista que se salvara, suplica, desesperado:

AGENOR: Pelo amor de Deus, gente! Salvem o Antônio! Está morrendo, comido pelas piranhas! Façam alguma coisa por aquele desgraçado!

Zimaco, impressionado com a cena, de repente assesta a metralhadora para baixo e começa a atirar em volta do maquinista, tentando afastar o cardume, inutilmente.

Juan Diaz aproxima-se do companheiro, segura-lhe a arma e explica:

JUAN DIAZ: Não adianta, Zimaco! O homem está perdido! São milhares de piranhas, devorando o infeliz! Ninguém pode salvar aquele homem!

EXTE IOR - RIO - NOITE

278. Descendo ao nível de flutuação, câmera agora registra, de mais perto, a agonia do maquinista.

Tentando livrar-se dos dentes espantosos dos peixes, Antônio ainda se debate. Mas vai, pouco a pouco, perdendo as últimas forças.

Fervilhando com a fantástica velocidade devoradora dos peixes, as águas do rio tingem-se de sangue, enquanto Antônio, quase sem forças, vai sendo pouco a pouco arrastado para baixo.

A fantástica movimentação do cardume ainda agita a superfície das águas, mas depois também vai cessando quando a descarnadura do corpo chega ao fim.

Saciadas, devorando ainda restos esparsos de carne, as piranhas se afastam, enquanto as águas do rio se aquietam, tingidas de vermelho.

A poça de sangue, levada pela correnteza, pouco a pouco se distancia do navio.

Depois tudo fica em silêncio. Um silêncio soturno que penetra até a floresta.

Sobre a imagem do rastro de sangue que vai descendo a correnteza, dissolvendo-se nas águas do Solimões, inicia-se lento escurecimento.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQUÊNCIA VII

EXTERIOR - QUILHA DO NAVIO - DIA

279. Depois de fixar as águas barrentas do Solimões, deslizando com sua coloração normal, câmara faz panorâmica e focaliza a linha de flutuação, a quilha e o leme do "Amazonas", sulcando o rio.

As hélices, de novo funcionando, revolvem as águas e empurram a embarcação rio-abaixo, na viagem reiniciada.

SOM - Ruído do motor e das águas convulsionadas pelas hélices.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - DIA

280. Tripulantes e passageiros transitam pelo convés, o tombadilho, a proa e a popa do navio.

Afetados ainda pela tragédia, conversam em voz baixa, na atmosfera dramática que ainda perdura.

Quando percebe que o navio se desloca em velocidade reduzida, Aguirre vai interpelar o comandante:

AGUIRRE: Por que a marcha reduzida, comandante?! A avaria não foi reparada?!

CAPITÃO CARUANA: Ninguém quis descer ao rio para terminar o reparo. Fomos obrigados a continuar viagem em marcha lenta, para não forçar a máquina. Em Fonte Boa terminamos o conserto.

AGUIRRE: E demora muito?

CAPITÃO CARUANA: É imprevisível. Talvez horas, talvez um dia, ou dois.

281. Mais adiante, conversando com Odorico junto à amurada do convés, Jussara observa, discretamente, Aguirre, o comandante e outros fugitivos.

Odorico lhe fala:

ODORICO: Estive pensando numa coisa, Jussara: há uma ligação por terra entre Fonte Boa e Tefé. Indo depressa, aproveitando a escala do navio, chego antes dele e armo um grupo para enfrentar esses bandidos! Em Tefé há um destacamento com metralhadora!

JUSSARA: É muito perigoso, Odorico! Eles estão bem armados, e são violentos! Acha que pode dar certo?...

ODORICO: Pelo menos vou tentar! Esta corja tem que voltar pra cadeia!

282. Depois de conversar com o comandante, Aguirre volta a reunir-se com os companheiros. E fala a Juan Diaz:

AGUIRRE: Você conhece bem o lugarejo à frente, Juan?... Parece que é Fonte Boa.

JUAN DIAZ: Estive por lá tempos atrás.

AGUIRRE: É grande? Tem Polícia?

JUAN DIAZ: Grande?!... Aquilo é um povoadinho miserável, com dois ou três soldados que dormem o dia inteiro!...

AGUIRRE: E tem posto de rádio?

JUAN DIAZ: Acho que sim, não me lembro bem. Por que pergunta isto, Aguirre? Está pensando em algum plano?...

283. Modificando a angulação, câmera enquadra o bando em plano-americano.

Antes de revelar o plano, Aguirre certifica-se de que estão sós e, baixando o tom da voz, explica:

AGUIRRE: O navio vai parar por lá mais tempo do que o normal. Não estou com vontade nenhuma de ficar esperando no porão, derretendo naquele forno!

ZIMACO: Nem eu! Não saí de Iquitos pra me torrar naquele inferno!

AGUIRRE: Pois desta vez a gente não desce! Dois de nós ficam a bordo, dando garantia! Vamos atacar o lugarejo, destruir o posto de rádio, apanhar algum dinheiro, onde for possível encontrar! Não podemos fugir sem dinheiro no bolso!

RIDRUEJO: E por que a gente não confisca a grana do navio?!

AGUIRRE: É claro que a gente vai confiscar, Ridruejo! Mas na hora certa! Primeiro vamos saquear o povoadinho! Já estou cansado desta pasmaceira!

SOM - A fala de Aguirre é interrompida pelo silvo grave e prolongado do navio, aproximando-se de Fonte Boa.

EXTERIOR - FONTE BOA - DIA

284. Em corte direto, câmara documenta a chegada do navio ao ancoradouro de Fonte Boa, lugarejo insignificante, espremido entre a selva e o rio.

Assim que a prancha é arriada, quatro fugitivos, camuflando as armas, descem em terra, enquanto a bordo Carvajal e León permanecem atentos, armados até os dentes.

No cais, desconhecendo o que se passa, a fauna humana não difere das outras cidades ribeirinhas. Talvez mais pobre ainda.

EXTERIOR E INTERIOR - LOCAIS DE FONTE BOA - DIA

285.286.287.288.

289.290.291.292. - Câmera documenta, em planos dinâmicos, de variada angulação e alcance, a invasão dos presidiários ao lugarejo quase que inteiramente habitado por índios e mestiços.

Penetrando no povoado, os invasores atacam o posto policial, no final da rua, aprisionando numa cela um cabo e dois soldados. Em seguida, em ação fulminante, destroem o aparelho de rádio da Delegacia.

Posteriormente, sem encontrar a menor resistência, tomam de assalto a pequena agência do Banco da Amazônia, de onde recolhem todo o dinheiro. Depois, diante do espanto dos moradores, saqueiam armazéns, casas comerciais e residências, immobilizando os que tentam resistir.

EXTERIOR - PORTO DE FONTE BOA - DIA

293. Enquanto isto, no ancoradouro de Fonte Boa, câmara revela a fuga de Odorico.

O engenheiro, metendo-se entre carregadores do lugarejo, chega ao cais e, mais adiante, desaparece na selva.

Do tombadilho, ao lado dos pais, Jussara observa discretamente a fuga de Odorico, estimulada entusiasticamente pelo fazendeiro.

294. Modificando o ângulo visual, câmara enquadra o bando que chega do assalto, trazendo em sacos, dinheiro, jóias e objetos furtados da aldeia.

Subindo a bordo, em meio à impassividade dos que se encontram no cais, Rídruejo, Zimaco e Juan Díaz vão guardar o "botim" no camarote, enquanto Aguirre se aproxima do comandante e pergunta:

AGUIRRE: É a avaria, comandante?!

CAPITÃO CARUANA: Falta pouco. Vamos partir logo!

AGUIRRE: Antes disto, Capitão, quero que o senhor tome uma providência!

CAPITÃO CARUANA: Que tipo de providência?...

AGUIRRE: O senhor vai saber agora. Venha comigo!

Antes de se afastar com o comandante, Aguirre faz um sinal aos

companheiros, que o seguem.

EXTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - DIA

295. Fixado em plano-médio, o grupo de invasores segue Aguirre, caminhando ao lado do comandante do navio e do oficial de quarto.

Descendo ao convés inferior, Aguirre diz ao comandante:

AGUIRRE: O navio não faz mais escalas até Tefé.  
E como tem excesso de peso...

296. Primeiro-plano de Aguirre é do Capitão. O chefe do bando continua:

AGUIRRE: ... vamos jogar fora a carga e desembarcar os passageiros de terceira-classe!

O Capitão, atônito, pára de caminhar e retruca, nervoso:

CAPITÃO CARUANA: Mas... isto não é possível! É um crime, um absurdo! Lançar fora a carga e os passageiros?! Por que isto?!...

AGUIRRE: Estamos com pressa! Com tanto peso a viagem não rende!

CAPITÃO CARUANA: Mas isto é contra a lei, é um ato ilegal, desumano!...

AGUIRRE: Não me interessa sua opinião! Tomamos esta decisão, e é para valer!

Diante das armas, que os foragidos lhe apontam, o comandante não tem outra alternativa, e desce ao pavimento inferior.

INTERIOR - CONVÉS INFERIOR - DIA

297. No salão dezenas de passageiros estão estendidos nas redes, cochilando.

Chegando ao local, o comandante manda um marinheiro soar uma sineta.

SOM - Sineta soando, forte. Depois ouvem-se vozes, choro de crianças, vozerio.

O som da sineta acorda os viajantes, que saltam das redes, assustados.

Estabelece-se ligeira confusão, logo dominada pela voz possante do comandante, que explica:

CAPITÃO CARUANA: Façam silêncio, por favor!

SOM - Cessam choro e vozerio. Em segundo-plano, ruídos do motor e da quilha sulcando o rio.

O comandante continua:

CAPITÃO CARUANA: Como vocês sabem, este navio foi invadido por foragidos da Penitenciária de Iquitos!

Aguirre, irritado com o teor da fala do comandante, afasta-o com certa violência e, ele próprio, toma a palavra:

AGUIRRE: Isto agora não interessa! O que vim dizer é que vocês vão ter de abandonar o navio, agora! Há excesso de peso! Vamos, apanhem suas coisas, e podem ir saindo!

298. De outro ângulo, focalizando o salão ligeiramente do alto, câmera documenta a enorme confusão que se segue à fala intempestiva do presidiário.

Incrível gritaria tem lugar, ampliada pelo choro das crianças e das mulheres.

A multidão, protestando como pode, recusa-se a deixar a embarcação, alçando a voz:

UM VELHO: É um absurdo! Pagamos passagem!

UMA MULHER: Deus do céu! Estes homens estão loucos!

UM JOVEM: Não podem fazer isto com a gente!

OUTRO VELHO: Não têm direito!

SOM - Gritos, protestos, vozerio, choro de crianças.

299. A nível normal, câmera incia lento "travelling" para a frente, percorrendo o salão, captando reações coléricas e assustadas dos passageiros, súplicas de velhos, choro de mulheres e crianças.

Aguirre, temendo o agravamento da situação, aponta para cima o cano da metralhadora e faz uma rajada.

Depois, no silêncio instantâneo que se faz, ergue a voz, enfurecido:

AGUIRRE: Vamos parar com esta gritaria! Vamos acabar com esta bagunça! Se não deixarem o navio, ime-

diatamente, começamos a atirar, e desta vez não será para cima! Vamos, vamos saindo!!!

300. Plano-geral do salão e dos passageiros que, intimidados, compreendendo que os bandidos podem cumprir a ameaça, começam a abandonar o recinto, apressadamente, levando sua humilde bagagem: pacotes, embrulhos, trouxas, gaiolas de passarinhos, bodes, cabras, bezerros, porcos, etc.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - DIA

301. No convés superior um grupo de passageiros, entre os quais se vêem o Coronel Possidônio e família, as duas religiosas, Frei Massotti e o francês, Leroy, vem ao tombadilho, cheio de indignação e espanto.

O Coronel, muito exaltado, conversa com Frei Massotti:

CORONEL POSSIDÔNIO: É uma barbaridade, Frei Massotti! E ninguém pode fazer nada?!

FREI MASSOTTI: De fato, Coronel, é preciso fazer alguma coisa! Vou falar com aquela gente!

Mais adiante, também impressionadas com os acontecimentos, Irmã Berenice e Irmã Clotilde comentam:

IRMÃ BERENICE: Vou descer, irmã Clotilde! Aqueles infelizes precisam de nós!

IRMÃ CLOTILDE: São perigosos, Berenice!

IRMÃ BERENICE: Talvez falando com o senhor León...

IRMÃ CLOTILDE: São todos da mesma laia!

Berenice, apesar da advertência de Irmã Clotilde, encaminha-se também para a escada que conduz ao convés inferior, juntando-se a Frei Massotti.

INTERIOR - CONVÉS INFERIOR - DIA

302. Chegando ao pavimento inferior, seguido pela religiosa, Frei Massotti dirige-se a Aguirre e, nervosamente, lhe fala:

FREI MASSOTTI: O que o senhor está fazendo é ato de violência, uma ofensa a Deus!

Durante a fala de Frei Massotti, Irmã Berenice se aproxima de León Gimenez, junto aos outros invasores, fazendo menção de falar-lhe. Enquanto isto o missionário prossegue, veemente:

FREI MASSOTTI: Esta gente humilde não pode ser tratada como animal, tocada para fora como gado! Protesto, em nome de Deus!

Desprezando a interferência do sacerdote, Aguirre lhe dá as costas e caminha na direção dos companheiros.

Frei Massotti, contudo, também dá alguns passos e o detém com a mão, repetindo, exaltadíssimo:

FREI MASSOTTI: Não pode fazer esta barbaridade!!!

303. Primeiro-plano de Aguirre e do missionário.

Aguirre, enfurecido, afasta a mão do sacerdote e lhe diz, aos berros:

AGUIRRE: (lhe aqui, seu padre de merda!!! Não se meta comigo! Cai fora!!!

304. Plano-médio de Frei Massotti, Aguirre, Carvajal, Zimaco, León Gimenez e, mais ao fundo, de Irmã Berenice e alguns passageiros.

Apoplético, dominado pela indignação, o sacerdote grita para quem quiser ouvir:

FREI MASSOTTI: Vou descer com esta pobre gente!  
Não fico junto a esta corja de bandidos!!!

Nesse instante, reagindo ao insulto, Zimaco se adiante e aplica tremendo murro no rosto de Frei Massotti.

O missionário cambaleia, o rosto sangrando, mas não cai, pois Irmã Berenice vem ampará-lo, afastando-o do local.

309. EXTERIOR - PORTO DE FONTE BOA - DIA

305. Instalada em terra, próxima à prancha, câmera focaliza, em plano-geral, a descida dos últimos passageiros.

No meio deles, o lenço retendo o sangue, Frei Massotti também desce a rampa, solidário com os viajantes expulsos do navio.

Irmã Berenice volta para junto de Irmã Clotilde e, no convés, os invasores observam, armas em riste, o desembarque.

EXTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - DIA

306. Aguirre aproxima-se do comandante, parado diante da porta do refeitório, e lhe fala:

AGUIRRE: Agora jogue fora a carga! Depois podemos partir!

E se afasta, indo juntar-se aos companheiros.

F u s ã o

SEQUÊNCIA VIII

INTERIOR - REFEITÓRIO - NOITE

307. No salão de refeições do convés superior, os invasores esgotam o estoque de uísque, vinho e, finalmente, cachaça.

Tocando violão e entoando canções sul-americanas, León Gimenez anima o ambiente, enquanto os garçons, intimidados, servem doces e sanduíches.

Câmera, em "travelling", circula pelo recinto, captando flagrantes expressivos de fugitivos e passageiros.

Aguirre, num canto, pensativo, bebe vagarosamente uísque.

SOM - Cantiga de León, com acompanhamento de violão, risos, vozerio, etc.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

308. Instalada em carrinho, câmera percorre, em "travelling", o tombadilho do navio, mostrando os camarotes fechados, o corredor quase deserto.

Depois, em panorâmica, vai enquadrar a ponte de comando.

SOM - Ruídos em segundo-plano da festa dos presidiários.

INTERIOR - PONTE DE COMANDO - NOITE

309. Focaliza-se, no passadiço, o comandante, tendo ao lado o timoneiro, com quem conversa em voz baixa:

CAPITÃO CARUANA: Tenho um mau pressentimento, Jerônimo!... Acho que tudo isto ainda vai acabar mal!...

TIMONEIRO: E se a gente passasse ao largo, em Tefé, apitando?... O destacamento compreenderia que alguma coisa de grave está acontecendo...

CAPITÃO CARUANA: É muito arriscado, Jerônimo! Pode haver um morticínio! Esses bandidos são capazes de tudo!

TIMONEIRO: Mas isto não pode continuar assim, comandante!

CAPITÃO CARUANA: Há-de surgir uma solução, Jerônimo! É preciso paciência, esperar o momento certo para agir!

INTERIOR - REFEITÓRIO - NOITE

310. De volta ao refeitório, câmera revela agora o bando mais calmo.

Juan Diaz, Carvajal e Zimaco, embriagados, dormem sobre a mesa, enquanto Ridruejo continua a beber.

À certa altura, Aguirre faz um sinal para León e os dois deixam a sala.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

311. Alcançando o corredor dos camarotes, Aguirre e León vão recostar-se na amurada.

Respiram o ar mais fresco da noite, ficam algum tempo em silêncio.

Depois o venezuelano recomeça a tocar o violão.

Aguirre então pede:

AGUIRRE: Cante aquela música, León, aquela do homem que sumiu na noite...

León obedece e dá os primeiros acordes. Depois começa a cantar.

Câmera inicia lento "travelling"- avante, aproximando-se da cabina de Jussara, metros adiante.

SOM - Cantiga de León (a compor) e, em segundo-plano sonoro, ruídos do motor e da noite.

312. Primeiro-plano de León e Aguirre.

O chefe do bando, exaltado pela atmosfera romântica, criada pela música, e excitado pela bebida, tem os olhos fixos na cabina de Jussara.

De repente, tomando uma decisão, afasta-se do companheiro e se encaminha para a cabina.

313. Plano-americano e, depois, primeiro-plano de Lopo de Aguirre, aproximando-se do camarote de Jussara.

Quando chega diante dele, pára, tenso, excitado. Depois estende a mão e toca a maçaneta da porta.

Câmera panoramiza para baixo e vai detalhar a mão de Aguirre, torcendo a maçaneta e forçando a porta para dentro.

Desta vez a porta não está trancada e, lentamente, começa a abrir-se.

SOM - Canção de León sobe para primeiro-plano na trilha sonora.

INTERIOR - CAMAROTE DE JUSSARA - NOITE

314. Do interior do camarote, câmera detalha a porta que se abre, deixando surgir a silhueta máscula de Aguirre.

Câmera inicia lento "travelling" para trás, abrindo o quadro e mostrando Aguirre que entra, fecha e tranca a porta por dentro.

Depois, voltando-se na direção do leito, caminha alguns metros e es-taca, surpreso e excitado, olhando na direção de Jussara (em off).

315. Deixando Aguirre à direita do quadro, em 3/4 de perfil, enquadrado em primeiro-plano, câmera focaliza o leito sobre o qual Jussara, inteiramente nua, fica esperando.

A moça, delineada pela luz fraca que penetra pela escotilha, está estendida na cama, os compridos cabelos negros pousados no travesseiro, o corpo nu, jovem e rijo, tomado pela ~~decepcionante~~ excitação.

Seu colo arqueja, fremente, com um desejo desarrazoado que a domina e estremece.

316. Em contra-campo e posição de ligeiro "contre-plongée", câmera enquadra Jussara à esquerda, 3/4 de perfil e em primeiro-plano.

Aguirre, no fundo, começa a despir-se.

Retira, em primeiro lugar, a camisa; depois a calça, as meias, os sapatos, deixando surgir um corpo forte e musculoso.

Despindo-se, o líder dos fugitivos avança alguns metros, aproximando-se do leito.

317. Em nova angulação, instalada perto da escotilha, câmera focaliza o camarote em plano-médio.

Aguirre, de costas para a objetiva, retira a cueca e, inteiramente nu, aproxima-se da cama.

Mais para a esquerda do quadro, Jussara, palpitante, entrega-se à sensualidade, imóvel, atraída pelo homem.

SOM - A cantiga de León atinge momento dramático e romântico.

Aproximando-se mais, Aguirre encosta-se no leito, debruça-se e estende os braços para Jussara.

318. Completando, em "raccord" de movimento, seu gesto, Aguirre, enquadrado agora de mais perto, debruça-se sobre a cama e apanha o corpo de Jussara, que não oferece nenhuma resistência, trêmula e submissa.

Erguendo-o, como frágil objeto, Aguirre traz o corpo de Jussara para si, erigido de desejo.

Jussara, em gesto instintivo, afasta as pernas, oferecendo-se à posse.

Câmera avança, em "travelling", retirando ~~Jussara~~ <sup>Aguirre</sup> do quadro e indo enquadrar Jussara em primeiro-plano.

Seu rosto, no instante em que é possuída com força, contrai-se num ricto de gozo, sofrimento e prazer.

Depois a objetiva sobe e mostra os olhos semi-abertos, os cabelos em desalinho, a cabeceira da cama e, mais ao fundo, a escotilha do quarto.

Continuando o "travelling", câmara aproxima-se da escotilha e, por ela, vai enquadrar o corredor de cabinas, fracamente iluminado, e no qual caminha um vulto apenas delineado na obscuridade.

SOM - Passos no corredor e, em primeiro-plano, música cantada por León Gimenez.

EXTERIOR - CONVÉS SUPERIOR - NOITE

319. Fixando, em nova angulação, o corredor de cabinas, câmara conserva León Gimenez em primeiro-plano, à esquerda do quadro.

Do fundo, vagarosamente, vem chegando, com sua veste branca, Irmã Berenice.

Quando a identifica, cheio de surpresa, o venezuelano interrompe a serenata e fica esperando.

Parando diante dele, também enquadrada em primeiro-plano, Berenice pede, delicadamente:

IRMÃ BERENICE: Por favor, não pare! Estava tão bonito!...

León ergue de novo o violão e recomeça a tocar, mas desta vez sem cantar.

320. Em contra-campo, deixando Berenice à direita, em 3/4 de perfil, câmara focaliza León Gimenez de frente, ainda em primeiro-plano.

Depois de solar, por algum tempo, a mesma melodia da serenata, o presidiário pára de vez e pergunta, com ternura, em voz baixa, quase sussurrada:

LEÓN GIMENEZ: Gosta de música?...

IRMÃ BERENICE: Muito! Papai também tocava violão, e eu adorava, desde pequena, ficar ouvindo na varanda de casa...

LEÓN GIMENEZ: E onde era sua casa?...

IRMÃ BERENICE: Em Crato, no Ceará... Nasci lá...

321. Transferindo-se para o fundo do corredor, câmara enquadra todo o convés.

Em primeiro-plano se avista a cabina ocupada pelas duas religiosas. No centro e à direita, o corredor e, no fundo do quadro, iluminados apenas por uma lâmpada que pende do teto, perto deles, León Gimenez e a Irmã Berenice, cujo diálogo não se ouve, pela distância.

É quando a porta da cabina se abre e ~~uma~~ aparece o vulto de Irmã Clotilde, preocupada, procurando com os olhos a outra religiosa. Quan-

do a vê, em conversa com o venezuelano, não esconde o aborrecimento e, durante algum tempo, fica observando.

322. Em contra-campo com o plano anterior, câmara enquadra León e Berenice em plano-americano.

No centro e à esquerda do quadro, a linha em perspectiva das cabinas e, no fundo, protegida na obscuridade, Irmã Clotilde, diante da porta semi-aberta, atenta aos dois interlocutores.

Alheios à presença de Irmã Clotilde, León e Berenice continuam tranquilamente a conversar:

IRMÃ BERENICE: Durante estes dias estive observando você...

LEÓN GIMENEZ: Sei disso...

IRMÃ BERENICE: Você é muito diferente dos outros, León!... É discreto, mais sensível... Deve ter bons sentimentos...

Nesse ponto, discretamente, como surgiu, Irmã Clotilde volta ao interior da cabina, cuja porta fecha cuidadosamente.

323. Primeiro-plano de León e Berenice, com o presidiário ligeiramente favorecido.

León, recostando-se na amurada e desviando de Berenice o olhar, confessa, com certa melancolia:

LEÓN GIMENEZ: O que eu sou mesmo, Berenice, é um sentimental!...

Depois completa, baixando o tom de voz, quase com angústia:

LEÓN GIMENEZ: Tão sentimental que cheguei a cometer um crime!...

Berenice, condoída, aproxima-se um pouco mais e então lhe diz, com uma inflexão de voz cheia de compreensão e solidariedade:

IRMÃ BERENICE: Você matou porque amava, León. Mas matou, e deve pagar por isto! Ninguém fica impune perante Deus!

Aproxima-se de León ainda mais e lhe fala quase ao ouvido, com voz de piedade e amor:

IRMÃ BERENICE: Você não vai conseguir fugir de si mesmo, León! Só tem uma saída: entregar-se às autoridades, pagar pelo que fez!

324. Depois de ouvir as palavras candentes de Berenice, León Gimenez, enquadrado agora em primeiríssimo-plano, volta-se transtornado para ela e exclama, aflito:

LEÓN GIMENEZ: Você me pede que abandone os companheiros, Berenice?!... Isto seria uma covardia, uma traição!

325. Também enquadrada em primeiríssimo-plano, Irmã Berenice insiste, solidária, quase amorosamente:

IRMÃ BERENICE: Não seria uma traição, León! É muito menos covardia! Ao contrário, seu gesto seria de coragem, e a redenção de sua consciência!

326. Abrindo o quadro e focalizando os dois interlocutores em plano-americano, câmera mostra León Gimenez em luta consigo mesmo, calado, imerso em dúvida.

À certa altura, para evitar o olhar penetrante e cheio de amor e generosidade da religiosa, o venezuelano quase lhe dá as costas e, depois de algum tempo em aflito silêncio, volta a falar:

LEÓN GIMENEZ: Se eu me entregar, Berenice, volto para aquele inferno de Iquitos!

A religiosa aproxima-se mais do venezuelano, o rosto radiante de fé e carinho.

Depois, inesperadamente, toma-lhe a mão, amorosamente, e lhe fala:

IRMÃ BERENICE: Juro, León, que vou lutar com todas minhas forças para você ficar no Brasil, aqui pagar sua culpa e, depois, recuperar sua liberdade!

Câmera inicia lento movimento de aproximação, em carrinho, até fixá-los em primeiro-plano.

Durante o "travelling" se verá o venezuelano que, extremamente comovido, ergue a mão de Berenice e, carinhosamente, a beija, enquanto ela lhe diz, quase chorando:

IRMÃ BERENICE: Nesse dia, León, você me verá diante da prisão...

No intenso e palpitante silêncio que se faz, câmera recua alguns metros e, através de panorâmica, vai enquadrar o rio banhado pelo luar, a floresta compacta, de onde se ouvem gritos de pássaros e animais.

SOM - Sobe, na trilha sonora, solo de violão, com melodia romântica, de mistura com a misteriosa sonoridade da noite equatorial.

EXTERIOR - BARRANCO À BEIRA-RIO - NOITE

327. Do alto de um barranco, à margem do Solimões, câmera enquadra o "Amazonas" em plano-geral, descendo o rio.

Depois, seguindo-o em panorâmica, amplia pouco a pouco o quadro para grande-plano-geral.

O barco parece flutuar, suavemente, afastando-se no rio como uma pétala.

SOM - O solo de violão vai pouco a pouco desaparecendo, subindo para primeiro-plano sonoro, os sons misteriosos da selva.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQUÊNCIA IX

EXTERIOR - PROXIMIDADES DE TEFÉ - MANHÃ

328. Instalada em avião, ou helicóptero, câmera enquadra, de muito alto, a paisagem impressionante da planície, com seus infindáveis cursos d'água, a mata gigantesca, cortada pelo labirinto de braços tortuosos da massa líquida.

Depois aproxima-se do Solimões, que refulge ao sol causticante, e mostra o navio "Amazonas". Bem ao fundo, à beira-rio, surge o casario da cidade de Tefé.

Descendo sempre, câmera focaliza do avião o navio que se aproxima, silvando, da cidade ribeirinha.

SOM - Silvos prolongados do "Amazonas".

A "tomada" aérea se conclui quando o aparelho (avião ou helicóptero) estiver próximo da chaminé do navio, mostrando, de relance, o tombadilho, o castelo de popa, o talhamar rompendo as águas.

EXTERIOR - PROX. DO NAVIO - MANHÃ

329. Instalada na proa do "Amazonas", câmara enquadra, em plano-geral, a frente da embarcação.

Perto da amurada e da escada que leva ao pavimento inferior, Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Zimaco e León Gimenez aguardam, tensos, a chegada a Tefé.

EXTERIOR - LOCAIS DO NAVIO - MANHÃ

330.331.332.

333.334.335. - Deslocando-se por diversos ~~locais~~<sup>pontes</sup> do navio, câmara registra o estado de tensão e expectativa que antecede a chegada ao porto fluvial.

Flagrantes de passageiros e tripulantes, tensos, observando a cidade, cada vez mais próxima; detalhes das primeiras manobras de atracação; de Ridruejo, arma em riste, fiscalizando o rádio-operador; do piloto, manobrando a roda do leme; de Berenice, observando, de longe, a figura enigmática de León; detalhes das hélices que desaceleram, além de planos de inspiração local, documentarão a chegada ao embarcadouro em meio à atmosfera dramática de expectativa.

EXTERIOR - CAIS DE TEFÉ - MANHÃ

336. No cais de Tefé, em meio à multidão que aguarda a atracação do "Amazonas", câmara enfatiza a aproximação do barco, que silva, festivo, como se nada de anormal ocorresse em seu interior.

SOM - Silvos prolongados do navio predominam sobre os ruídos ambientais.

EXTERIOR - CONVÉS DO NAVIO - MANHÃ

337. O bando de invasores, vendo o navio quase ancorado, aproxima-se do portaló. Além das armas, camufladas em sacos, paletós e jornais, carregam também munição, dinheiro e objetos roubados.

EXTERIOR - PORTO DE TEFÉ - MANHÃ

338.339.340.

341.342.343. - Nova série de planos de "intercut" documenta a chegada do "Amazonas" ao ancoradouro de Tefé.

A objetiva, fixando aspectos característicos das manobras de atracação e a movimentação de carregadores, vendedores, portuários e toda a heterogênea população ribeirinha, à certa altura revela, meio escondido num canto, a figura surpreendente de Odorico Munhoz, atento à aproximação do barco.

EXTERIOR - CONVÉS INFERIOR - MANHÃ

344. A bordo, enquanto isto, Aguirre e companheiros preparam, em cris-

pante expectativa, a descida ao porto, iniciando a etapa final do plano de fuga.

Câmera, em lento "travelling", acerca-se dos fugitivos e deles capta um diálogo nervoso, dito à meia-voz:

AGUIRRE: Só atirem em último caso! Se o avião demorar, a gente volta ao navio e apanha alguns reféns, até que chegue!

Com gesto discreto, Juan Diaz aponta para a margem do rio, diante do trapiche, e explica:

JUAN DIAZ: O "Catalina" pára naquela enseada, em frente ao trapiche...

CARVAJAL: E quanto tempo demora?

JUAN DIAZ: Meia-hora, se tanto! O tempo para apanhar carga, passageiros e combustível.

AGUIRRE: Se tudo der certo, e tem de dar, daqui a pouco estamos voando! E será a liberdade para o resto da vida!

#### EXTERIOR - PORTO DE TEFÉ - MANHÃ

345. Da plataforma do porto enquadra-se agora a manobra final de atracação do "Amazonas".

A prancha é içada e, antes que as autoridades subam a bordo, os invasores começam a descer.

Angustiado, com o rosto banhado em suor, León Gimenez lança um olhar ansioso para a Irmã Berenice, que o observa do convés superior.

Nesse exato instante, surgindo por trás de edifícios e de ruas que desembocam no cais, uns vinte soldados e dez civis, fortemente armados, inclusive Odorico Munhoz, correm celeremente na direção do navio.

#### EXTERIOR E INTERIOR - PORTO E NAVIO - MANHÃ

346.347.348.349.

350.351.352.353. - A nova série de planos, registrados de diferentes angulações e locais do porto e do interior do navio, documenta, a seguir, a dramática e ruidosa batalha que é deflagrada entre presidiários e o grupo repressor de brasileiros.

Estes, sob o comando de um Tenente do destacamento de Tefé, investem violentamente pelo cais, armas engatilhadas e, próximos dos fugitivos, dão-lhes ordem de prisão.

O que sucede é inesperado e extremamente violento: Aguirre e seus companheiros, pegos de surpresa, antes de chegar ao cais recuam na escadaria, sacam as armas e retornam ao convés do "Amazonas", atirando furiosamente em todas as direções, provocando pânico e enorme confusão.

SOM - Tiros, rajadas de metralhadoras, gritos, correias.

Dezenas de populares, aglomerados no cais, correm espavoridos em busca de abrigo. Alguns tombam, varados pelas balas disparadas pelos presidiários.

Protegendo-se por trás de troncos de árvores, fardos de mercadoria, veículos e toras de madeira, o grupo de Tefé revida ao ataque, disparando suas armas.

A batalha estala, cruenta, entre brasileiros e peruanos.

Deslocando-se, como alucinados, pelo interior do navio, os invasores voltam sua fúria também contra passageiros e tripulantes, a quem acusam, aos berros, de traição.

Uma rajada mata, no tombadilho, um oficial do navio, enquanto dois passageiros, gravemente feridos, arrastam-se no convés, gemendo.

Atingido no peito, Carvajal cai morto num canto, banhado em sangue. Sua morte, presenciada por seu melhor amigo, leva Aguirre ao paroxismo da fúria.

De pé, vociferando palavrões, o líder do grupo aponta a metralhadora contra os brasileiros que, no ancoradouro, continuam a atirar.

Uma rajada derruba três deles, inclusive Odorico Munhoz, atingido na cabeça.

A terrível fuzilaria estronda na planície, trazendo pânico à cidade.

Para buscar uma posição mais estratégica, os sobreviventes do bando invasor sobem correndo a escadaria que leva ao convés superior.

É nesse instante que, surgindo da popa, Capitão Caruana precipita-se na direção de Carvajal, caído de borco, arrebatando a metralhadora e começa a atirar, como possesso, contra os presidiários.

Quando Irmã Berenice percebe que a arma, empunhada pelo comandante, se volta na direção de León Gimenez, sai correndo para adverti-lo do perigo. O que faz, no entanto, é interpor-se entre a arma e o venezuelano. E ela, desgraçadamente, tomba rasgada pela rajada de metralhadora, manchando-se de sangue sua veste branca.

León Gimenez, desesperado, corre na direção da religiosa. Antes que a alcance, no entanto, também é atingido por outra carga, e morre instantaneamente, a poucos centímetros de Berenice.

Aguirre e Juan Diaz, que presenciaram a morte de Berenice e do venezuelano, assestam suas armas contra Caruana e o fuzilam entre berros e palavrões.

Depois, gritando como alucinados, Aguirre, Juan Diaz, Bidruejo e Zimaco começam a atirar em todas as direções, inclusive contra passageiros, como o Coronel Possidônio, que é crivado de balas.

Jussara, desesperada, vai socorrer o pai, enquanto Dona Hortênsia, parada num canto, como se tivesse enlouquecida, nada faz.

Eis quando, aproveitando um momento de descuido dos presidiários,

o grupo armado de Tefé sobe correndo a prancha e chega ao convés inferior, atirando sem parar.

Ridruejo e Zimaco, com a munição exgotada, tombam crivados de balas, enquanto Aguirre e Juan Diaz, únicos sobreviventes, deslocam-se de um lado para outro, lutando furiosamente.

À frente de seus comandados, o Tenente do destacamento de Tefé sobe ao convés superior e atira contra os dois invasores.

Ferido no peito, Juan Diaz cambaleia e esbraveja como alucinado:

JUAN DIAZ: Perros malditos!!! Vocês não me pegam, filhos da puta!!!

Aguirre percebe que a situação está perdida e, inesperadamente, sem que ninguém o detenha, dispara sua arma e sai correndo na direção de Jussara, perto da popa.

Antes que ela própria se dê conta, o último sobrevivente enlaça-a e a conduz à amurada da popa.

Nesse instante, surgindo no céu da planície, o avião "Catalina" aproxima-se de Tefé, preparando a amerissagem.

SOM - Estampidos de tiros e, em segundo-plano, ruído do motor do "Catalina".

#### EXTERIOR - POPA DO NAVIO - MANHÃ

354. Enquadra-se, em plano-médio, Aguirre e Jussara, chegando à amurada da popa.

Aguirre, com um sorriso de ironia, ainda tem tempo <sup>de</sup> olhar o avião que já vai descendo. Depois alcança a amurada, pronto para saltar.

Antes que o faça, no entanto, os soldados de Tefé chegam ao convés superior e correm para impedir sua fuga.

Aguirre, contudo, já subiu na amurada, pronto para saltar, levando Jussara consigo.

Nesse instante o Tenente de Tefé dá uma rajada e atinge Aguirre nas pernas. O presidiário, mesmo ferido, ainda tem forças para se erguer e, arrastando Jussara, lançar-se ao rio.

355. Câmera, em angulação do alto-para-baixo, registra a queda espetacular de Aguirre e Jussara, utilizando a técnica da câmera-lenta (motor em "high-speed").

356. Em angulação de contra-campo, câmera, instalada no rio, focaliza, de baixo-para-alto, também em câmera-lenta, a queda e o mergulho de Aguirre e Jussara no rio Solimões.

Os dois, afundando no rio, logo depois voltam à tona.

357. De novo instalada na popa do navio, agora em velocidade normal,

câmera focaliza, em "plongée", o presidiário e Jussara no rio Solimões.

Com fortes braçadas, seguido pela câmera em panorâmica, Aguirre arrasta Jussara à margem oposta ao cais, com vontade imbatível, aproximando-se da floresta.

EXTERIOR - RIO SOLIMÕES - MANHÃ

358. De um barco, quase ao nível do rio, câmera enquadra de frente o foragido e sua presa.

Com esforço sobre-humano, Aguirre continua a nadar, arrastando consigo a filha do fazendeiro, aproximando-se da margem do rio.

Solta grunhidos e palavras desconexas, e seu rosto, manchado de sangue e suor, revela enorme determinação.

EXTERIOR - POPA DO NAVIO - MANHÃ

359. De novo montada num canto da popa do "Amazonas", câmera focaliza em plano-americano, ligeiramente do alto, um grupo de soldados. No fundo do quadro pode-se ver Aguirre e Jussara, mais próximos da margem.

Um dos soldados, apontando o fuzil-metralhadora na direção do fugitivo e sua presa, prepara-se para atirar. Mas o Tenente, comandante da escolta, o impede, dizendo:

TENENTE: Não atire, Josias! Pode ferir aquela moça!

---

SEQUÊNCIA X

EXTERIOR - MARGEM DO RIO - MANHÃ

360. De um barranco, junto à selva, câmera focaliza Aguirre que se aproxima, arrastando Jussara pelo rio.

Mesmo ferido, o fugitivo, com esforço desesperado, dá grandes braçadas até alcançar, extenuado, a margem do rio.

Depois sobe o pequeno barranco e, arrastando as pernas baleadas, penetra na selva.

EXTERIOR - SELVA - MANHÃ

361. Em enquadramento de primeiro-plano, câmera acompanha, em "traveling" para trás, a caminhada de Aguirre e Jussara floresta adentro.

A vegetação espessa dificulta-lhes os passos na selva, ferindo-os com galhos e espinhos.

Aguirre, no entanto, com vontade inquebrantável, junta as forças que lhe restam e avança sempre, puxando Jussara pela mão, gemendo e vociferando palavras inteligíveis.

Mais adiante, numa depressão do terreno, tomba exausto, encharcado de sangue e suor, o corpo rasgado pelos espinhos.

Depois recosta-se no tronco de uma árvore, extenuado.

Câmera interrompe o "travelling" e, através de panorâmica, vai enquadrar Aguirre e Jussara em primeiro-plano.

A moça, estranha, calada, o olhar imobilizado num ponto, nada faz, como se tivesse perdido a razão.

Há, em volta dos dois, um silêncio dramático, expectante. Nenhum pássaro canta, nenhum animal se move. Só o vento sibila na copa das árvores.

SOM - Sibilar do vento na copa das árvores.

362. Favorecendo, em novo enquadramento, o rosto de Jussara, em primeiro-plano, câmera focaliza Aguirre, recostado na árvore, ofegante.

Jussara, ao ~~lado~~ lado, volta lentamente o rosto na direção do fugitivo e o fita, estranha, calada.

Aguirre, apesar da extrema fadiga, murmura:

AGUIRRE: Eles não me pegam!... Vou sumir na floresta, ninguém me encontra mais! Você vem comigo, muchacha!...

Recuando, em "travelling", câmera abre o quadro e mostra Jussara que, avistando um punhal, caído do bolso de Aguirre, ergue um pouco o corpo e, inopinadamente, apanha-o e, com força inesperada, enterra-o repetidas vezes no corpo do presidiário, que solta um grito lancinante de dor.

SOM - Imediatamente ao grito espantoso de Aguirre, sobe na trilha sonora o forte ruído de centenas de pássaros e animais que se põem a gritar, espavoridos, alçando vôo e fugindo na selva.

Jussara, perdendo forças, ainda esfaqueia o amante. Até que, exausta, deixa tombar o braço.

Aguirre está caído, morto, em meio a uma poça de sangue.

Depois a moça se levanta e começa a se afastar na mata.

363. Modificando a angulação, câmera mostra Jussara que se afunda na selva.

Só que, em vez de retornar ao rio, e a Tefé, embrenha-se cada vez mais na floresta.

364. Fixando Jussara em primeiro-plano e acompanhando-a em "travelling"-atrás, câmara registra a dramática caminhada da moça mata-adentro, enfatizando-lhe o olhar estranho e desfigurado.

SOM - Ruídos de passos, vento, pássaros e animais na selva.

365. Em enquadramento oposto, câmara focaliza Jussara por trás, afastando-se na mata espessa.

Instalada em grua, câmara começa a erguer-se, fixando o tronco e as folhagens das grandes árvores da selva.

No fundo, desaparecendo pouco a pouco, Jussara é o único ponto movente no impressionante mundo vegetal.

SOM - Cresce, na trilha sonora, a impressionante sonoridade da selva tropical: vento, sibilando na copa das árvores, cantos, gritos e guinchos de pássaros e animais.

366. Sem interromper o movimento ascendente da "tomada" anterior, câmara, instalada agora em helicóptero, sobe cada vez mais, ultrapassando a linha das árvores.

Depois, subindo sempre, afasta-se daquele trágico lugar e focaliza, de muito alto, a floresta compacta, rasgada pelos grandes rios.

Sobre esta imagem imprime-se, em rotativo, os créditos finais do filme.

SOM - Sobe, forte, música para final.

F I M

---

Rio de Janeiro,  
setembro de 1976 e  
janeiro de 1981.

*Geraldo Santos Pereira*  
Geraldo Santos Pereira

(Direitos autorais registrados na  
Biblioteca Nacional e Embrafilme).